

MÔNICA CIDELE DA CRUZ

“POVO Umutína: A BUSCA DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL”

“UMUTÍNA PEOPLE: THE SEARCH OF LINGUISTIC AND CULTURAL IDENTITY”

**CAMPINAS
2012**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

MÔNICA CIDELE DA CRUZ

**POVO UMUTÍNA:
A BUSCA DA IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL**

Orientador/Supervisor: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori

***“UMUTÍNA PEOPLE: THE SEARCH OF LINGUISTIC AND
CULTURAL IDENTITY”***

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Doctorate thesis presented to the Language Studies Institute from University of Campinas to obtain the Ph.D. in Linguistics.

CAMPINAS

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

<p>Cruz, Mônica, 1968- Povo Umutína : a busca da identidade linguística e cultural / Mônica Cidele da Cruz. -- Campinas, SP : [s.n.], 2012.</p> <p>C889p</p> <p>Orientador : Angel Humberto Corbera Mori. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.</p> <p>1. Língua Umutina - Fonologia. 2. Língua Umutina - Morfologia. 3. Língua Umutina - Ortografia e silabação. 4. Língua Umutina - Gramática comparada - Boróro. 5. Língua materna. 6. Memória. I. Corbera Mori, Angel H., 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.</p>

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Umutína people: the search of linguistic and cultural identity.

Palavras-chave em inglês:

Umutina language - Phonology

Umutina language - Morphology

Umutina language - Orthography and spelling

Umutina language - Comparative grammar - Bororo

Native language.

Memory

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutora em Linguística.

Banca examinadora:

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Wilmar da Rocha D' Angelis

Suzy Maria Lagazzi

Stella Virgínia Telles de Araújo Lima

Valéria Faria Cardoso

Data da defesa: 28-08-2012.

Programa de Pós-Graduação: Lingüística

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, em sessão pública realizada em 28 de agosto de 2012, considerou a candidata MÔNICA CIDELE DA CRUZ aprovada.

BANCA EXAMINADORA:

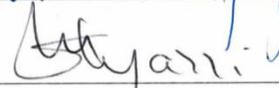
Angel Humberto Corbera Mori



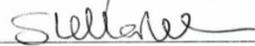
Wilmar da Rocha D' Angelis



Suzy Maria Lagazzi



Stella Virginia Telles de Araujo Pereira lima



Valéria Faria Cardoso



José Leonildo Lima

Aline da Cruz

Beatriz Christino Protti

IEL/UNICAMP
2012

DEDICATÓRIA

Ao guerreiro povo Umutina

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus, fonte de amor e sabedoria que conduz as nossas vidas.

À comunidade Umutina pela acolhida carinhosa durante todas as etapas da minha pesquisa de campo, em especial, ao senhor Joaquim Kupodonepá e ao senhor Antônio Apodonepá, meus colaboradores e agora, meus amigos.

A senhora Elza, esposa do senhor Joaquim, pelo carinho e bondade com que sempre me tratou, aceitando-me em sua casa.

Aos filhos e netos da família Kupodonepá.

Aos pequeninos Umutina: Keyla, Laynara, Natály, Hugo, Ítalo, Icaro, Gabriel e tantos outros que é impossível nomear.

A toda família do senhor Luiz Gonzaga, Dona Vera, Vanildo, Luciano, Luizinho, Val, Valdivirene e Vagner. Obrigada a todos!

Mais uma vez, obrigada, Dona Vera, pela acolhida amiga e carinhosa em sua casa.

A todos os professores da Escola Indígena Julá Paré, em especial, aos professores Luizinho e Valdivino pelas entrevistas concedidas.

A minha querida amiga Hellen de Souza, por me apresentar aos Umutina pela primeira vez em 2008. Obrigada por esse presente em minha vida.

Ao Angel, meu orientador e também amigo, pois a relação de orientador e orientando se faz de amizade, confiança e carinho. Obrigada, professor pelos momentos de leitura e discussão. Obrigada pela paciência e pela dedicação. A você, minha gratidão e admiração sempre.

A todos os colegas e amigos do Dinter: Águeda, Elizete, Lucimar, Paulinho, Sandra Straub, Sandra Raquel, Marilda, Nilce, Jocineide, Taisir, Rosimar, Marcelo, Mirami, Gleide, Sílvia, Marystela, Joelma, Mazé e Isaías.

A professora Cláudia Pheiffer pelas valiosas sugestões durante a qualificação deste trabalho.

Aos professores que ministraram disciplinas no Dinter: Eduardo Guimarães, Suzi Lagassy, Cláudia Pheiffer, Tânia Alckimin, Sônia Cirino e a Mônica Zoppi.

À querida Vera Regina, nossa coordenadora, pelo apoio e por nos acompanhar nestes quatro anos de trajetória.

A Ana Di Renzo, Olímpia e Ana Luíza pelo apoio durante a realização desta qualificação.

Ao professor Wilmar D'Angelis pela troca de ideias via e-mail no início dessa caminhada e por participar da minha qualificação e defesa.

A todos os professores que, gentilmente, aceitaram o convite para fazer parte da minha banca de defesa.

Um agradecimento especial, também, à professora Stella Telles que muito contribuiu para esta pesquisa. Obrigada, professora, pela leitura carinhosa do meu trabalho.

À Suzi Lagazzy pelos apontamentos discursivos em meu trabalho. Obrigada de coração, professora!

À Valéria Faria Cardoso pelos apontamentos e sugestões na banca de defesa. Obrigada, professora!

As minhas filhas Moniele e Heloísa e ao meu esposo Castro, os três aconchegos em minha vida. Amo vocês!

Aos meus pais João e Lúndalva e aos meus irmãos Fátima e Edílson pelo amor, pela força e apoio sempre. Minha família amada!

Aos meus sobrinhos Aline, Amanda, Patrick, Léo e Nataly. Obrigada pela força, pela alegria e pelos abraços reconfortantes. Amo vocês!

Ao meu pequenino “Bu”, que me trouxe tanto amor e alegria. Meu priminho lindo e amado! Nosso amor será pra sempre!

Ao primo Giovani, pelo carinho e ternura de criança.

A minha amada tia Josina, pelo carinho, pelo amor e por ter me acolhido em sua casa com toda a minha família durante o período de estágio em Campinas.

Aos primos e primas de Santa Bárbara e Americana. Obrigada pelo carinho, pelo apoio e pelas palavras de incentivo.

Aos funcionários da Pós-graduação pelo carinho e por ter sempre nos recebido com tanta atenção e carinho. Meu agradecimento carinhoso a todos vocês!

À FUNAI, por conceder a minha entrada na área indígena Umutina para a realização da pesquisa de campo.

À FAPEMAT e à CAPES pela bolsa de estudos concedida para a realização do estágio na Unicamp.

A UNEMAT pela oportunidade de cursar meu doutorado na Unicamp.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que direta ou indiretamente contribuíram para esta conquista acadêmica.

Obrigada a todos!

RESUMO

Esta tese tem por objetivo apresentar: 1. uma reanálise de aspectos fonéticos e fonológicos da língua Umutína, a partir dos trabalhos de Lima (1995) e dos vocabulários de Schmidt (1941) e Schultz (1952), além dos dados coletados em minha pesquisa de campo na aldeia Umutína; 2. um estudo das publicações prévias sobre a língua e sobre o povo, bem como a descrição fonológica das listas de palavras da língua; 3. um estudo comparativo sobre o parentesco genético entre a língua Umutína e Boróro; 4. uma proposta ortográfica para a língua; 5. aspectos da morfologia referentes ao processo de formação de palavras denominado composição; e por fim, 6. uma abordagem discursiva sobre os traços da língua materna presentes nas práticas discursivas do povo Umutína, a partir das noções de memória discursiva e memória da língua, baseada nos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa. Em anexo, apresento uma amostra do *corpus* de dados sincrônicos analisados e a reprodução dos vocabulários de Schmidt e Schultz, já citados anteriormente.

Palavras-chave: 1. língua Umutína, 2. parentesco genético, 3. aspectos fonológicos e morfológicos, 4. ortografia, 5. memória da língua.

ABSTRACT

This thesis aims to present: 1. a review of phonetic and phonological aspects of Umutina language, from the works of Lima (1995) and vocabularies of Schmidt (1941) and Schultz (1952), besides data collected in my own fieldwork in the Umutina village; 2. a study of previous publications about the language and the people, as well as the phonological description of the lists of words in the language; 3. a comparative study about the genetic relatedness between Umutina and Boróro languages; 4. an orthographic suggestion to the language; 5. some points of morphology with reference to process for the formation of words called compounding; and finally, 6. a discursive approach about the language (mother-tongue) traits present in the discursive practices of the Umutina people, from the notions of discursive memory and memory of the language, based on Discourse Analysis (AD). A sample of the present *corpus* of synchronous data analyzed and playback of the vocabularies of Schmidt and Schultz, previously mentioned, are attached.

Keywords: 1. Umutina language, 2. genetic relatedness, 3. phonological and morphological traits, 4. orthography, 5. memory of the language.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
Os caminhos da pesquisa.....	04
Organização estrutural do trabalho.....	06
1. POVO UMUTÍNA: nos caminhos da história.....	07
1.1 Aspectos sociais.....	10
1.2 O contato.....	16
1.3 <i>Julá Paré</i> : símbolo de memória e resistência.....	18
1.4 Os Umutína hoje.....	20
2. PARENTESCO GENÉTICO DA LÍNGUA UMUTÍNA.....	23
2.1 Comparação lexical entre Umutína e Boróro.....	27
2.2 Fones consonantais das línguas Umutína e Boróro a partir da comparação de Rodrigues (2007).....	34
2.3 Vogais e suas respectivas correspondências.....	34
2.4 Semelhanças e diferenças entre as duas línguas.....	37
3. PUBLICAÇÃO SOBRE A LÍNGUA E O POVO UMUTÍNA E UMA ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LISTAS DE PALAVRAS.....	39
3.1 Schmidt (1941).....	40
3.2 Schultz (1952).....	44
3.3 Lima (1995).....	48
3.4 Maia (2003).....	49
3.5 Outras publicações.....	51

4.	APONTAMENTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA UMUTÍNA.....	53
4.1	Fonemas da língua Umutína em Lima (1995) e Telles (2007).....	53
4.2	Sistema fonético da língua.....	53
4.2.1	Descrição dos sons consonantais.....	54
4.2.2	Inventário dos sons vocálicos da língua Umutína.....	59
4.2.3	Descrição fonética dos sons vocálicos.....	59
4.3	Aspectos fonológicos da língua Umutína.....	61
4.3.1	Quadro dos fonemas consonantais da língua Umutína.....	62
4.3.2	Fonemas consonantais em Ambiente Idêntico.....	62
4.4	Variação.livre.....	64
4.5	<i>Tap ou.flap</i>	65
4.6	Fonemas vocálicos da língua Umutína.....	67
4.6.1	Fonemas vocálicos em Ambiente Idêntico.....	67
4.6.2	Fonemas vocálicos em Ambiente Análogo.....	68
4.7	Possíveis ditongos na língua.....	68
4.7.1	Ditongos decrescentes.....	69
4.7.2	Ditongos.crescentes.....	69
4.8	Algumas considerações sobre os dados analisados.....	70
5.	ORTOGRAFIA DA LÍNGUA UMUTÍNA.....	73
5.1	Grafemas consonantais com seus respectivos fonemas.....	77
5.2	Grafemas vocálicos com seus respectivos fonemas.....	78
5.3	Comparativo com a língua portuguesa.....	78
5.3.1	Representação gráfica dos fonemas consonantais e vocálicos.....	78
6.	ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA UMUTÍNA.....	81

6.1	Um breve retrospecto do estudo morfológico de Lima (1995) e Telles (2007).....	81
6.2	A formação de palavras: composição.....	82
6.2.1	Estrutura dos possíveis compostos da língua Umutína.....	83
6.3	Possíveis casos de Incorporação Nominal.....	87
7.	TRAÇOS DA LÍNGUA MATERNA NA MEMÓRIA DO POVO UMUTÍNA.....	91
7.1	Ensino da língua indígena na escola: o que dizem os documentos oficiais....	96
7.2	Traços da memória da língua Umutína nas práticas pedagógicas da escola...	99
7.3	Traços da memória da/na língua nas narrativas orais.....	110
7.4	Traços da língua no espaço virtual.....	114
7.5	Traços da língua em outros contextos discursivos: a entrevista.....	115
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
	ANEXOS.....	129

INTRODUÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou 2008 como o Ano Internacional das Línguas. E de acordo com a organização *Survival International*, das cinco mil línguas indígenas faladas no mundo, a maioria delas se encontra em risco de extinção, pois a cada duas semanas uma língua indígena morre. Neste triste quadro está a língua Umutina considerada quase extinta por conta do violento processo de “pacificação” a que foi submetido este povo em meados do século passado. O termo “pacificação” é entendido aqui, tal como foi discutido por Orlandi (1990), como uma intervenção no espaço do outro, no caso, no espaço do índio Umutina. Intervir para dominar, ou seja, “produzir apagamento da cultura indígena, anular qualquer forma de resistência; e a imagem que se tem do índio é a daquele que “deve” submeter-se ao branco, que “deve” reconhecer a autoridade do branco”. (ORLANDI, 1990, p.66).

Entre os sobreviventes Umutina, *Julá Paré*, o último falante da língua, morreu em 2004. Desde então, a vida e morte dele desencadearam na aldeia um processo singular de pesquisa, resgate e valorização linguística. *Julá Paré* teve um papel fundamental nessa busca pela revitalização da língua e cultura do povo, pois foi depois do seu regresso para a aldeia que os mais jovens começaram a se interessar mais pela língua, inclusive, nasceu a partir daí, o grupo “Nação Nativa Umutina”. Esse grupo, formado por jovens e crianças da comunidade, trouxe de volta o interesse do povo pela língua e pela cultura dos seus antepassados.

A língua Umutina é classificada como pertencente à família linguística Boróro, do tronco Macro-Jê. Atualmente, trinta dos últimos remanescentes Umutina vivem na terra indígena localizada entre os rios Bugres e Paraguai no Estado de Mato Grosso, a 15 km da cidade de Barra do Bugres, juntamente com diversas etnias, como: Paresi, Boróro, Nambikwara, Terena, Irantxe e Bakairi, totalizando aproximadamente 600 pessoas.

Foi, então, nesse contexto de ‘demanda’ dos Umutina por um trabalho linguístico capaz de fortalecer o projeto deles, que nasceu esta pesquisa intitulada: “Povo Umutina: a busca da identidade linguística e cultural”.

Inicialmente, o objetivo era o de estudar os procedimentos linguísticos utilizados pelo grupo de jovens da aldeia no processo de “revitalização” da língua indígena, porém, meu enfoque mudou de direção a partir do momento que passei a conhecer a real situação linguística e cultural do povo Umutína.

Nesse sentido, o que significa “revitalizar” uma língua que se encontra nessa situação linguística? Para os Umutína revitalizar significa colocar em funcionamento, mesmo que não seja de forma efetiva, a língua materna. “Nossa língua não morreu, ela está adormecida.”¹ Isso mostra a forte relação do índio Umutína com a língua materna que guarda um lugar em sua memória.

Os Umutína são monolíngues em português e, dentre os seus remanescentes, há apenas dois anciãos na aldeia, de 75 e 95 anos de idade, considerados por mim os “lembrantes” da língua. São lembranças de traços da língua que se resumem a pequenas frases e ao léxico, principalmente, ao léxico que nomeia elementos da fauna e da flora, como o nome de determinados animais e plantas. No início, alguns integrantes do grupo que participavam do projeto de “revitalização” cogitavam, inclusive, a possibilidade de voltar a falar a língua materna, mas infelizmente, isso é impossível, pois uma língua para a qual não há mais falantes, sua perda quase total, torna-a irrecuperável.

A partir dessa situação e depois de conversas com o grupo, direcionei meus estudos para a tentativa de recuperação do léxico que os dois anciãos Umutína ainda guardavam, além da revisão e complementação de trabalhos já realizados sobre a língua, como, por exemplo, as listas de palavras coletadas por antropólogos na época de contato com os Umutína.

É importante destacar aqui, que durante minha trajetória de pesquisa, alguns imprevistos aconteceram, como o término da grupo “Nação Nativa Umutína” que havia iniciado, juntamente com *Julá Paré*, o trabalho de revitalização da língua. O grupo que era composto por cerca de 25 jovens da aldeia não conseguiu se manter porque muitos deles que concluíram o ensino Médio saíram para estudar em várias Universidades do país ou

¹ Fala do índio Umutína Hélio Monzilar no GT; “Lingua(gens), ensino e cultura” durante o V Forum de Educação e Diversidade, realizado no período de 20 a 23 de setembro/2012 na Unemat.

ainda migraram para as cidades em busca de trabalho. Isso, infelizmente, interferiu parcialmente no trabalho linguístico que mantinha com o grupo.

O *corpus* de pesquisa é composto somente por listas de palavras de Schmidt (1941), Schultz (1962), Lima (1995), Maia (2003) e um pequeno vocabulário referente à fauna, flora e partes do corpo, coletado junto ao meu colaborador, o senhor Joaquim Kupodonepá. Minhas análises estão baseadas nos estudos de Pike (1971), Lieber e Štekauer (2005) e Aikhenvald (2007), Ladefoged, Maddieson (1996), Mithun (1984) e Umaña (2000). Além da descrição e análise linguística sobre aspectos da fonologia e da morfologia, parentesco genético e ortografia da língua, trato, também, da memória da língua, baseando-me no trabalho de Payer (2006), sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa. Talvez esse enfoque discursivo, por fugir um pouco dos padrões comuns das pesquisas de descrição de línguas indígenas, no capítulo final da tese, cause algum tipo de estranhamento aos futuros leitores deste texto. É que devido ao estágio atual da língua, é impossível realizar uma descrição completa em níveis fonológico, morfológico e sintático.

Segundo os Umutína, embora a língua materna deles não seja mais falada e não exerça mais a sua função comunicativa, ela ainda permanece viva na comunidade, seja por intermédio da escola, nos eventos culturais ou em algumas situações do cotidiano. Isso me chamou a atenção, assim direcionei um olhar discursivo sobre a presença ou não dessa língua nas práticas discursivas do povo Umutína, que foi violentamente interdita ao longo da história.

Outro fato que me chamou atenção, também, e que abordo no decorrer deste trabalho é a relação entre línguas, resultante da pluralidade linguística presente na aldeia Umutína. No currículo da escola indígena da comunidade, a língua Umutína designada como língua materna pelos professores, consta como disciplina obrigatória, por ser, segundo o professor Valdivino², a língua do povo originário do lugar.

Percebi, também, que há um conflito de identidade linguística em relação às duas línguas ensinadas na escola: língua portuguesa (L1) e língua materna (L2). Os

² Professor que ministra a disciplina de língua materna na escola.

professores sempre se referem à língua Umutína como língua materna, embora seja a L2 no currículo escolar. E apesar de o português ser a língua majoritária na aldeia, pois todos são monolíngues em português, resistem em utilizar o termo língua materna quando se referem a ela, porque segundo eles, o português é a língua do branco, imposta a eles pelo Estado. “Foi a língua que nos obrigaram a falar”, diz um dos professores. “A gente sabe que a língua número um da aldeia é o português. E a tendência é não voltarmos a falar fluentemente o idioma dos nossos pais e avôs. Mas acreditamos que é possível preservar a nossa língua mesmo que parcialmente”, declarou a professora Dulcinéia Tan Huare.

A partir das questões acima, baseada num trabalho anterior de Payer (2006), sobre memória da língua, minhas reflexões partirão do seguinte questionamento: Como a língua silenciada do índio Umutína encontra-se na memória histórica e nos processos de identificação em que o sujeito se inscreve? Por isso, minha justificativa para o último capítulo desta tese, no viés da Análise do Discurso de linha francesa.

Os caminhos da pesquisa...

A pesquisa de campo para a realização deste estudo baseou-se nas orientações sobre trabalho de campo descritas por Samarin (1967), em seu livro *Linguistic Fieldwork*. Em janeiro de 2008 ocorreu o meu primeiro contato com a comunidade indígena Umutína, ocasião em que conheci o grupo “Nação Nativa Umutína”, que na época desenvolvia um projeto de “revitalização” da língua e da cultura desse povo. Em outubro de 2009 recebi a autorização oficial da FUNAI, sob o número 84/CGEP/09 para ingresso em terra indígena e, a partir daí, obtive a aceitação da comunidade e das lideranças para a realização desta pesquisa. Desde então, passei a participar de algumas atividades do grupo e realizar visitas esporádicas na aldeia para um melhor entrosamento com a comunidade indígena. As sessões de trabalho de campo foram realizadas em julho de 2010, janeiro de 2011 e fevereiro de 2012.

Para um melhor planejamento dos trabalhos, as sessões foram organizadas em dois momentos: o primeiro foi dedicado ao léxico da língua e o segundo para a coleta de narrativas míticas e realização de entrevistas com professores da escola. Durante minha

estadia na aldeia, gravei, informalmente, algumas conversas de crianças e adultos para observar a presença da língua materna nessas práticas discursivas. As sessões de gravação para a coleta do léxico ocorriam no período da manhã e no período da tarde, de acordo com a disponibilidade do meu colaborador.

Nas duas primeiras sessões, coletei palavras isoladas relacionadas a partes do corpo humano, elementos da fauna e da flora, parentesco, objetos e pequenas frases. Os dados coletados foram gravados com o auxílio do aparelho digital Panasonic RRUS550. Cada gravação teve em média a duração de 40 minutos.

Após cada sessão, os dados eram transcritos em caderno de campo e depois transferidos para o programa Word (Oficce 2007). Para transcrição, utilizei as fontes com símbolos fonéticos do *International Phonetic Alphabet* (IPA). E para uma melhor segurança dos dados coletados, posteriormente, essas gravações foram digitalizadas e gravadas em CD.

Na medida do possível, quando havia alguma dúvida em relação a alguma pronúncia, procurava realizar algumas transcrições ainda em campo, com a colaboração do senhor Joaquim, que aceitava prontamente as minhas solicitações de auxílio. Porém, devido aos recorrentes lapsos de memória por parte dele, já bastante idoso, recorri, durante a coleta de dados, aos vocabulários de Schmidt (1941) e Schultz(1962) como fonte de apoio, para compará-los com o léxico fornecido pelo senhor Joaquim.

Em alguns momentos, para ativar a memória do meu colaborador, lia os termos registrados nos dois vocabulários, separados por campos semânticos (partes do corpo, fauna, flora, parentesco, objetos, etc). Muitas vezes durante a leitura, ele corrigia a pronúncia das palavras, o que ajudou bastante no trabalho de coleta.

Num segundo momento dediquei-me à gravação das narrativas, primeiramente com o senhor Joaquim e depois com o senhor Antônio Apodonepá. Ao todo foram gravadas cinco narrativas orais que, posteriormente, foram transcritas. Além dessas narrativas orais, faz parte do *corpus*, algumas entrevistas feitas com dois professores da escola indígena, algumas práticas de linguagem do dia-a-dia gravadas informalmente durante minha estadia na aldeia e conversas do *facebook*. O meu objetivo é o de observar e analisar discursivamente a presença ou não de traços da língua materna no corpo desses gêneros textuais.

Organização estrutural do trabalho

Em busca de atender aos objetivos propostos nesta pesquisa, organizei este estudo da seguinte maneira:

No capítulo I, apresento as informações etnográficas sobre o povo Umutína, abordando seus aspectos sociais, a história de contato com a sociedade envolvente e a situação atual da etnia. O capítulo II traz uma revisão do estudo comparativo entre a língua Umutína e Boróro, no qual destaco as semelhanças e diferenças entre seus aspectos linguísticos. As reanálises reafirmaram o parentesco genético entre as duas línguas, discutido por Rodrigues em trabalhos anteriores. No capítulo III, além de trazer as primeiras publicações sobre a língua e sobre o povo Umutína, apresento uma análise fonológica de listas de palavras, cuja finalidade foi confrontar as possíveis semelhanças e diferenças entre os aspectos fonéticos e fonológicos registrados por cada autor.

O Capítulo IV, baseada na dissertação de Lima (1995) e de listas de palavras coletadas por Schmidt (op.cit.), Schultz (op. cit.) e num vocabulário organizado por Maia (2003), faço uma uma revisão dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua Umutína, com a descrição dos fonemas vocálicos e consonantais.

No capítulo V, sugiro uma ortografia da língua Umutina para que seja utilizada pelos professores e alunos da escola indígena da aldeia. No capítulo VI, dedicado a aspectos morfológicos da língua, trato, especificamente, da formação de palavras por composição, por se observar bastante produtiva no corpus de pesquisa. Por fim, no VI e último capítulo, minhas reflexões, sob a perspectiva da Análise do Discurso, direcionam-se para o estudo dos traços da língua materna³ presentes na memória do índio Umutína em suas práticas discursivas atuais.

³ Neste trabalho, o termo língua materna, utilizado pelos próprios Umutína, é sinônimo de língua Umutína. Em muitos momentos da minha pesquisa também ouvi o termo idioma materno quando se referem à língua Umutína.

CAPÍTULO I

1. POVO UMUTÍNA: nos caminhos da história...

Semelhante a muitos povos indígenas, os Umutina também possuem uma das mais tristes histórias de contato entre índios e não-índios no Brasil, pois tiveram sua população dizimada no início do século XVIII, consequência do ciclo da exploração da poaia⁴ em Mato Grosso, que resultou em longos conflitos sangrentos.

De acordo com informações etnográficas de Schultz (1962), são de 1797 os primeiros registros sobre essa etnia, feitos por Ricardo Franco de Almeida Serra, cuja localização foi apontada como sendo às margens do rio Sepotuba, afluente do rio Paraguai, porém, com a chegada dos não-índios, os Umutina deixaram a região do Sepotuba e migraram mais para o norte, passando a viver definitivamente entre os rios Bugres e Paraguai:

O pequeno rio Cabaçal, também aurífero, entra no Paraguay pela mesma margem de oeste, três léguas inferiormente a foz do Sepotuba. Neste último rio vive a nação de índios Barbados, mansa e valente, assim chamada por ser a única nação deste distrito que, tendo copiosas barbas se distinguem de outras nações. (SERRA apud SCHULTZ, 1962, p. 75)

Em *Roteiro da Navegação do rio Paraguay desde a foz do rio Sepotuba até a do rio São Lourenço*, de Augusto Leverger, 1862, encontramos as seguintes menções sobre os Umutina:

Das Três Barras para baixo, torna-se menos dificultosa a navegação do Paraguay, posto que ainda obstruída por algumas cachoeiras e baixios de pedra. Em distancia de 4 léguas, entra na margem esquerda o ribeirão Antonio Gomes, e 2 léguas adiante, está o Estreito dos Bugres onde há um grande baixio de pedra. D'ahi a 2 ou 3 léguas, deságua na margem esquerda, o ribeirão Pari. Segue-se um

⁴ Planta medicinal que traz o nome científico de *Cephaelis ipecacuanha*. O nome da planta em português ipecacuanha é de origem Tupi, i-pe-kaa-guêne que significa “planta de doente da estrada”. Ela é conhecida também como ipeca, poaia, entre outros. Foi um importante produto de exportação de Mato Grosso em fins do século XIX.

espaço de 10 a 15 léguas, em que o rio, cujo curso é mui tortuoso, não recebe afluente algum e não tem cachoeira. (...) 3 léguas mais abaixo, entra pela margem direita, um riacho de canoa a que alguns chamam Rio Branco, outro Rio dos Bugres ou dos Barbados e também de Tapirapoan. (...) Nas cabeceiras deste riacho, está o aldeamento dos Índios Barbados. Seu número anda por 400. Sustentam-se de caça, da pesca, dos frutos espontâneos do solo e de milho, mandioca, batatas e carás que plantam, cultivando a terra com instrumentos feitos de pedra e madeira de cerne. Vivem em paz com as outras nações indígenas. Posto que pouco distantes das nossas povoações, nunca tiveram, nem procuraram ter relações conosco. Descem às vezes até a margem do Paraguai. Tem sucedido atacarem canoas que iam do Diamantino para Villa Maria, e se não nos hostilizam mais freqüentemente é do medo das nossas armas. (LEVERGER apud SCHULTZ, 1962, p76)

Embora exista o registro das informações acima, até hoje ainda há controvérsias entre os próprios Umutina sobre a própria origem. Schultz (op.cit.) afirma que “os Umutina, em tempos históricos vieram do médio rio Paraguai, das imediações do rio Sepotuba; daí se deslocaram no século passado (XIX), sem poder precisar a data exata, subindo o rio Paraguai, cedendo à pressão dos neobrasileiros”. (1962, p.77)

Em relação ao contato com outros povos indígenas, pouco se sabe sobre isso. Em seus escritos, o etnólogo registra o contato deles com os Bororo e Guató no médio Paraguai, e Pareci e Nambiquara ao Norte. Também relatam passagens e mitos nos quais aparecem os índios denominados *Habusé*, com quem estabeleceram contatos nem sempre amistosos. Porém, quanto a esses supostos índios *Habusé*, ninguém saber informar ao certo.

No capítulo XVII, intitulado “Entre os Borôros”, tradução da obra *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, por Basílio de Magalhães, publicado na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, temos a seguinte passagem:

Cazal (Chorographia brasílica, pags. 302) menciona duas tribus borôros: os Coroados e os Barbados. Os primeiros não são navegadores, mas sim caçadores nomades, que, diz-se, vagam ao Sul e Sudoeste da cidade de Cuiabá, em ermos inacessíveis, nas nascentes do rio S. Lourenço e do rio das Mortes, tributario do Araguaia. – Estas indicações de Cazal são completamente exactas, e também elle considerou os Coroados como Borôros. Entre os Barbados, continúa Martius, deviam talvez estar comprehendidos os Guatos: elles atacaram de vez em quando as bandeiras que iam de Goiaz para Cuiabá e extenderam os seus assaltos até Diamantino. Mas os Guatós nunca chegaram a essas regiões, e vivem ainda hoje como nômaes de água, na região do alto Paraguai; aquelles Barbados provavelmente eram Caiapós ou talvez Borôros. (STEINEN, 1915, p. 396)

Considerando, então, o que diz Cazal, citado por Steinen e a proximidade linguística entre os dois povos, Coroados e Barbados, poderia afirmar que os Umutína seriam de fato um ramo dos Boróro?

Um aspecto interessante a se considerar é que o nome Umutína foi atribuído a esse grupo pelos Paresi, por serem índios de pele muito clara e *imuti* na língua dos Paresi significa gente de pele muito branca. Segundo os estudos etnográficos feitos por Schultz, a grafia correta do nome desta etnia, a partir de sua autodenominação, seria *Um u t y n a*, cuja pronúncia traz o primeiro “u” nasalizado e o “y” da terceira sílaba post-palatizado. Entretanto, com a intenção de simplificar a pronúncia e a grafia, Schultz decidiu chamá-los de *Umutina*. Kalervo Oberg e Max Schmidt, que também estudaram sobre os Umutina, escrevem em suas publicações *Umutina*.

Antigamente os homens Umutina eram conhecidos como “Barbados” porque tinham o costume de usar barbas postiças que eram feitas de pelo de macaco bugio ou de cabelos das mulheres da aldeia. Schultz (1962) relata que os Umutina frequentemente contavam a ele que um ancestral deles possuía forte e espessa barba comprida, fato que os impressionava muito, além disso, os Barbados tinham o costume de alisar o cavanhaque como demonstração de amizade e simpatia, por isso, também, o nome a eles atribuído.

Assim, o padre Nicoláo Badariotti (1908), descreve esse costume: “Estes índios são assim chamados, não porque sobressaiam por muita barba, mas porque quando aparecem ao estrangeiro imitam este apêndice humano por meio de pele de búzio”.

Schultz (1962) também faz outra referência às barbas desses índios, retirada da obra “Índios do Brasil”, de 1908:

Barbados ou Barbudos – antiga nação selvagem de Matto Grosso (no Sepotuba), dos famosos encabelados, que, como os Guaribas (do Amazonas) se faziam mais ferozes no aspecto pelos cabelos crescidos. O General Mello Rego, entretanto, afirma que os Barbados do rio dos Bugres, afluente do Paraguay, acima do Sepotuba, usam de longas barbas fictícias, feitas com tranças de cabelos de suas mulheres.

Nas informações etnográficas de Schultz, constam que os não índios diziam ser de 1000 índios a população Umutina antes dos primeiros contatos, entretanto, não encontrei

nenhum registro que atesta isso em outros documentos. No livro *Vinte e três índios resistem à civilização*, observa-se a seguinte passagem:

Quantos Umutína ainda existem? Não sei, *seu* Haroldo, não sei quantos são agora. Morreram muitos da epidemia aí por 1920 ou 17. Antigamente eram muitos. Era gente como formiga! Faz poucos anos, ainda vinham grupos deles até aqui na minha casa. Nunca tiravam nada. Mas eu e minha mulher dávamos tudo que pediam, de medo deles. São terríveis! O senhor vai ver! O senho é um herói! Nós aqui não queremos nada com aqueles bichos do mato.(SCHULTZ, 1953 p.11)

Relatos históricos apontam a existência de cerca de 400 índios dessa etnia antes da intervenção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), porém, tempos depois essa população foi reduzida a um terço, acometida por graves epidemias, como: sarampo, pneumonia e coqueluche. Inclusive, em 1943, Schultz, durante sua expedição etnográfica, registrou somente um grupo de 23 índios vivendo na mata e outros 50 vivendo no posto Fraternidade Indígena sob o regime do SPI.

1.1 Aspectos sociais

Quanto ao ambiente geográfico da aldeia, as casas eram construídas sempre em lugar alto, próximas a um pequeno rio, para não serem atingidas pelas cheias provocadas pelas chuvas. As casas tradicionais tinham uma arquitetura semelhante a dos ocidentais, “um rancho de duas águas, com os lados abertos, consistindo de quatro ou mais postes externos e vigas dispostas em forma quadrangular” (SCHULTZ,1962, p. 111). As casas não tinham paredes divisórias e o número de fogueiras no chão de cada uma indicava o número de famílias que ali moravam. Segue abaixo uma descrição, em relação à arquitetura da casa Umutína:

Dos de ellas estaban formadas, como también las casas en la roza a la manera de un rancho brasileiro, abierto en los cuatro costados. Solamente la casa del viejo Kaimanepa provocaba una impresión más primitiva. Ella constaba de dos alpendes independientes uno a otro. El cortado del hastial posterior, en parte, estaba cerrado por una pared, consistiendo ésta de hojas de la burití y de la bacova arrimadas en posición oblicua a los postes que sostenían los alpendes.[...] El tejado consistía, como los tejados de las demás casas de la aldea de hojas de la acurí y de la bacova. Pero también esta estructura primitiva de la casa de

Kaimanepa no correspondía todavía a la estructura primordial de las casas de los Umutinas. Se dice que éstos tenían en tiempos anteriores casas redondas edificadas simplemente de una porción de pértigas puestas en el suelo, unidas en sus extremos superiores y cubiertas con hojas. (SCHMIDT, 1941, p. 20)

Os adornos e indumentárias dos Umutinas eram caracterizados por rica plumária, com brincos de pena, colares de sementes, de dentes e cabelo humano. As mulheres Umutina usavam uma espécie de saia tubular (ametá) tecida manualmente com fio de algodão, braceletes de sementes, vultosos brincos de penas e os cabelos cortados bem rente à nuca. Os homens usavam o cabelo comprido, amarrado com um coque no alto da cabeça. Tanto as mulheres quanto os homens gostavam de usar colares de cabelo humano ao redor do pescoço. Pintavam o corpo, quase que frequentemente, com tinta vermelha de urucum ou tinta preta de jenipapo.

Entre os homens Umutina também era comum o uso do enfeite labial, mas só a partir dos 8 anos de idade, após a primeira infância. Esse enfeite, em forma de um prego, denominado na língua de *balapáre*, era feito com a parte do caule de pequenas plantas. Como esse caule era muito poroso, o enfeite era trocado a cada três dias e, segundo o índio Atukaré, informante de Schultz (1962) na época, eles gostavam de usá-lo porque era bastante aromático.

Um cuidado especial entre os índios Umutina era quanto ao fecho peniano (*bakeodókwá*), confeccionado de palha de buriti. Seu uso começava no início da puberdade, com uma pequena festa em que o pai do menino escolhia alguém para colocar o fecho peniano no filho pela primeira vez. Ao se tornar adulto jamais aparecia entre os outros índios sem ele, que era somente retirado em caso de necessidades fisiológicas.

Em relação os cuidados durante o período menstrual das Umutína, usavam por debaixo da saia tubular (ametá) uma faixa de corteza colocada ao redor do ventre e passada logo abaixo do canto inferior da saia. (SCHMIDT, 1941)

Embora adotassem barbas postiças e longas cabeleira, os Umutína gostavam de depilar o corpo e, para isso, esfregavam entre o indicador e o polegar cinza quente para arrancar os pelos, pois segundo eles, a cinza não deixava as pontas dos dedos escorregadias, facilitando a extração dos pelos. Depilavam também as sobrancelhas, cílios, além dos pelos da região genital.

Os Umutína eram tecelões, ceramistas e também praticavam o trançado, porém era um trabalho exclusivamente das mulheres que trançavam redes de fios de tucum para a pesca do timbó, esteira de fibra de buriti para dormir, sentar ou servir como objeto mortuário, peneiras, cestos para transportar e guardar alimentos e outros objetos. Além do trançado, teciam com fios algodão a saia tubular feminina, denominada '*ametá*'. Em "Los Umutina em Mato Grosso", Schmidt, impressionado com a técnica de trançado dos Umutína, registra:

Los trenzados de los Umutina tienen un interés especial, porque ellos muestran, tocante a su técnica y su forma, diversas divergências a los trenzados de las demás tribus de La América Del Sud, porque, en aquellos casos em que están de acuerdo con las espécies conocidas de trenzados, ellos representan éstas em forma muy primitiva. (1941, p. 25)

Aos homens cabia a tarefa de confeccionar o arco e flecha e outros instrumentos de guerra e caça. Além de tecelões, fabricavam, também, algumas cerâmicas, como panelas (purukupú) e potes de barro, cuja técnica era bastante primitiva. Os arcos e flechas eram bastante rústicos, sendo que o arco alcançava a altura de um índio Umutína adulto.

Outra técnica primitiva utilizada pelos Umutína era a produção do fogo. Para isso, os índios utilizavam dois palitos redondos pequenos (atoriki) que esfregavam um sobre o outro.

Eram agricultores e cultivavam várias plantas, entre elas, o milho, base alimentar do grupo, além de mandioca, feijão, cará, batata-doce e abóbora. Segundo Schultz (1962), apesar da roça ser preparada pelo homem, era de propriedade da mulher, e esse fato ficava evidenciado por ocasião do casamento, pois quando o jovem Umutina se casava, passava a morar na casa da família de sua esposa, deixando para a mãe o seu roçado com todas as plantações. Ele levava consigo apenas o arco e flecha e suas indumentárias. Na casa da esposa iria cultivar outra lavoura para ela, já que era responsável pela subsistência da família.

Também praticavam a pesca com arco e flecha e o timbó que era, depois do milho, uma importante fonte de alimentação. Já a caça, embora existisse em abundância

em tempos antigos nas matas do rio Paraguai e Bugres, não era a fonte de alimentação principal dos Umutina que, reclamavam, inclusive, dos não-índios que invadiam suas matas com cães e armas de fogo, acabando com animais de grande porte como catetos, antas, veados, entre outros.

Os alimentos eram preparados de forma bastante primitiva e o único condimento utilizado era a pimenta. Do milho faziam angu, fubá, pães, farinha, beiju e uma bebida não fermentada, chamada *juminá*, além da bebida fermentada de mandioca, denominada *yolôrukwá*. A caça era moqueada e os peixes cozidos na panela de barro ou assados em folha de pacova ou bananeira.

Quanto aos utensílios domésticos para comer e beber, faziam uso somente de conchas (*atukwá*), cuias e cabaças (*poári*), destacando-se que as panelas de barro eram usadas somente para cozinhar. Para triturar alimentos duros, como milho, por exemplo, utilizavam o pilão (*kazokupo*) e raladores de madeira (*iká*) para ralar mandioca e milho verde.

No que se refere ao casamento, era proibido entre os parentes consanguíneos em primeiro e segundo graus, ou seja, entre primos paralelos e cruzados. Somente o bom caçador era considerado como um bom marido para a pretendente e para sua família.

Acreditavam na vida da alma após a morte que, segundo eles, incarnava em animais que poderiam ser aves ou mamíferos. Era comum entre os índios criarem diversas aves como jaburu, mutum, jacó, arara, gavião entre outros, consideradas sagradas para eles, pois acreditavam que elas eram portadoras da alma do parente falecido, como podemos constatar na seguinte passagem: “Atukaré presenteia a família de seu irmão Haxipá com um mutum. Esta ave incarna o espírito do menino morto. De ora em diante ocupará o lugar do falecido no lar indígena.”(1953, p 53)

Na ocasião da morte de algum desses animais sagrados, estes recebiam um cerimonial de culto semelhante ao deles, depois eram enterrados numa sepultura debaixo da esteira onde dormiam.

Sobre a morte dos Umutina, é descrita da seguinte forma:

Los hombres después de la muerte son pintados en todo el cuerpo: una parte de su rostro, en negro; la frente en colorado y las n.,-jil!as, con un tinte terro so, en

blanc'). Sobre la calabeza del difunto es aplicadoo un sobrepuesto ((balepodr;oj, provisto de dos aberturas por las cuales ellos hacen pasar los cabellos.[...] El difunto es enterrado, no muy hondo, por dentro de la casa en posición yacente y junto con el adorno de sus orejas. De otros bienes no son agregados enterramiento sino arcos y flechas. Las mujeres son enterradas junto con el adorno de sus orejas y con su 'amita' pero no con otras cosas más. Después de un entierro la respectiva casa es abandonada.(SCHMIDT,1941, p. 22)

Já as informações de Schultz (1953) sobre essa questão, diferem um pouco das de Schimdt, pois segundo aquele, quando morria um índio, era enrolado em sua esteira de dormir e enterrado na própria casa. A partir daí, os parentes passavam a dormir em cima da sepultura. Só abandonavam essas casas quando eram forçados a acompanhar suas novas roças em outros lugares. Quando isso acontecia, essas moradias eram transformadas em cemitérios, cuidadosamente preservados pelos índios que somente os abandonavam quando os roçados ficavam cada vez mais longe de suas casas.

O ritual do culto aos mortos, chamado *adoé* era a maior manifestação religiosa entre os Umutína. Os festejos, que começavam durante a estação chuvosa e por ocasião da colheita do milho verde, duravam de cinco a seis semanas constituídos de 17 danças rituais, assim denominadas:

1. Mixinosê, Mixinotó ou Mixino Pupurína (Velho da esteira, ou esteira velha);
2. Manixúarê, dança com flautas sagradas e caça da anta;
3. Bakuré, dança sobre as esteiras;
4. Yúri (subcerimonial do Bakuré);
5. Katamã, martim- pescador (subcerimonial do Bakuré);
6. Akakôna , dança guerreira (subcerimonial do Bakuré);
7. Hatóri, dança com máscaras grandes;
8. Atilákakáno, carregando estandartes com símbolos de peixes;
9. Húpzê, os irreverentes cágados;
10. Jekirinó, as andorinhas;
11. Lórunó, dança com máscaras de cabelo;
12. Hapuyána, dança com aros de palha;
13. Yatáribú, cerimônia com canto e estribilho;

14. Batóri, com máscaras de rede de pescar sobre o rosto e flagelos de feixes de talos de buriti;

15. Arixinó, dança com símbolos, discos de palha, representando caça;

16. Yupuriká, dança com as flautas *Zarinímbukwá*;

17. Boiká, dança do arco. (SCHULTZ, 1962)

Participavam das danças rituais apenas os índios que assistiam aos funerais de algum parente no último ciclo anual. Eles representavam ou incarnavam o espírito ou vários espíritos do morto, durante os ritos. Cada dança tinha um significado específico e os dançarinos se apresentavam com indumentária, canções e coreografia variadas.

Assim descreve Schultz o ritual do Culto aos Mortos:

No dia seguinte começa a festa. A introdução consta de longas cantorias dirigidas como convite aos espíritos dos antepassados. Depois todos os índios fazem as indumentárias de dança. As mulheres preparam imensas quantidades de alimentos. Dia e noite ouve-se o bater dos pilões. Cozinham, assam e vão á mata colhêr frutas maduras. Os homens saem à caça, trazendo carne e peixes. Finalmente começa a primeira dança: o ritual da esteira sagrada. Entre cada dois rituais há um intervalo de um a dois dias. Repetem-se sempre os mesmos preparativos, que culminam com a dança.” (1953, p. 57)

Ao término de cada ritual, as palhas de buriti com as quais eram feitas as indumentárias de dança eram dadas ao chefe dos festejos. Depois da palha seca, as mulheres (parentes do chefe) faziam esteiras (pupurína) que serviam para dormir, como assento ou mortuárias, consideradas objetos sagrados para eles.

Relatos etnográficos de Schultz afirmam não haver chefes entre os Umutína, pois segundo eles só os tinham em tempos de guerra. Geralmente obedeciam a uma índia velha bastante respeitada entre eles, cuja opinião era sempre acatada. Ao contrário de Schultz(1962), Schmidt escreve:

Para explicar la escena turbulenta, descrita en lo que precede, tengo que mencionar que los Umotinas del monte vivían en dos aldeas de las cuales la una, Masepo, estaba comandada por el cacique Mituponepá y la otra, Chikipo, gobernada por el cacique Shukuepa que nos había visitado el primero en nuestro campamento. Los dos caciques mencionados, aunque ambos eran hermanos, vivían en una hostilidad arrebatada, y las violencias de Shukuepa las que me habían ya avisado los Umotinas en Dezoito, eran temidas por todos. (1941, p.6)

1.2 O contato

As informações etnográficas de Schultz (1962) apontam que os primeiros contatos com os Umutina aconteceram no final do século XIX, época de exploração da poaia em Mato Grosso. Registros históricos trazem Antônio Pires como o primeiro explorador a adentrar na região, em busca de índios para escravizar. Depois vieram os extrativistas, que em busca da poaia, planta nativa abundante nas terras indígenas, fixaram-se na região, levando os Umutina a abandonarem as aldeias localizadas às margens do rio Bugres e Paraguai.

A fundação de Barra do Bugres e o altíssimo preço da poaia na época, exportada para a Europa aumentaram ainda mais os interesses econômicos dos poaieiros que invadiram o último reduto dos Umutina, incentivando, inclusive, os comerciantes a patrocinarem grupos de chacinas contra os índios. Todo esse conflito ainda durou anos, tendo fim somente quando a Comissão Rondon trouxe a linha telegráfica da estação Paresi para Barra do Bugres em 1912. Deu-se aí, início à “pacificação” quando Rondon mandou instalar em terras Umutina o posto Fraternidade Indígena.

E mesmo depois da instalação do Posto, os conflitos continuaram presentes no cotidiano do povo Umutina, e muitos desses conflitos eram provocados pelos “civilizados” (poaieiros e seringueiros) que interpretavam de maneira errada a saudação guerreira dos Umutina, quando se aproximavam deles.

Schmidt assim descreve a saudação guerreira:

Los hombres aproximáronse a nosotros precipitadamente y con gran tumulto llevando seus escudos de cuero y flechas en las manos. Luego ellos «pateaban» por un largo tiempo, directamente en frente de nosotros, apuntando las flechas con arco armado a nuestros rostros, temblando agitadamente todo el cuerpo y profiriendo sonidos inarticulados. (1941, p. 7)

Outro, a receber essa mesma saudação, foi o etnólogo Harald Schultz quando chegou a terras Umutina, em 1943. Ele viveu essa experiência um dia depois de sua chegada, conforme registrado num dos seus textos:

Estamos reunidos em frente da casa de administração do posto indígena, quando, repentinamente, sem se fazer anunciar, saltam várias figuras da mata próxima, que mais se assemelham a diabos soltos do que a seres humanos. Estão inteiramente pintados de urucu, o corpo vermelho, com largas listas amarelas e pretas atravessando o rosto na altura dos olhos e da boca. Ágeis, pulam para os lados, para trás e outra vez para frente, aproximando-se mais e mais de nós. Esticam a corda dos arcos, vergando-os com a flecha dirigida ameaçadoramente contra nós, pronta a ser arremessada. Ouve-se o estalar da corda, mas a flecha não alça vôo, ficando presa entre o indicador e o polegar do agressor. (SCHULTZ, 1953, p.12)

O processo de “pacificação” dos índios trouxe conseqüências desastrosas para eles, pois com a chegada do SPI, também vieram as epidemias e as doenças como pneumonia, sarampo e coqueluche, o que levou a quase dizimação da população indígena.

Nesse mesmo período, índios órfãos estavam sendo criados na sede do posto Fraternidade Indígena. Em 1980, a população do posto era de 77 pessoas, desses, 36 eram Umutina descendentes de órfãos recolhidos à sede do posto e de alguns Umutina independentes.

Os demais índios pertenciam a outras etnias, como os Paresi, Kayabi e Nambikwara, levados para o posto Fraternidade Indígena pelo SPI depois que os Umutina foram quase dizimados. A concentração de várias etnias num mesmo território provocou um grande choque cultural, situação extremamente prejudicial aos Umutina.

Além de servir como órgão “pacificador”, o posto Fraternidade Indígena, também, serviu como “Posto de reeducação” para os índios de outras nações e que eram considerados problemáticos pelo SPI. Nesse trabalho de “reeducação” os índios eram obrigados a se adequarem aos moldes impostos pelo órgão, como abandonarem a língua materna, seus costumes e a adotar um comportamento fundamentado no conceito de uma sociedade agro-pastoril.

Vale ressaltar que o processo de “pacificação” ainda perdurou por um período de 32 anos, pois é somente em 1945 que se dá a “rendição” do último grupo Umutina resistente ao contato. Essa rendição se deu devido à epidemia de coqueluche e broncopneumonia que acometeu o grupo em outubro de 1944. Dos 23 índios da mata, apenas 15 sobreviveram e, devido ao estado de fragilidade e não conseguindo reagir à doença, foram obrigados a adotar o Posto como moradia, talvez como única tentativa de

sobrevivência, já que seus meios de cura não davam conta das doenças dos civilizados. E o único que sucumbiu a toda essa trajetória, foi *Julá Paré*.

Por isso, cabe aqui, destacar e falar um pouco desse personagem tão importante que contribuiu fortemente para a auto-estima linguística e cultural do povo Umutína.

1.3 *Julá Paré*: símbolo de memória e resistência

Julá Paré, como era conhecido na comunidade, foi um dos últimos sobreviventes do grupo de vinte e três índios que resistiu ao violento processo de contato entre as décadas de 1910 e 1940. Ele faleceu em 2004 e desde então, tornou-se símbolo de luta e memória entre o povo Umutína.

De acordo com Lima (1995), após a morte dos pais e irmãos, *Julá Paré* caiu numa tristeza profunda e, para esquecer o passado do seu povo, resolveu ir embora da aldeia, pois ali já não encontrava mais razões para viver. “Papai e mamãe morreram e eu resolvi sair pelo mundo. Fui meio sem rumo e acabei no garimpo. Fiquei uns 20 anos trabalhando. Foi quando num dia eu não quis mais ficar na terra dos outros. Pensei assim: se o povo deixar, eu volto”. *Julá Paré* nunca se casou pois a única índia disponível era uma prima de primeiro grau e, para o povo, o casamento entre eles seria um caso de incesto. Durante o tempo em que ficou longe de seu povo e da aldeia, *Julá Paré* perambulou pelas cidades de Barra do Bugres, chegando até Porto Velho, capital de Rondônia. Nesse período trabalhou no garimpo e na agricultura juntamente com os não índios. (LIMA, 1995)

A autora ainda relata que quando *ele* voltou, após 20 anos, do seu exílio voluntário, havia apenas uma índia chamada *Kazakaru* que ainda conhecia e podia conversar na língua Umutína, pois os demais índios, educados em português pelos agentes do extinto SPI, já não falavam mais a língua materna. Porém, *Kazakaru* evitava falar na língua materna, porque segundo Lima (op. cit), as lembranças de seu povo causavam dor e tristeza, o que provocou ainda mais o isolamento de *Julá Paré* que passou a se comunicar, também, por meio da língua portuguesa. Assim, Lima descreve *Julá Paré*:

Este homem, único sobrevivente e depositário de uma história e cosmovisão que não pode ser compartilhada pelos seus parentes "educados" no PI, representa e retrata a própria memória de sua gente. *Julá Pare*, último falante de uma língua sem usuários, tem em seu tempo de vida o suspiro final de toda uma existência. (1995, p. 18)

Em seus relatos, ainda em vida, *Julá Paré* conta para Lima (op.cit) que aprendeu a língua portuguesa e que viveu fora da aldeia um mundo completamente novo e diferente, cheio de perigos, e ao mesmo tempo, extremamente fascinante.

Embora mostrando fascínio por esse mundo diferente, *Julá Paré* resolveu retornar para a convivência de seu povo, movido pela saudade e lembrança da sobrinha Elza, única parente que restou de sua família. Ela é atualmente casada com Joaquim Kupodonepá, meu colaborador nesta pesquisa.

Ninguém sabe ao certo quanto tempo *Julá Paré* permaneceu fora da aldeia, nem quando foi o seu retorno. Lima (op.cit) aponta que talvez tenha sido por um período de vinte anos, cuja informação foi repassada por alguns índios da aldeia Umutína durante a pesquisa de campo que realizou entre eles na década de 90. Inclusive, muitos já não acreditavam mais que *Julá* ainda estivesse vivo.

Quando *Julá Paré* retornou do seu “exílio voluntário”, destaca a autora, já não conhecia praticamente ninguém, para ele tudo se tornara diferente, o que de certa forma, contribuiu para que esse índio continuasse exilado. Para ela:

A solidão cultural e existencial íntima e não compartilhada de *Jula Pare* é agravada pelo fato de não desfrutar de algum prestígio na comunidade - exceto o de saber a língua, principalmente entre os mais jovens, que estão ainda mais inseridos num contexto de vida e de memória particularmente distintos do dele. E assim, por mais extraordinário que pareça, compreende-se o fato de *Jula Pare* ter resguardado tanto tempo em sua memória uma língua sem uso. Possivelmente, a lembrança da língua deve ter representado ou servido para ele como o maior elo de ligação com os antepassados independentes. E de certa forma *Jula Pare* continua independente. Verifica-se, portanto, que para a língua Umutina *Jula Pare* e o depositário do microcosmo cultural que a língua veiculou um dia, na qual se manifestam os padrões e formas estabelecidas entre linguagem e pensamento num grupo humano. Para o homem *Jula Pare*, a língua é o último refúgio memorial que o sustenta, e que só a partir dele poderá transmitir aos seus, certos aspectos de sua cultura ainda possíveis de serem traduzidos por um único integrante deste complexo. (LIMA, 1995, p. 29)

É possível que essa situação tenha provocado em muitas pessoas da comunidade, principalmente nos mais jovens, o interesse pela revitalização linguística e cultural do povo Umutína, uma vez que *Julá Paré* era o único guardião de uma língua e tradições de um povo, violentamente, interditadas ao longo da história.

Se em tempos passados, *Julá Paré* ficou à margem do seu próprio povo, conforme relata Lima (op. cit.), hoje ele é considerado por todos um símbolo de memória e resistência de uma sociedade indígena que luta pelo direito de ter de volta suas tradições e sua língua materna, mesmo que seu funcionamento não seja de forma efetiva, mas que sirva de instrumento de valorização étnica, identitária e social.

1.4 Os Umutína hoje

Com base em minha pesquisa, posso afirmar que após o contato com o não índio, houve transformações consideráveis na vida dos Umutína, afetando drasticamente os costumes e os padrões culturais do grupo.

Atualmente eles vivem em uma área de 28.120 hectares homologada em 1989, a 15 quilômetros de Barra do Bugres, município na região oeste de Mato Grosso, e ocupam uma área de terra entre os rios Bugres e Paraguai, numa faixa de transição entre a Amazônia e o Pantanal. Dos 28.120 hectares, apenas 500 são de área aberta, onde os índios residem e praticam a agricultura familiar, a pesca e criação de animais como galinhas, bovinos e equinos, servindo como fonte de subsistência. Como alternativa de renda, algumas famílias fazem artesanato que é vendido na própria região. Outros são funcionários públicos (professores, funcionários da saúde, da FUNAI, pensionistas, aposentados).

A população é de aproximadamente 540 pessoas, entre Paresi, Boróro, Irantxe, Nambikwara, Terena, Bakairi, Kaiabi, Chiquitano⁵ e não-índios. Tanto que, entre os “legítimos”, como são chamados, figuram apenas membros das famílias Apodonepá (2), Kupodonepá (13), Amajunepá (9), Boroponepá (4) e Wakixinepá (2), totalizando 30 Umutínas legítimos. No entanto, alguns membros dessas famílias já não residem mais na aldeia, pois muitos se mudaram para as cidades vizinhas. De acordo com informações

⁵ Este Chiquitano casou-se com uma índia Umutína e veio morar na aldeia recentemente.

coletadas na aldeia, houve um aumento considerável na faixa de natalidade indígena nos últimos cinco anos.

Na comunidade há uma escola, na qual funciona o ensino fundamental (da pré-escola ao 9º ano) e Médio (1º ao 3º ano). As séries iniciais até o 5º ano é de responsabilidade da SEMEC de Barra do Bugres, já as demais séries até o ensino médio são de responsabilidade do Estado. Atualmente a escola conta com cerca de 120 alunos, registrando uma acentuada evasão escolar, neste ano de 2012, devido ao êxodo de muitas famílias para as cidades vizinhas em busca de trabalho.

Os professores são da própria comunidade, formados pelo curso do 3º grau indígena, da Unemat de Barra do Bugres-MT, sendo que a grande maioria deles já possui especialização.

Hoje um grande percentual de egressos do nível Médio da escola da aldeia está saindo para cursar o ensino superior em universidades públicas, como a UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) e UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos). Porém, antes do jovem sair da aldeia para estudar fora, é firmado um acordo com a comunidade, com o compromisso de voltar e contribuir para o povo. Caso não haja condições de trabalho na própria comunidade, vão para outra aldeia ou até mesmo para outras cidades.

Com relação à estrutura física, a aldeia central possui um formato retangular, onde as casas são distribuídas uma ao lado da outra. Porém, com o crescimento da população, novas moradias foram construídas nas proximidades e devido à aglomeração de pessoas, e até por causa de alguns conflitos entre famílias, vem surgindo novas aldeias. Uma parte das casas foi construída na época de Rondon pelos próprios índios que residiam no Posto. São pequenas casas de alvenaria dispostas uma ao lado da outra acompanhando estrutura geométrica da aldeia. Nessas casas ainda residem alguns dos remanescentes Umutína. Todas elas recebem água encanada e energia elétrica e quase não há mais casas tradicionais. A maioria das famílias já possui eletro-eletrônicos, inclusive algumas já são proprietárias de carros ou motos. Hoje existe no local uma boa infra-estrutura, com farmácia que serve como posto de atendimento às pessoas da comunidade, além de uma pequena padaria mantida pela associação das mulheres, onde fabricam pão caseiro e bolos

que são vendidos na própria aldeia. A organização política da aldeia Umutina é composta por cacique, chefe de posto, lideranças, profissionais de saúde, professores, associação, conselhos, pastoral da criança e comunidade.

No que se refere à saúde, segundo o professor Luizinho Ariabô, ainda utilizam bastante a medicina tradicional, respeitando-se a tradição de cada povo. Entre os idosos, os problemas de saúde mais recorrentes são a diabetes, devido ao hábito de alimentação adotado da sociedade ocidental. Hoje uma grande parte da alimentação da comunidade são os produtos industrializados comprados nos supermercados da cidade de Barra do Bugres-MT.

Os Umutina tinham sua própria cosmologia religiosa, com suas próprias formas de explicar os fenômenos naturais e sobrenaturais, porém, a partir do contato houve uma ruptura na cultura e na vida social desse povo, com a entrada das religiões dos não-índios. A primeira religião introduzida na aldeia foi a católica (predominante), depois a evangélica. Com essas vieram a igreja Internacional da Graça de Deus, Assembléia de Deus, o que influenciou, sobremaneira, na vida cultural dos Umutina, causando um grande impacto nos etnoconhecimentos. (ARIABÔ, 2010)

É importante destacar, que por ser uma aldeia multiétnica, há muitos casamentos entre etnias diferentes, bem como, índios e não-índios, provocando, cada vez mais, a miscigenação entre eles. Conseqüentemente nascem os conflitos entre etnias, resultando no surgimento de novas aldeias em território Umutina, como aconteceu recentemente com a criação da nova aldeia Bakalana.

Quanto à situação linguística da comunidade, embora haja essa diversidade étnica entre eles, são monolíngues em português. Somente os pouquíssimos mais velhos é que ainda conhecem ou falam pouco de suas línguas maternas no seio familiar, quase que raramente, segundo eles próprios. Na escola da aldeia é ensinada a língua Umutina, ou seja, desde as séries iniciais, e todo trabalho é feito com base no léxico, a partir do poucos registros que ainda existem. Vale ressaltar que devido à pluralidade linguística dessa comunidade indígena, o conflito linguístico é inevitável. Sobre isso e a complexa relação entre línguas desencadeada por essa pluralidade linguística, tratarei com mais detalhes no último capítulo da tese.

CAPÍTULO II

2. PARENTESCO GENÉTICO DA LÍNGUA UMUTÍNA

Segundo Rodrigues (1986), a língua Umutína é da família Bororo e faz parte do tronco Macro-Jê que agrupa nove famílias linguísticas: Boróro, Krenák, Guató, Jê, Karajá, Maxakali, Ofayé, Rikbaksa e Yatê. Com base em Rodrigues (1986), as línguas ficam assim distribuídas:

1. Boróro – língua Boróro e Umutína;
2. Krenak – língua Krenák;
3. Guató – língua Guató;
4. Karajá – línguas Javaé, Karajá e Xambioá;
5. Maxacalí – línguas Maxacali, Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hãe;
6. Ofayé – língua Ofayé;
7. Rikbaktsá – língua Rikbaktsá;
8. Yatê – língua Yatê;
9. Família Jê - línguas Apinayé, Panará, Xoklém e demais línguas e respectivos dialetos: Akwén (Xakriabá, Xavante e Xerente); Kaingang (Kaingang do Paraná, Kaingáng Central, Kaigáng do Sudoeste e Kaigáng do Sudeste); Kayapó (Gorotire, Kararaô, Kokraimoro, Kubenrankegn, Menkrangnoti, Mentuktire (Txukahamãe) e Xikrin) ; Suyá Tapayúna e por último, os Timbira (Canela Apaniekra, Canela Ramkokamekra, Gavião do Pará(Parkatejê), Gavião do Maranhão (Pukobiyé), Krahô Krehjê (Kren-yé) e Krikati (krinkati)).

Nesse contexto, para entender melhor sobre família linguística, cito Rodrigues:

As línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. De acordo com esse critério, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior. As línguas românicas ou neolatinas – português, espanhol, catalão, francês, romanche, italiano, romeno – constituem uma família, cujos membros derivam de uma língua ancestral bem conhecida historicamente – o latim. Para a maioria das famílias linguísticas, porém, as línguas ancestrais são pré-hist

óricas, não se tendo delas nenhuma documentação. O conhecimento dessas línguas (ou de, pelo menos, certas características delas) é obtido mediante estudos histórico-comparativos que, partindo da descoberta de correspondências regulares (de sons, de palavras, de formas gramaticais) entre duas ou mais línguas, formulam hipóteses sobre as propriedades que devia ter uma língua ancestral para permitir (e explicar) a derivação diferenciada das línguas atuais (1986, p. 29).

Em se tratando de parentesco, Chestmir Loukotka, citado por Schultz (1962), foi o primeiro linguista a apontar a filiação entre Boróro e Umutína, a partir dos dados lingüísticos coletados em 1928 por Max Schmidt.

Em Los Barbados os Umutinas em Mato Grosso, publicado na Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Schmidt já sugeria o parentesco genético entre a língua Umutína e Bororo, conforme, registra-se a seguir:

En lo que respecta a las relaciones del idioma Umutina a otros idiomas, hay que ser mencionado que vários de sus vocablos se asemeja mucho a los respectivos vocablos del vocabulário, que v. Castelnau (12) ha apuntado de la parcialidad de los Bororós que están llamados Bororós de la Campaña. (1941, p. 82)

Seguem abaixo 12 termos de cada língua apresentados por Schmidt (1941) que demostram esse parentesco:

Español	Umutina	Bororo de La Campanha
Fuego	zorú	tolu
piedra, serro	tá'urí	tolí
Tierra	mutó	mo-to
Luna	alí	ari
Relâmpago	barató	iráto
Arco	bo'ika	botorika
Anta	ko'i	coai
Papagayo	kipodó	kimodo
Arara	alapuré	aracourai
Mutúm	humbó	ouai
Beber	kuta	(er trunk),ikotouai
Dormir	umutu	tounotouai

No trecho, a seguir, fica mais uma vez, claro esse parentesco. Inclusive, em tempos de “pacificação”, o conhecimento do parentesco lingüístico (Umutina e Boróro) foi significativo para a efetivação das pretensões dos agentes do SPI, durante a implantação do Posto Fraternidade Indígena pela comissão Rondon. (SCHULTZ, 1962) A morte de um

índio Umutina (considerado civilizado) que trabalhava para o SPI em 1919, como agente pacificador trouxe um grande problema para funcionários do posto, já que não tinham como estabelecer comunicação com os demais índios Umutina. Dessa forma, foi preciso contratar outro índio, Boróro, que também falava o português para continuar o trabalho de “pacificação”, uma vez que os agentes do SPI não tinham familiaridade suficiente:

Linguagem Borora mesma Barbados com pouca variação, são, portanto, parentes chegados. Conhecendo necessidade deste sérvio (sic) peço chefe dispensar ida Bororo José por um mês, tempo necessário para estabelecer (sic) relação com Barbados chamandos-os residir no Posto Cachoeirinha.⁶

Posteriormente, esse parentesco entre as duas línguas ficou confirmado nos estudos comparativos do linguista Aryon Rodrigues, que teve por base *O vocabulário dos índios Umutina* (1952) coletado por Schultz no período de 1943 a 1945, quando realizava pesquisa etnográfica entre esses índios, além do material publicado por Colbacchini e Albisetti (1942), denominado *Os Boróros orientais*. Vejamos um trecho da carta escrita por Aryon Rodrigues, datada de 25 de setembro de 1954, extraída da obra de Schultz (1961-62), intitulada *Informações etnográficas sobre os Umutina*:

“Prezado Amigo Schultz: recebi a separata de seu vocabulário umutina, cujo envio muito lhe agradeço, e fiz a comparação lexical do material nêle contido com o material Borôro oriental publicado por COLBACCHINI e ALBISETTI (*Os Borôros Orientais*, S. Paulo, 1942). Fiz primeiramente a comparação apenas do vocabulário, básico, não-cultural, a fim de obter uma idéia da relativa intensidade do parentesco que existe entre as duas línguas; depois comparei o restante do material disponível. O resultado, como verá, é positivo: acusa parentesco bastante intenso; os elementos comuns às duas línguas (cerca de 50%) não permitem duvidar - parece-me - que se trata de afinidade genética. Sendo assim, confirma-se a observação que eu mesmo já fizera anteriormente, com base no material publicado por MAX SCHMIDT, bem como a classificação feita por LOUKOTKA (*Klassifikation der südamerikanischen Sprachen*, Zeitschrift f. Ethnologie 74, 1944), que incluiu o Umutina em sua “Boróro-Sprachfamilie”. [...] As comparações estão divididas em dois grupos, e em ambos são indicadas só aquelas que deram resultado positivo quanto ao parentesco. O I grupo abrange apenas vocábulos não-culturais, selecionados com base no vocabulário comparativo Morris Swadesh, que compreende 200 itens. Como, porém, nem o material umutina, nem o borôro permitem preencher os 200 itens, e como nem sempre coincidem os itens preenchidos para cada língua, o número de vocábulos comparados é muito inferior, apenas 110. Dos 110 vocábulos comparados, 58 mostram ser cognatos; isto significa que ambas as línguas, através da amostra examinada, denunciam possuir cerca de 52% de elementos lexicais comuns, porcentagem que indica seguro parentesco de família. (No critério classificatório de Swadesh, que é bastante razoável, pertencem a uma mesma família as línguas que apresentam mais de 28% de

⁶ Telegrama para a Inspectoria , datado de 02 de outubro de 1919-Museu do Índio/FUNAI-RJ. Trata-se da solicitação de permanência do índio Boróro José no Posto Fraternidade Indígena.

elementos cognatos) O II grupo abrange todos os demais vocábulos não compreendidos pelo vocabulário de Swadesh; inclui mais de 74 pares de palavras cognatas”.

Em 2007 foi publicado, novamente, um texto de Rodrigues, *O Parentesco Genético das Línguas Umutína e Boróro* em que o autor apresenta uma revisão do estudo comparativo anterior, incluindo novos trabalhos, como a *Enciclopédia Boróro*, de Albisetti e Venturelli (1962, 1969 e 1976), uma tese de doutorado não publicada, *Grammar of Boróro*, Crowell (1979), o *Pequeno dicionário Boróro-Português*, Ochôa, (1997) e a dissertação de mestrado, *A língua Umutina: ‘um sopro de vida’*, Lima (1995). Segundo Rodrigues (2007), a revisão dos dados comparados apontou correspondência fonética e semântica entre as duas línguas e, as palavras que nomeiam os elementos da natureza, partes do corpo humano, plantas, qualidades, estados e ações mais comuns, são as que mais evidenciam o parentesco genético entre as duas línguas.

Os conceitos vinculados ao ambiente são sobretudo os animais e as plantas, cujos nomes semelhantes ou idênticos poderiam ser produto de empréstimo de uma língua à outra se as palavras para os conceitos universais não fossem semelhantes e se as mesmas correspondências fonéticas não unissem os dois conjuntos.(RODRIGUES, 2007, p. 10)

A seguir os fonemas das duas línguas apresentados por Rodrigues (2007, p.11), que transcrevo abaixo:

Umutína			Boróro			
p	t	k	p	t	tʃ	k
b			b	d	dʒ	g
		ʃ				
	z	ʒ				
m	n		m	n		
w	ɾ,l	j	w	ɾ	j	

i	ĩ	u	i	ĩ	u
e		o	e	ə	o
ɛ	a	ɔ			a

Como se pode observar, quase todos os segmentos registrados por Rodrigues (op.cit.) apontam correspondência fonética entre as duas línguas.

2.1 Comparação lexical entre Umutína e Boróro

Baseando-me, então, nos dados apresentados por Rodrigues (2007), reproduzi o quadro abaixo com a comparação lexical entre Umutína e Boróro apontado pelo autor e as respectivas correspondências fonéticas verificadas entre as duas línguas.

Segundo ele, esses dados fazem parte dos registros de Schmidt (1941), Schultz (1952) e Lima (1995). A lista completa pode ser encontrada no livro “Línguas e Culturas Macro-Jê” (2007), organizado por Aryon Dall’Igna Rodrigues e Ana Suely Arruda Câmara Cabral (p. 09-18).

Quadro I: Comparação lexical baseada em Rodrigues (2007)

p-p	GLOSA	UMUTÍNA	BORÓRO
1.	‘água, rio’	po	po
2.	‘coxa’	bopoto	bozona
3.	‘excremento’	pe	pe
4.	‘pau’	ipu	ipo
5.	‘chocoalho’	bapo	bapo
6.	‘machado’	palo	palo
7.	‘cuia’	poka	pogoga
8.	‘ariranha’	ipe – kozitabu	ipie
9.	‘bugio’	pajio	pai
10.	‘paca’	apu	apu

11.	‘tamanduá mirim’	apo	apogo
12.	‘ema’	pãri	pari
13.	‘jaú’	poru	poru
14.	‘pacu’	pupu	pobu
15.	‘cabaça’	poari	poari
16.	‘mau’	piki-na	pega
17.	‘deitado, estar’	pata	pado
18.	‘furar’	podoto	porodo
19.	‘medo’	pakixi	pagidi
20.	‘dois’	popie	pobe
b-b			
21.	‘campo’	boku	boku
22.	‘céu’	baro-to	baru
23.	‘chuva’	bo-ino	bu
24.	‘escama’	boto-ka	boto
25.	‘orelha’	bia	bia
26.	‘ovo’	ba	ba
27.	‘pé’	bure	bire
28.	‘pele’	biri-ka	biri
29.	‘arco’	boika	boiga
30.	‘chocoalho’	bapo	bapo
31.	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
32.	‘aranha’	bakayukore	bakaigo
33.	‘jenipapo’	be	be
m-m			
34.	‘sol’	mini	meri
35.	‘terra’	moto	moto
36.	‘cutia’	mêa	mea
37.	‘anhuma preta’	tami	tamigi

38.	‘martim pescador’	katamã	kadomo
39.	‘pomba’	mitu	metugo
40.	‘lagarto’	amema	amema
41.	‘coco de buriti’	mano	mano
42.	‘irmão mais velho’	a-mana	mana
43.	‘mãe’	mako	miga
44.	‘eu’	imi	imi
m-b			
45.	‘breu’	melaku,menaku	berago
46.	‘chocoalho de unha de queixada’	muto -mbure	bitore
47.	‘falar’	matare	batari
t-t			
48.	‘pedra, morro’	tori	tori
49.	‘terra’	moto	moto
50.	‘bico’	oto	oto
51.	‘saliva’	otoru-ta	otoguru
52.	‘flecha’	to	tigo
53.	‘jararacuçu’	etari	etari
54.	‘piaba-açu’	zatuku	dzatugugo
55.	‘mutuca’	o-tokuare	toguare
56.	‘acender fogo’	zorituto	dzorito
t-d			
57.	‘cinza’	zorutu	dzorugudu
58.	‘carne’	koty-ka	kodi
59.	‘nambu’	diboto	riwodo
60.	‘taquara’	kata-pe	kado
61.	‘cunhado’	inoto	i-n-odowi
62.	‘branco’	kikoto	kigadu

63.	‘frio’	aketo	aki, akodo
64.	‘cortar’	hato	kado
65.	‘dormir’	notu	nudu
66.	‘narrar’	alalotu	readodo
k-k			
67.	‘sangue’	ko-kwa	ku
68.	‘pilão’	kayá-kopo	kaia
69.	‘anta’	kui	ki
70.	‘morcego’	kie	ke
71.	‘periquito’	kixo	kido
72.	‘amarelo’	iku	eki
73.	‘seco’	ki, kyi	ki
74.	‘beber’	kutu	kudu
75.	‘tossir’	koya-kore	kodza-ri
k-g			
76.	‘lagoa’	urukwa	kuruga
77.	‘breu’	melaku,menaku	berago
78.	‘arco’	boika	boiga
79.	‘cuia’	poka	pogoga
80.	‘cão’	arikau	arigao
81.	‘onça pintada’	aiko	aigo
82.	‘cobra’	ebaki	awagi
83.	‘cajá’	zatuku	dzatugo
84.	‘urucum’	nonokwa,nolokwa	nonogo
85.	‘medo’	pakixi	pagidi
f-t			
86.	‘mato’	ixula	itura
f-d			
87.	‘fumaça’	zorixixi	dzorididi

88.	‘papagaio’	hujfo	kuido
89.	‘periquito’	kixo	kido
ø,h-,x- = g			
90.	‘areia’	xoare	kigare
91.	‘cinza’	zorotu	dzorugudu
92.	‘corda’	boiku	bikigu
93.	‘arara verde’	hujfo	kuido
94.	‘tamanduá-mirim’	apo	apogo
ø-k			
95.	‘lagoa’	urukwa	kuruga
96.	‘fígado’	a	aka
97.	‘comer’	ho	ko
98.	‘cortar’	hato	kado
z-dʒ			
99.	‘cinza’	zorotu	dzorugudu
100.	‘fogo’	zoru	dzori
101.	‘fumaça’	zorixixi	dzorididi
102.	‘cajá’	zatuku	dzatugo
ʒ-dʒ			
103.	‘caitetu’	joa	dzoi
104.	‘sucuri’	jure	dzure
j-dʒ			
105.	‘tossir’	koya-kore	kodʒa-ri
z-ø			
106.	‘boca’	o-zá	ia
107.	‘cabelos’	azo	ao
108.	‘rosto’	aze	ae
r-r			
109.	‘areia’	xoare	kogari

110.	‘céu’	baro-to	baru
111.	‘cinza’	zorotu	dzorugudu
112.	‘fogo’	zoru	dzoru
113.	‘lua’	ari	ari
114.	‘pé’	buré	bire
115.	‘pele’	biri-ka	biri
116.	‘arara vermelha’	a-lapore	nabure
117.	‘camaleão’	hiri-be	irui
118.	‘peixe’	hare	karo,kare(pl)
119.	‘ferver’	bere	bere
120.	‘sono’	u-nori	nori
l-r			
121.	‘mato’	ixula	itura
122.	‘costela’	jula-ka	dzura
123.	‘mão’	u-jila	i-k-era
124.	‘osso’	la-ká	ra
125.	‘espiga’	ila-ka	ira
126.	‘machado’	palo	paro
127.	‘sapo’	du,lu	ru

Assim, a comparação lexical entre Boróro e Umutína feita por Rodrigues (2007) e aqui apresentada por mim, permite-me estabelecer as seguintes correspondências sonoras entre as duas línguas, em relação às consoantes:

Quadro 2: Correspondências sonoras entre as duas línguas

UMUTÍNA	BORÓRO
p	p
b	b
m	m

m	b
t	t
t	d
k, k ^w	k,g
ʃ	t
ʃ	d
ø,h,x	g
Ø	k
z	dʒ
j (y)	dʒ
ʒ	dʒ
z	ø
r	r
l	r

A partir da exposição acima, elaborei os quadros com os fones consonantais de cada língua. A opção por uma abordagem mais fonémica, deve-se ao fato de a língua Umutína encontrar-se praticamente extinta, e por não possuir mais falantes ativos. Por isso, a impossibilidade de se adotar critérios de análise da fonologia moderna para descrever os sons dessa língua. Não encontrei nos dados de Rodrigues (op.cit) menção às aproximantes **w** e **j** para o Boróro. Há um único registro da aproximante **j** para o Umutína, em que o autor faz correspondência dela com a africada álveo-palatal **dʒ** do Boróro. Porém, nos quadros de fonemas apresentados por ele e transcritos por mim na página 27, há o registro das duas aproximantes tanto para Umutína, quanto para o Boróro. Por isso, elas constam em meus dois quadros de fones que seguem abaixo.

2.2 Fones consonantais das línguas Umutína e Boróro a partir da comparação de Rodrigues

Quadro 3: Língua Umutína

	Bilabiais	Alveolares	Palatais	Velar	Glotal
Oclusivos	p b	t		k, k ^w	
Nasais	m	n			
Fricativos		s z	ʃ ʒ		h
Tepe		r			
Lateral		l			
Aproximantes	w		j		

Quadro 4: Língua Boróro

	Bilabiais	Alveolares	Palatais	Velar
Oclusivos	p b	t d		k g
Nasais	m	n		
Africado			dʒ	
Fricativos				
Tepe		r		
Aproximantes	w		j	

2.3 Vogais e suas respectivas correspondências

Quadro 5: Correspondências entre vogais

	GLOSA	UMUTÍNA	BORÓRO
u-u			

1.	‘campo’	boku	boku
2.	‘lagoa’	urukwa	kuruga
3.	‘mato’	ixula	itura
4.	‘costelas’	jula-ka	džura
5.	‘flor’	iku	ku, oki
o-u			
6.	‘céu’	baro -to	baru
7.	‘cinza’	zorotu	džorugudu
8.	‘sangue’	ko-kwa	ku
9.	‘bem-te-vi’	boto-doze	butugu
10.	‘branco’	kikoto	kigadu
i-i			
11.	‘lua’	ari	ari
12.	‘pedra’	tori	tori
13.	‘sol’	mini	meri
14.	‘orelha’	bia	bia
15.	‘eu’	imi	Imi
i,e- i			
16.	‘fumaça’	zorixixi	džorididi
17.	‘cobra’	ebaki	awagi
18.	‘falar’	matare	batari
19.	‘medo’	pakixi	pagidi
u-i			
20.	‘pé’	bure	bire
21.	‘flor’	iku	oki
22.	‘caminhar’	a-menu	meri
e-e			
23.	‘excremento’	pe	pe
24.	‘língua’	eru-kwa	eru

25.	‘cutia’	m ^ẽ a	mea
26.	‘morcego’	kie	ke
27.	‘jenipapo’	be	be
o-o			
28.	‘rio, água’	po	po
29.	‘campo’	boku	boku
30.	‘coração’	uapo	uabo
31.	‘jáú’	poru	poru
o-u			
32.	‘céu’	baro-to	baru
33.	‘cinza’	zorotu	dzorugudu
34.	‘dormir’	i-notu	nudu
35.	‘nadar’	oru-pu	kuru
a-a			
36.	‘lua’	ari	ari
37.	‘boca’	o-zá	ia
38.	‘fígado’	a	aka
39.	‘cabaça’	poari	poari
40.	‘tu’	ame, a-	a-

Na análise comparativa de Rodrigues (2007), não aparecem o registro das vogais orais abertas, apenas das vogais orais fechadas para a língua Umutína, como se pôde observar no quadro apresentado. Quanto à vogal central *i*, ao contrário de Lima (2007), o autor afirma que “o Umutína, que não tem a vogal *i*, responde em alguns casos com *i* (em um caso com *e*), sobretudo com consoantes alveolares, mas em outros casos com *u*, sobretudo com consoantes labiais e velares, ao *i* do Boróro” (2007, p.11). Portanto, essa é uma das diferenças entre uma língua e outra, ou seja, o *i* do Boróro corresponde ao *i* do Umutína. Outra diferença, é que não se registram as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] em Boróro. Visitando o trabalho de Nonato (2008), observei que o autor aponta a variação livre entre

as vogais [o]-[ɔ] e [e]-[ɛ]. Uma das semelhanças entre as duas línguas é que em ambas não existem vogais nasais. Resumindo, então, têm-se os seguintes quadros de fones vocálicos em relação às duas línguas, na perspectiva de Rodrigues (op.cit.). Ressalto aqui que, embora, não apareça em Rodrigues as vogais orais abertas do Umutína, nem do Boróro, elas constam em meu quadro de fones.

Quadro 6: Sons vocálicos da língua Umutína

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	[i]		[u]
MÉDIA FECHADA	[e]		[o]
MÉDIA ABERTA	[ɛ]		[ɔ]
BAIXA		[a]	

Quadro 7: Sons vocálicos da língua Boróro

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	[i]	[i]	[u]
MÉDIA FECHADA	[e]		[o]
MÉDIA ABERTA	[ɛ]		[ɔ]
BAIXA		[a]	

2.4 Semelhanças e diferenças entre as duas línguas

Na comparação feita por Rodrigues (2007), os fonemas consonantais **p, b, m, t, k** e **r** correspondem-se entre as duas línguas. Entretanto, as correspondências não ocorrem de forma semelhante entre todos os segmentos, pois há contextos em que o **m** do Umutína corresponde ao **b** do Boróro, o **t** do Umutína corresponde ao **d** do Boróro; **k** corresponde ao **g** do Boróro; há contextos em que **f** correspondem a **t** e **dʒ** do Boróro; **z** e **j** correspondem a **dʒ**; **ʒ** corresponde a **dʒ**; **l** corresponde a **r**. Outra diferença é que em Bóroro não há a consoante **h**, ao contrário do Umutína. Em outros casos, como atesta Rodrigues (op.cit.), “há velares sonoras e surdas do Boróro que correspondem a zero (em posição inicial, também h ou x) em Umutína; nesses casos, as vogais que, nessa língua teriam ficado contíguas, podem aparecer fundidas em uma só”.(RODRIGUES, 2007, p.13) (Conferir

quadro I, exemplos de 90-98). Em Umutína, o segmento **z** corresponde a zero em Boróro. (Quadro I, dados 106 - 108).

Com base nas descrições apresentadas, acredito que as evidências de parentesco já apontadas por Rodrigues (op.cit.) sobre a filiação genética da língua Umutína são fortes indícios que permitem classificá-la como pertencente ao tronco Macro-Jê e à família Boróro, pois de acordo com Guérios:

Quando no estudo de duas ou mais línguas se depara uma série de correspondências fonéticas, morfológicas e sintáticas, essas línguas são aparentadas, ou em linha reta, ou em linha colateral. Em ambos os casos o parentesco é de 1º, 2º ou mais graus, conforme a qualidade e a quantidade dos elementos que se comparam. (1939, p. 61)

A análise permitiu levantar mais semelhanças do que diferenças entre as duas línguas, pois as consoantes e vogais correspondem-se, sistematicamente, entre os dois idiomas. Diante dessa proximidade linguística entre as duas etnias, assinalo a hipótese de que a língua Umutína seja uma variante da língua Boróro ou vice-versa. Porém, quero deixar claro que são apenas hipóteses, pois mesmo com uma relação bastante estreita entre as duas línguas, não se pode saber de fato qual língua é variante da outra.

CAPÍTULO III

3. PUBLICAÇÕES SOBRE A LÍNGUA E O POVO UMUTÍNA E UMA ANÁLISE FONOLÓGICA DAS LISTAS DE PALAVRAS

Nesta seção apresento algumas considerações sobre os registros já realizados acerca da língua, como listas de palavras e vocabulários, entre outras publicações sobre o povo Umutína. Porém, antes de tratar sobre cada trabalho já publicado, construí um quadro das vogais e consoantes identificadas na lista de palavras de Schmidt (1941), no vocabulário de Schultz (1952), Maia (2003) e na dissertação de Lima (1995) com as respectivas correspondências encontradas em nossos dados para uma melhor compreensão dos aspectos linguísticos. Por trabalhar com listas de palavras, meus procedimentos analíticos pautaram-se no método linguístico reconstrutivo sincrônico proposto por Umaña (2000). Tal método busca recuperar a estrutura de línguas que possuem dados transcritos, a partir de um ponto de vista fonêmico.

Quadro 8: Vogais e consoantes identificadas nas listas de palavras

Schmidt (1941)	Schultz (1952)	Lima (1995)	Maia (2003)	Cruz (2012)
p, os	p, p ^θ , p ^δ	p, p̄	p	p, os
b, mb	Mb	-	b, mb	b, b ^w
d, l	l, l̄, nd	l	d, nd	l, d
t	t	t, t ^w	t	t
tch, ch	x, š, tš	š, t̄	x, ch,	ʃ
k, g	k, kw	k, k ^w	k, qu, c	k, k ^w
m	m	m	m	m
n	n	n	n	n
z	z	z	z	z
s	s	-	ç	s

j, sh	ž	j	j, g	ʒ
r,h	r, h	r, h	r, h	r, h
-	y	w	-	w
y	y	y	y	j

3.1 Schmidt (1941)

O primeiro estudo sobre o povo e a língua Umutina é o de Max Schmidt, *Los Barbados o Umutinas em Mato Grosso*, que reúne informações coletadas numa expedição etnográfica efetuada entre os Umutina no período de 10 de abril a 16 de maio de 1928, relacionadas à cultura, além de 622 palavras da língua Umutina e algumas poucas frases, transcritas ortograficamente. A maior parte desse vocabulário, segundo o autor, foi coletada junto aos Umutina que moravam em Dezoito, dos quais alguns falavam e entendiam o idioma português. Outra parte do vocabulário, Schmidt registrou junto aos índios independentes que viviam na mata, como aponta a seguir:

En Masepo yo he completado y, repetidas veces comparados estas apuntes lingüísticas. L'ls breves proposiciones que he apuntado en la lengua Umutina están notadas junto con los respectivos vocablos del vocabulario, los que aparecen en esas proposiciones. De ese modo los pronombres están aclarados por las respectivas proposiciones y también algunas formas verbales explicadas por ellas. (1941, p. 31)

O autor ainda faz as seguintes observações sobre a ortografia utilizada para o registro do vocabulário:

Conforme a lo que precede el alfabeto empleado en la apuntación de ese vocabulario es el siguiente: *Las vocales*: a; e; i; o; u; son vocales largas. a; e; i; o; u: son vocales breves. è = ä en alemán (como en: Bär=oso). ai y oi son diptongos pero aparecen pocas veces. ai = ei o ai en alemán (como en: Ei=huevo). oi = eu en alemán (como en: Teufel=diablo). Otros diptongos no aparecen en el vocabulario tampoco vocales nasales. El apóstrofo atrás de una vocal (a'í; o'í.) indica que ésta no forma diptongo con la vocal siguiente. *Las consonantes*: b; d; d es sonido especial del idioma Umutina, producido por retirar la lengua estirada; (f no existe en el idioma Umutina); g=g en alemán como en: Garten=jardín); h es siempre aspirada; j=j en español (como en jarbón); k; l; l es sonido especial, producido con la d por retirar la lengua estirada; m; n; p; r; (r) es una r reducida; s=c en español ante i (como en cielo); y=y en Nueva York, es exclusivamente aplicada como consonante; z=z en francés; ch corresponde a la ch en español; sh=j en francés (como en: je=yo).

As anotações ortográficas de Schmidt (op. cit) apontam como fonemas as seguintes consoantes: b, d, t, tch, g, h, j, k, l, m, n, p, r, s, y, z, ch, sh, mb, ps, sendo (d,l) sons especiais. Quanto às vogais, o autor registra: a, e, i, o, u que podem ser breves e longas, destacando que não há vogais nasais na língua. Além das vogais, ele registra somente dois ditongos, como: ai, oi⁷ que segundo ele aparecem poucas vezes no vocabulário.

Embora Schmidt (1941) demonstre conhecer, além do espanhol, outras línguas como o alemão, o francês e o português, percebi algumas dificuldades no registro de muitos dados da língua Umutína.

Com base nas transcrições feitas por Schmidt (op. cit), seguem algumas considerações sobre os segmentos vocálicos e consonantais anotados por ele, comparando-os com os meus dados sincrônicos.

1) <j> e <sh> correspondem ao fone [ʒ]:

juarí	[ʒua 'ri]	‘areia’
shoá	[ʒo 'a]	‘caitetu’

2) <r> e <h> correspondem aos fones [r] e [h]:

atoriki	[atori 'ki]	‘pauzinho para produzir fogo’
kabiru	[kabi 'ru]	‘crânio’
huapuzibambu	[huapuziba 'bu], [uapuziba 'bu]	‘pulmão’
harumutu	[harumu 'tu]	‘faixa de tecido para amarrar o cabelo’

3) <y> corresponde a [j] ou [ʒ]:

yatabuto	[ʒatabu 'to], [jatabu 'to]	‘cesto para guardar bens’
----------	----------------------------	---------------------------

⁷ Schmidt (1941) utiliza a pronúncia alemã para representar os sons dos dois ditongos abertos apontados por ele.

iyoko	[iʒo 'ko], [jo 'ko]	‘pai’
bayo	['bajo], ['baʒo]	‘rã’
payú	[pa 'ʒu]	‘bugio’

4) <ch> e <tch> correspondem a [ʃ]:

zimonochiká	[zimonofi 'ka]	‘sobrancelhas’
iché(u)	[i 'ʃɛ], [i 'ʃew]	‘braço’
chopalakati	[ʃopalaka 'ti]	‘ornamento pintado no antebraço do homem’
kutchipore	[kuʃipo 'rɛ]	‘grande’
katchopu	[ka 'ʃopu]	‘caixa para penas’
dachuri/dachudi	[lafu 'ri]	‘largo, comprido’

Quanto ao segmento <tch> foram encontradas apenas duas ocorrências nos dados do autor: *kutchipore* e *katchopu*, diante da vogal <i> e <o>, registrados acima. Porém, em outras notações do autor, observei os seguintes registros: *tashinukikuchipure*, cujo significado é ‘se as pessoas estão muito zangadas’ e *hamakuchiporé*, que significa ‘grávida’. Nesses dois casos, o pesquisador grava as duas palavras com a consoante <ch> que corresponde ao fone [ʃ] e não [tʃ]. Minha hipótese é de que a grafia <tch> seja por influência da língua espanhola, por se tratar apenas de dois registros feitos pelo autor e também por não identificar essa africada palatal na pronúncia do meu colaborador.

1) <g> e <ku> correspondem a [k^w]:

eruga	[eru 'k ^w a]	‘língua’
atukuá	[atu 'k ^w a]	‘concha para comer’
barukuá	[baru 'k ^w a]	‘abanador’

Em todo o vocabulário, só encontrei a palavra *erugá*, com a consoante <g>.

2) <ps> corresponde a [ps]:

apsia	[a 'psia]	‘nádegas’
psizabo	[psi 'za bo]	‘adorno de cabeça’

hupsé	[hu ' pɕɛ]	‘cágado’
apsitorukuá	[apsitoru ' k ^w a]	‘lagarta’

Em relação aos demais segmentos consonantais <p>, , <d>, <t>, <k>, <l>, <m>, <n>, <s>, <z> não houve problemas de interpretação, pois em comparação aos meus dados, correspondem respectivamente aos fones: [p], [b], [d], [t], [k]. [l], [m], [n], [s] e [z].

Nos dados de Schmidt (1941), há a presença de <mb> correspondente à oclusiva bilabial sonora pré-nasalizada [ᵐb] não identificada em nosso *corpus*. Como ele foi o primeiro pesquisador a registrar o léxico da língua Umutína, em 1928, acredito que essa pré-nasalização ocorria na pronúncia entre os falantes Umutína nessa época, tendo em vista que são muitas as palavras encontradas no vocabulário do autor. Hoje já não se observa mais essa pré-nasalização na pronúncia dos ‘lembrantes’ da língua. Em Schmidt (op. cit), ‘pé’, por exemplo, é *amburé*; ‘orelha’, *mbiá*; ‘calça’, *ambolatatá*. Na pronúncia do meu ‘lembrante’ tem-se: *aburé*, *biá* e *abolatata*, respectivamente. Assim, a pré-nasalizada ᵐb passou a b.

No caso das vogais, encontrei as seguintes correspondências nos dados:

1) <a> corresponde ao fone [a]:

zoadá	[zoa 'da]	‘testa’
hotalaka	[hotala 'ka]	‘colar’
azó	[a 'zɔ]	‘cabelos’

2) <e> corresponde aos fones [e] e [ɛ]. O acento agudo (é) indica o fone [ɛ]:

amburé	[abu ' rɛ]	‘pé’
menipá	[meni ' pa]	‘meio dia’
heribé	[heri ' bɛ]	‘iguana’

3) <o> corresponde aos fones [o] e [ɔ]. O acento agudo (ó) indica o fone [ɔ]:

chibotó	[ʃibɔ ' tɔ]	‘casca da árvore’
mapo	[ma ' po]	‘deitar’

okópó	[okɔ 'pɔ]	‘dente’
-------	-----------	---------

4) <i> corresponde aos fones [i] e [i̯]:

zorichichi	[zoriʃi 'ʃi]	‘fumaça’
atiputiti	[atiputi 'ti]	‘veado’
imamiti	[imami 'ti]	‘enojado’

5) <u> corresponde ao fone [u]:

baru	[ba 'ru]	‘quente’
purukuá	[puru 'k ^w a]	‘água’

Ao fazer referência aos ditongos, Schmidt (1941) registra apenas dois: ai e oi que correspondem, em meus dados, aos ditongos [oj],[ɔj] e [aj]:

popono i kurika	[po 'ponɔj kuri 'ka]	‘esteira de criança’
bai	['baj]	‘mosquito’
bailotuchi	[bajlotu 'ʃi]	‘escuro’

3.2 Schultz (1952)

Entre as publicações prévias, há o trabalho do etnólogo Harald Schultz que esteve entre os Umutina nos anos de 1943, 1944 e 1945, oportunidade em que coletou, além dos aspectos da língua, importantes informações etnográficas. Essa expedição resultou no livro *Vinte e três índios resistem à civilização*, 1953, publicado pela editora Melhoramentos, no qual o autor narra a história de um grupo de índios que viviam na mata porque não aceitaram o aldeamento no Posto Fraternidade, resistindo por muito tempo à “proteção” do Estado.

Schultz (op. cit) realizou essa expedição, na condição de chefe do Departamento de etnologia do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), com o objetivo de registrar os aspectos sócio-culturais desse povo. Também foi publicada uma separata na Revista do Museu Paulista, intitulada *Informações etnográficas sobre os Umutina* (1962),

em que o autor registra todas as informações colhidas por ele durante os meses em que esteve entre os Umutina, outrora “Barbados”. Desse mesmo autor há também publicado o *Vocabulário dos índios Umutina* (1952), com aproximadamente 1000 palavras, coletado durante essa mesma expedição sobre o qual tratarei com mais detalhes adiante.

Nesse vocabulário, o autor apresenta, primeiramente, o termo em português seguido do significado na língua Umutina, em ordem alfabética. Antes, porém, da apresentação do léxico, Schultz (op. cit) registra os sinais diacríticos usados por ele:

SINAIS DIACRÍTICOS USADOS

˘ em cima da letra = prolongamento
 ˇ em cima da letra = encurtamento
 ˙ em baixo da letra = redução
 ˜ em cima da letra = nasalização
 ˆ em cima da letra = tônico
 ói, ái, são ditongos (ex. teufel, Haidê, do alemão).
 ˘ em baixo de vogais = vogais fechadas (ôvo).
 ˘ = postpalatização
 x = áspero (ach-alemão)
 s = agudo (heiss – alemão)
 š = sch do alemão, x – do português
 ž = suave, como “zumbido”
 ž = como “Getulio”
 θ = sem voz, de “think” do inglês
 ł = entre l e r, rolante (polonês)
 č = “ch” espanhol de “chicha”
 w = “v” bilabial, como willi ou walter.
 δ = com voz, como “with” (inglês)
 a, e, o, i, u = vogais abertos, como ébrio, Olga.
 Não existe o “f” no idioma umutina.
 Todos os “m” e “b”, variam entre a pronúncia definitivamente entre “m” e “b”, conforme o indivíduo em questão (m=b).
 Os “d” tem tendência forte para “l”, ou ficam num meio termo.
 Os vogais “a” e “o” variam, conforme a idade do informante. Os índios - crianças pronunciam vogais abertos, os velhos inclinam-se a transformar os “a” em “o”, por exemplo: hári em hóri, ou até hóru.

A partir do vocabulário do etnólogo, depreendi os seguintes segmentos consonantais: p, m/b, x, s, t, tš, š, ž, ž, θ, ł, č⁸, v, w, y, δ, n, mb, k, k^w, r, l, h.

Quanto às vogais: a, ã, e, e, o, o, i, u, ã, são classificadas em abertas e fechadas.

Os segmentos consonantais: p, mb, m, s, t, w, n, k, k^w, l/ł não apresentaram dificuldades de

⁸ Embora Schultz(1952) faça referência a [č], não encontramos nenhuma palavra escrita com esse símbolo nos dados do autor.

compreensão, pois corresponderam , em meus dados, aos fones [p], [b], [m] [s], [t], [w], [n], [k], [k^w], [l].

Passarei, agora, a descrição das demais consoantes apontadas por Schultz (op.cit.) e suas correspondências fonéticas:

1) **x, š, tš** correspondem ao fone [ʃ]:

pešé	[pe 'ʃe]	‘abelha lambe-olho’
xóárě, xěárě, f ^x árě	[ʃo 'are]	‘areia’
šuárě, išuárě	[ʃu 'are], [iʃu 'are]	‘adorno do braço superior’
išalá	[iʃa 'la]	‘limpo’(está limpo)
atšó	[a 'ʃo]	‘pólvora’

2) **ž, y** correspondem ao fone [ʒ]:

žulo'	[ʒu 'lo]	‘abelha jati’
žirikupú	[ʒiriku 'pu]	‘lenha’
poží	[po 'ʒi]	‘barriguda’ (árvore)
bože'	[bo 'ʒe]	‘boróro’
žatámbulo'	[ʒatabu 'lo]	‘cesto’
yúko mišina, žúko mišina	[ʒu 'ko mi 'ʃina]	‘avô’

3) **ž** corresponde ao fone [z]:

zězapú	[zeza 'pu]	‘cego’
zitolo'	[zito 'lo]	‘chimburé’(peixe)
pazó - nó	[pazo 'no]	‘colar de cabelo humano’

4) **pθ e pδ** correspondem ao fone [ps]:

pθikátũ, pθěkátě	[psi 'katu], [pse 'kate]	‘deteriorado’
opθí	[o 'psi]	‘excremento’

pðĩmǒ, pθéimǒ [' psimo] ‘besouro’

5) **r** e **h** correspondem aos fones [r] e [h]:

purukwá	[puru ' k ^w a]	‘água’
oburé	[ɔbu ' rɛ]	‘formiga saúva’
huǒ'	[hu ' o]	‘jaó’(ave)
hamúšiši	[hamuʃi ' ʃi]	‘gordo’

7) **mb** corresponde ao fone [b] :

mbalatina	[bala ' tina]	‘osso da articulação do pé’
ɔlombí	[olo ' bi]	‘sagui’

8) **v** corresponde ao fone [w]:

vǒi, ǒĩ	[' woj], [' oj]	‘angico’
nǒvá	[no ' wa]	‘barreiro’
vúinã, vóinã	[wi ' na], [woj ' na]	‘caju silvestre’

9) **y** corresponde a [j]:

bãyo	[' bajo]	‘aranha caranguejeira’
yatapãrê	[jata ' pare]	‘articulação da mão’

As vogais apontadas por Schultz (1952) apresentam as seguintes correspondências fonéticas, conforme descrevo a seguir:

1) <a>, <ã> correspondem ao fone [a]:

baputá	[bapu ' ta]	‘amarrar’
katamã	[kata ' ma]	‘martim pescador’

2) <ɔ> e <o> correspondem aos fones [ɔ] e [o]:

otokoro	[oto ' koro]	‘beijo’
ókopó	[ɔkɔ ' pɔ]	‘dente’

3) <ɛ> e <e> correspondem aos fones [ɛ] e [e]:

zekí, zẽkí	[zej ' ki]	‘canoa’
alaporé	[alapo ' rɛ]	‘arara vermelha’

4) <u> e <ũ> correspondem ao fone [u]:

balarú	[bala ' ru]	‘sapo’
ũmutú	[umu ' tu]	‘feiticeiro’

5) <i> corresponde aos fones [i] e [ĩ]:

atĩpútĩtĩ	[atĩpiti ' ti], [atĩputi ' ti]	‘veado’
pĩri-pĩrĩ	[pi ' ri pi ' ri]	‘melancia’

No que se refere às vogais nasalizadas <ã> e <ũ> registradas por Schultz (1952), somente ocorrem quando estão precedidas ou seguidas de <m>, porém, foram poucos os casos observados.

Em relação aos ditongos, o autor também registra apenas dois: ói e ai, conforme dois exemplos que destaco abaixo:

bõinã	‘chuva’
káibo	‘cupim’

3.3 Lima (1995)

Além dos trabalhos de Schmidt (1941) e Schultz (op.cit) referentes a língua Umutína, há a dissertação de mestrado, intitulada: *A língua Umutina: “um sopro de vida”*, de Lima (1995), que trata da descrição prévia da fonologia e aspectos da morfologia da

língua, e ainda da mesma autora, o artigo “Flexão Nominal em Umutína, Telles (2007), publicado no livro “Línguas e Culturas Macro-Jê (2007), organizado por Rodrigues e Cabral. Como os aspectos fonológicos foram retomados no Capítulo III, não farei novamente a descrição dos fonemas nesta sessão. Praticamente quase todos os segmentos consonantais e vocálicos descritos pela autora correspondem aos fonemas identificados por mim. Igualmente a Schultz (op.cit), Lima (op.cit) considerou m e b variantes de um mesmo fonema. Porém, em um novo trabalho publicado em 2007 e já citado anteriormente, a autora considera o /b/ como fonema distinto na língua Umutína, tal como faz com /s/ também.

3.4 Maia (2003)

O *Vocabulário Umutina*, organizado pelo professor e pesquisador Marcus Maia e publicado pelo Museu do Índio - UFRJ, em abril de 2003 traz listas de palavras coletadas por funcionários da Comissão Rondon em 1912, durante o período em que os índios Umutina, também conhecidos como “barbados” foram contactados pela Comissão do Marechal Rondon, encarregada da expansão das linhas telegráficas do Mato Grosso e Amazonas. A primeira lista intitulada: “Vocabulário datilografado Português-Umutína” e a segunda: “Vocabulário manuscrito Português-Barbados” são do próprio encarregado do contato, o Sr. Severiano Godofredo d’Albuquerque, que implantou em terras Umutina uma base do SPI (Serviço de Proteção aos Índios). A primeira é datada de 31 de março de 1912 e a segunda, de 23 de fevereiro de 1917. Já a terceira lista: “Vocabulário manuscrito Português-Umutína” foi coletada pelo inspetor Otaviano Calmon no ano de 1944 (data baseada em cartas enviadas para Álvaro Duarte Monteiro); e a quarta e última lista não apresenta nem coletar, nem data de coleta.

Com base, então, nas listas de palavras desse vocabulário, organizado por Maia (2003), identifiquei os segmentos consonantais: <p>, , <d>, <nd> <mb>, <t>, <c>, <qu>, <k>, <m>, <n>, <z>, <ç>, <j>, <g>, <gu>, <x>, <ch>, <r>, <h>, <y>. Em termos de vogais identificamos: <a>, <ã>, <ê>, <é>, <i>, <o>, <ó>, <u>.

Os segmentos consonantais <p>, , <t>, <k>, <m>, <n>, <h>, <z> corresponderam, em meus dados, aos fones [p], [b], [t], [k], [m], [n], [h] e [z].

Quanto aos demais segmentos, assim os descrevo:

1) <d> e <nd> correspondem ao fone [l] ou [d]:

igida	[iʒi 'la]	‘dedo’, ‘mão’
dumataká	[lumata 'ka]	‘feijão’
onduáre	[olo 'ari], [odo 'ari]	‘pintado’ (peixe)
ambundá	[abo 'la], [abo 'da]	‘perna’

2) <mb> corresponde ao fone [b]:

imbia	[bi 'a]	‘orelha’
mambuducoá	[babodu 'k ^w a], [babudu 'k ^w a]	‘argola de brinco’

3) <c>, <ç>, <qu> correspondem aos fones [k], [s] e [k^w]:

bicáno	[bɔj 'kana], [bɔj 'kano],	‘carrapato’
zaricucô	[zaruku 'k ^w a]	‘banana’
colo-colo	[ko 'lɔ ko 'lɔ]	‘chapéu-velho’ (pássaro)
ucepecê	[u 'se pe 'se kuri 'ka]	‘borrachudo’
aquibolô	[akibo 'lo]	‘anzol’
atuquá	[atu 'k ^w a]	‘concha’

4) <j>, <g> e <y> correspondem aos fones [ʒ] e [j]:

jokô	[ʒo 'ko], [jo 'ko]	‘pai’
girikika	[ʒiriki 'ki]	‘cágado’
mataya ⁹	[mata 'ja]	‘tuiuiú’

5) <x> e <ch> correspondem ao fone [ʃ]:

⁹ Aparecem poucas palavras em que <y> corresponde a semivogal [j].

ixó	[i 'jɔ]	‘flecha’
bichó	[bi 'jɔ]	‘cana’

6) <r> e <h> correspondem aos fones [r] e [h]:

ary	[a 'ri]	‘lua’
zarutó	[zaru 'to]	‘bagre’
utiohoty	[utu 'zo ho 'ti]	‘mandioca assada’

Palavras escritas com o segmento consonantal <h> aparecem raríssimas vezes nas listas de palavras em questão. Encontrei apenas o exemplo acima *utiohoty*, em que <h> corresponde ao fone [h]. Outro fato é que, em todo o vocabulário, é clara a presença da vogal central i, representada pelo segmento <y>, sempre ao final das palavras: *ory* (tocanguira), *juapy* (peixe botoado), *tipory* (lambari), *uachy* (jatobá), *elaty* (roxo).

As vogais <a>, <ã>, <ê>, <é>, <i>, <o>, <ô>, <ó>, <u> não apresentaram problemas de compreensão, pois corresponderam aos fones [a], [e], [ɛ], [o], [ɔ], [i], [u].

No vocabulário organizado pelo autor, não há referência ao padrão silábico da língua nem ao acento.

3.5 Outras publicações

Há ainda sobre os Umutina uma dissertação de mestrado, de Ferreira (2000), *O Umutina no discurso do contato: silenciamento e resistência*, sob a perspectiva da análise do discurso; outra dissertação de mestrado, intitulada *Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de Resistência 1913-1945*, de Arruda (2003), pela Universidade Federal de Mato Grosso; *Os Umutina Sob o Olhar Etnográfico de Harald Schultz*, monografia de especialização de Arruda (1999) pela Universidade Federal de Mato Grosso; a “*Construção de frase na língua umutina a partir dos seus elementos culturais*”, monografia de especialização, de Luizinho Ariabô Quezo (2010) e alguns artigos, tais como: *O parentesco genético das línguas Umutina e Boróro*, de Rodrigues (2007), *A flexão nominal em Umutina*, Telles (2007), *A descrição das consoantes bilabiais na língua Umutina e a inclusão do fonema /b/*, dos

autores Couto, Belo e Alencar (2008), *Revitalização da língua Umutína*, Cruz (2010), *Imagem(s) do sujeito lexicógrafo no vocabulário da língua Umutina*, Cruz (2011); e um trabalho sobre o povo, intitulado: *The Umutina* (p.106-111), publicado em *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil* de Kalervo Oberg-Institute of Social Anthropology, Washington, 1953.

CAPÍTULO IV

4. APONTAMENTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA LÍNGUA Umutína

O primeiro estudo fonológico da língua Umutína foi realizado em 1995 pela pesquisadora Stella Telles de Lima, da Universidade Federal de Pernambuco. Para sua análise, autora utilizou os seguintes procedimentos técnicos:

1. Oposição por meio de pares mínimos;
2. Oposição por meio de ambientes análogos;
3. Distribuição dos sons semelhantes.

4.1 Fonemas da língua Umutína em Lima (1995) e Telles (2007)

Em sua pesquisa de mestrado, Lima (1995), levantou os seguintes fonemas consonantais: /p/, /t/, /k/, /ʃ/, /j/, /m/, /n/, /z/, /r/, /l/, /w/, /y/ e vocálicos: /i/, /e/, /ɛ/, /i/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/. Posteriormente, no artigo intitulado “A flexão nominal em Umutína”, publicado no livro “Línguas e Culturas Macro-Jê (2007), a autora apresenta, com algumas alterações, os seguintes fonemas consonantais em Umutína: /p/, /b/, /t/, /k/, /m/, /n/, /z/, /s/, /ʒ/, /ʃ/, /l/, /r/, /w/, /j/, agora, adaptados à fonte IPA. Observa-se que na análise anterior de Lima (op.cit.) não aparecem os fonemas /b/, /s/ e /r/, já na releitura de 2007, a autora os considera como fonemas da língua.

Em minha pesquisa, a partir da coleta do léxico junto ao senhor Joaquim Kupodonepá entre 2009 a 2011, e também com base nos trabalhos de Schimdt (1941), Schultz (1952), Lima (1995) e Telles (2007) também registrei os fones consonantais e vocálicos da língua.

4.2 Sistema fonético da língua

No quadro fonético abaixo, apresento o inventário dos sons consonantais encontrados na língua Umutína:

Quadro 9 – Inventário das consoantes

	Bilabiais	Alveolares	Palatais	Velar	Glotal
Oclusivos	[p] [b]	[t]		[k][k ^w]	
Labializados	[p ^w] [b ^w]				
Nasais	[m]	[n]			
Fricativos		[s] [z]	[ʃ] [ʒ]		[h]
Tepe		[r]			
Lateral		[l]			
Aproximantes	[w]		[j]		

4.2.1 Descrição dos sons consonantais

[p]: oclusivo bilabial desvozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, seguido e precedido de todas as vogais e pode ser seguido da semivogal **[w]**:

[u ' pɔ]	‘joelho’
[ɔkɔ ' pɔ]	‘dente’
[puru ' k ^w a]	‘água’
[pa ' ri]	‘jacu’
[mata ' pi]	‘cesto’
[piru ' k ^w a]	‘tripas’
[pe ' ʒu]	‘irára’(mamífero)
[i ' pɛ]	‘lontra’

[p^w]: oclusivo bilabial labializado ocorre diante de [e] e [a] em final de palavra:

[i ' p ^w e]	‘eu vou’
[i ' p ^w azo]	‘folha’

[b]: oclusivo bilabial vozeado ocorre precedido e seguido de todas as vogais, em posição inicial, medial e final de palavras.

[baru ' k ^w a]	‘abanador’
[boj ' ka]	‘arco’
[abio ' lo]	‘criança’
[obu ' rɛ]	‘formiga’
[uberi ' tɔ]	‘cipó’
[' bɔj]	‘espinho’

[b^w]: oclusivo bilabial labializado, ocorre diante de [w]:

[' b ^w ɛ]	‘tamanduá’
-----------------------	------------

[t]: oclusivo alveolar desvozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, seguido e precedido de quase todas as vogais, exceto de [e] e [ɛ]:

[utu ' jo]	‘mandioca’
[tapatu ' ku]	‘cará’
[koriti ' ka]	‘barriga da perna’
[zaru ' tɔ]	‘bagre’
[fibo ' tɔ]	‘casca de árvore’
[mami ' ti]	‘surdo’

[k]: oclusivo velar desvozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras precedido e seguido de todas as vogais, exceto de [i] e ocorre, também, diante das semivogais [j] e [w]:

[a 'ka]	‘peito’
[bokoku 'k ^w a]	‘arroz’
[iki 'kãna]	‘boi’
[no 'ke]	‘por aí’
[nɔ 'kɔ]	‘não’
[hakɛa 'mãni]	‘algodão’
['kuj]	‘anta’
[há 'kjɛ]	‘respirar’

[k^w]: oclusivo velar desvozeado labializado, ocorre sempre em posição final de palavra precedido da vogal posterior fechada arredondada [u] e [o] e seguido da vogal [a], por isso, levanto a hipótese de que essa vogal arredondada é que detona a labioverização do segmento k.

[pitu 'k ^w a]	‘bonito’
[nono 'k ^w a],[nonu' k ^w á]	‘pé de urucum’
[baru 'k ^w a]	‘abano’
[alapu 'k ^w a]	‘osso da cabeça’

[z]: fricativo alveolar vozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, precedido e seguido de quase todas as vogais, exceto diante de [u] , [ɔ]:

[zaraku 'k ^w a]	‘banana’
[a 'zo]	‘cabeça’
[o 'ze]	‘dourado’
[zimonofĩ 'ka]	‘sobrancelhas’
[botodo 'zɛ]	‘bem te vi’

[ʒ]: fricativo palatal vozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, diante das vogais [i], [u], [o] e da semivogal [j].

[iʒi 'la]	‘mão’
[ʒukupari 'ka]	‘farinha’
[ʒokomi 'ʃina], [jokomi 'ʃina]	‘velho’, ‘idoso’
[ʒula 'ka], [jula 'ka]	‘costelas’
['ʒjo]	‘beija-flor’

[m]: bilabial nasal vozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ], [ɔ], [i]:

[mi ' naka]	‘bracelete para mulher’
[mono ' k ^w a]	‘seios’
[ima ' ko]	‘minha mãe’
[me ' nu]	‘arraia’
[' ma mu]	‘esquilo’

[n]: nasal alveolar vozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, ocorre diante de todas as vogais, exceto diante de [ɛ], [i]:

[inapo ' lo]	‘nariz’
[maneko ' po]	‘colar de dentes’
[anu ' puno]	‘cará’ (peixe)
[zo ' kono]	‘fagulha’
[mani ' ju]	‘flauta de burití’
[ariji ' no]	‘libélula’

[r]: tepe alveolar vozeado ocorre em posição medial e final de palavras, precedido e seguido de quase todas as vogais, exceto de [a], e [i]:

[balar ruku ' po]	‘batata’(planta)
[piripi ' ri]	‘melancia’
[alareko ' rɛ]	‘piraputanga’
[bar o ' za]	‘céu’ (sentido religioso)
[buro ' za]	‘rastros’
[ki ' piro]	‘nervo’(tendão)

[h]: fricativo glotal desvozeado, ocorre em posição inicial medial, diante de todas as vogais, exceto da vogal [i]: (foram encontrados apenas dois casos com [h] intervocálico)

[heka ' pu]	‘traíra, rubafo’
[‘hama]	‘gordo’
[hɔtare ' ka]	‘sementes que usam no chocoalho’
[humata ' ka]	‘milho’
[ino ' wa 'hene]	‘eu estou comendo’
[i ' ho]	‘comer’
[uhina ' j̥i]	‘cajueiro silvestre’
[hi ' bose], [i ' bose]	‘biguá preto’

[l]: lateral alveolar ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, precedido e seguido de todas as vogais, exceto diante de [ɛ]:

[baka ' lana]	‘garça’
[bolo ' ʃɔ]	‘cabelo’
[alupu ' k ^w a], [adupu ' k ^w a]	‘cabeça’
[o ' li]	‘tocanguira’ (formiga)
[izileno ' k ^w a]	‘dedo’
[elɔtinopa ' rɛ]	‘rio Dezoito’

[ʃ]: fricativo palatal desvozeado ocorre em posição inicial, medial e final de palavras, precedido e seguido de todas as vogais, menos de [i]:

[bolo ' ʃɔ]	‘cabelo’
[i ' ʃo]	‘braço’
[piʃiko ' no]	‘grilo’
[i ' ʃɛw]	‘braço’
[ʃaba ' la]	‘caminho’
[laʃu ' ri]	‘alto’

[s]: fricativo alveolar desvozeado ocorre em posição medial e final de palavras, seguido das vogais [e] e, em alguns casos, diante de [a] e [ɛ]. (Quanto aos fones [a] e [ɛ], encontrei pouquíssimos exemplos de cada ocorrência no *corpus*)

[' wase]	‘não-índio’
[wasamonome ' t̥i]	‘galinha’
[uroko ' sɛ]	‘efêmero’ (inseto)

[w]: aproximante bilabial sonoro ocorre em posição inicial e final:

[waki 'fɪ]	‘barba de bugio’
[wa 'ʒu]	‘jacaré’
[‘bwɛ]	‘tamanduá bandeira’
[i 'pwe]	‘eu vou’
[eno 'wa]	‘eles estão comendo’

[j] aproximante palatal vozeado ocorre na posição inicial, medial e final de palavras:

[ajpose 'pa]	‘gavião’
[mata 'ja]	‘tuiuiú’
[‘bajo]	‘aranha’
[‘kuj]	‘anta’
[jo 'ko]	‘pai’

4.2.2 Inventário dos sons vocálicos da língua Umutína

Na língua Umutína foram identificados 8 sons vocálicos que seguem no quadro fonético a seguir:

Quadro 10: Sons vocálicos

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	[i]	[ɨ]	[u]
MÉDIA FECHADA	[e]		[o]
MÉDIA ABERTA	[ɛ]		[ɔ]
BAIXA		[a]	

4.2.3 Descrição fonética dos sons vocálicos

[i]: anterior, alta, fechada, não arredondada; ocorre na posição inicial, medial e final:

[i ' mi]	‘meu’
[bari ' ji]	‘quatá’
[zu ' ri]	‘papagaio’

[e]: anterior, média, fechada, não arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[eba ' ki]	‘cobra’
[zare ' ka]	‘rir’
[u ' be]	‘mutum’

[ɛ]: anterior, média, aberta, não-arredondada; ocorre em sílaba medial e final.

[aborɛta ' ta]	‘sandália’
[zu ' rɛ]	‘sucurí’

[i]: central, alta, não-arredondada; ocorre em sílaba medial e final.

[akiko ' to]	‘branco’ (cor)
[ama ' ti]	‘fazer, preparar’

[u]: posterior, alta, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[uta ' po]	‘quati’
[azukuj ' ta]	‘onça pintada’
[bala ' tu]	‘urubu’

[o]: posterior, média, fechada, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[olari ' po]	‘rio Paraguai’
[zo ' kono]	‘vaga-lume’
[arika ' bo]	‘cão’

[ɔ]: posterior, média, aberta, arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[ɔkɔ 'pɔ]	‘dente’
[biɔ 'za]	‘canal do ouvido’
[bi 'ʃɔ]	‘cana-de-açúcar’

[a]: central, baixa, aberta, não-arredondada; ocorre em sílaba inicial, medial e final.

[a 'ri]	‘lua’
[mata 'pi]	‘cesto’
[humata 'ka]	‘milho’

4.3 Aspectos fonológicos da língua Umutína

Após a descrição fonética, segue uma análise fonêmica dos segmentos consonantais e vocálicos da língua Umutína baseada nos procedimentos de descoberta de Pike (1971), com a finalidade de determinar os sons distintivos da língua. Para tal procedimento, adotei os seguintes critérios: contraste em ambiente idêntico (CAI) ou análogo(CAA), distribuição complementar e variação livre.

Pelo critério de contraste, quando dois segmentos ocorrerem em ambientes idênticos ou análogos, em um processo de substituição mútua e, houver mudança de significado, tem-se fonemas distintos. Já a distribuição complementar determina que a ocorrência de um fone é condicionada pelo ambiente em que o mesmo se realiza. Isso significa que no ambiente em que uma das variantes ocorre, a outra não ocorrerá.

O critério de variação livre determina que se dois fones puderem ser substituídos entre si num mesmo ambiente, sem alterar o significado, serão considerados variantes livres desse fonema.

A língua Umutína apresenta 15 fonemas consonantais divididos em vozeados e desvozeados. Assim temos como fonemas desvozeados, quatro oclusivas: /p/, /t/, /k/,/b/;

cinco fricativas: /z/, /s/,/ʒ/, /h/, /ʃ/ e fonemas vozeados: duas nasais /m/, /n/; duas aproximantes /w/, /j/, uma lateral /l/ e um tepe /r/.

4.3.1 Quadro dos fonemas consonantais da língua Umutina

Quadro 11: Fonemas consonantais

Modo/Ponto	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	/p / /b/	/t/			/k/	
Fricativa		/s/ /z/		/ʃ/ /ʒ/		/h/
Nasal	/m/	/n/				
Lateral		/l/				
Tepe		/r/				
Aproximante	/w/			/j/		

4.3.2 Fonemas consonantais em Ambiente Idêntico

Os fonemas /p/ e /b/:

/p/	[p]	/pe/	[' pe]	‘excremento’
/b/	[b]	/be/	[' be]	‘jenipapo’
		/po/	[' pɔ]	‘rio’
		/bo/	[' bɔ]	‘mingau de côco de tucum’

Os fonemas /b/ e /m/:

/b/	[b]	/bapo/	[ba ' po]	‘chocoalho’
/m/	[m]	/mapo/	[ma ' po]	‘jogar’
		/bi/	[' bi]	‘cadáver’
		/mi/	[' mi]	‘cobrir’

Tendo em vista, a ocorrência restrita dos fonemas /b/ e /m/ e dos fonemas /b/ e /p/ em ambientes idênticos, apresento aqui , exemplos em que esses mesmos fonemas, ocorrem em ambientes análogos.

/mea/	[me ' a]	‘cutia’
/bia/	[bi ' a]	‘matar’
/malaru/	[mala ' ru]	‘sapo’
/balatu/	[bala ' tu]	‘urubu’

Os fonemas /p/ e /b/:

/p/	[p]	/barukwa/	[baru ' k ^w a]	‘abano’
/b/	[b]	/purukwa/	[puru ' k ^w a]	‘água’

Os fonemas /m/ e /n/:

/m/	[m]	/monokwa/	[monu ' k ^w a]	‘leite’
/n/	[n]	/nonokwa/	[nonu ' k ^w a]	‘urucum’

Os fonemas /n/ e /l/:

/n/	[n]	/no/	[' no]	‘fruta de aguaçu’
/l/	[l]	/lo/	[' lo]	‘corimbatá’

Os fonemas /k/ e /ʒ/:

/k/	[k]	/boku/	[bo ' ku]	‘capim’
/ʒ/	[ʒ]	/boʒu/	[bo ' ʒu]	‘resina’

Os fonemas /h/ e /ʃ/:

/h/	[h]	/huare/	[hu ' are]	‘mutúm’
-----	-----	---------	------------	---------

/ʃ/	[ʃ]	/ʃuare/	[ʃu ' are]	‘areia’
-----	-----	---------	------------	---------

Os fonemas /h/ e /l/:

/h/	[h]	/huo/	[' huɔ]	‘jaó’
/l/	[l]	/luo/	[' luɔ]	‘caramujo’

/h/	[h]	/humataka/	[hu mata ' ka]	‘milho’
/l/	[l]	/lumataka/	[lu mata ' ka]	‘feijão fava’

Os fonemas /z/ e /ʃ/:

/z/	[z]	/azori/	[azo ' ri]	‘dor de cabeça’
/ʃ/	[ʃ]	/aʃori/	[aʃo ' ri]	‘dor no corpo’

Os fonemas /z/ e /ʒ/:

/z/	[z]	/zo/	[' zo]	‘abelha itatá’
/ʒ/	[ʒ]	/ʒo/	[' ʒo]	‘roça’

4.4 Variação livre

A variação livre acontece quando um fone pode ser realizado foneticamente de maneira distinta sem implicar mudança de significado num mesmo ambiente.

Abaixo apresento alguns pares de segmentos consonantais retirados dos vocabulários de Schimdt (1941) e Schultz (1952) que ocorrem em variação livre.

Os fones [ʒ] e [j] ocorrem em variação livre em início de palavra:

[ʒo ' ko] ~ [jo ' ko]	‘pai’
[ʒula ' ka] ~ [jula ' ka]	‘costelas’

Os exemplos acima apontam que [ʒ] e [j] são variantes de um mesmo fonema, portanto, alofones do fonema /ʒ/.

Também encontrei alguns poucos exemplos no vocabulário de Schultz (1952) em que os fones [ʃ] e [s] ocorrem em variação livre diante de [e] e [i] e [a].

['waʃe] ~ ['wase]	‘não índio’
[kaʃa' pe] ~ [kasa' pθe]	‘gafanhoto’
[ʃipa' rɛ] ~ [sipa' rɛ]	‘tronco de árvore’(parte da base)

Como [s] realiza-se, na grande maioria dos casos encontrados, diante de [e], considerarei este segmento como fonema distinto de /ʃ/. E também porque, com exceção de Schultz (op.cit), não encontrei em meus dados, a ocorrência de /ʃ/ diante de /e/.

4.5 Tap ou flap

Em Ladefoged and Maddieson (1996, p. 231), “Taps are most typically made by a direct movement of the tongue tip to a contact location in the dental or alveolar region.” Ladefoged (2001, p.150) descreve *tap* ou *flap* como “a single contraction of the muscles so that one articulator is thrown against another. It is often just a very rapid articulation of a stop”.

Encontrei no *corpus* algumas ocorrências que mostram a flutuação entre [l], [d], [n] e [r] e que possivelmente seja um *tap* ou *flap* na língua Umutína:

[o doa 'ri] ~ [oloa 'ri]	‘pintado’
[b odo ' do] ~ [bolo ' lo]	‘terreiro’
[d eka 'po] ~ [l eka 'po]	‘traíra’
[' do] ~ [' lo]	‘corimba’

Também observei outras evidências de *tap* ou *flap* no Vocabulário Básico de Línguas Indígenas do Brasil¹⁰, cujas palavras foram gravadas em 2002 com o índio Julá Paré, último falante da língua Umutína.

[arapo 'rɛ] ~ [alapo 'rɛ]	‘arara’
[da 'ʃori] ~ [la 'ʃori]	‘alto’
['no] ~ ['lo]	‘babaçu’

Sobre essa questão, Rodrigues (2007, p.13) faz a seguinte afirmação: “O Umutína tem uma consoante lateral alveolar, além de um *flap* não lateral, *l* e *r*, respectivamente, e a ambos corresponde o *flap* do Boróro”, como se pode constatar abaixo:

Umutína	Boróro	Glosa
r - r		
xoáre	kigari	‘areia’
zorotu	dʒorugudu	‘cinza’
arikau	arigao	‘cão’
l- r		
ixula	itura	‘mato’
jula-ka	dʒura	‘costela’
melaku, menaku	berago	‘breu’

Portanto, **l** e **r** do Umutína corresponde foneticamente a **r** do Boróro.

Também, em relação a isso, Schultz (1952) afirma que “Os “d” tem tendência forte para “l”, ou ficam num meio termo.”, já **l** = entre **l** e **r**, rolante (polonês).” (p.86).

Schmidt (1941) faz as seguintes observações: “b; d; *d* es sonido especial del idioma Umutina, producido por retirar la lengua estirada; [...] k; l; *l* es sonido especial, producido como la *d* por retirar la lengua estirada”. (p. 31-32)

¹⁰ Formato digital (CD). Museu do Índio-FUNAI-Brasil.

Da obra deste autor , retirei alguns exemplos: *alupukua/adapukua* (cabeça); *do/lo* (corimbatá); *duo/luo* (caracol)

Acredito que os exemplos e as afirmações acima são evidências que reforçam a hipótese de que tais fenômenos linguísticos sejam de fato um *tap* ou *flap*, na língua Umutína.

4.6 Fonemas vocálicos da língua Umutína

Quadro 12: Fonemas vocálicos

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
	Não arredondado	Não arredondado	Arredondado
ALTA	/i/	/i/	/u/
MÉDIA FECHADA	/e/		/o/
MÉDIA ABERTA	/ɛ/		/ɔ/
BAIXA		/a/	

4.6.1 Fonemas vocálicos em Ambiente Idêntico

Os fonemas /a/ e /ɔ/:

/a/	[a]	/ari/	[a ' ri]	‘lua’
/ɔ/	[ɔ]	/ɔri/	[ɔ ' ri]	‘dor’

Os fonemas /o/ e /ɔ/:

/o/	[o]	/bo/	[' bo]	‘mingau de côco de tucum’
/ɔ/	[ɔ]	/bɔ/	[' bɔ]	‘penugem’

Os fonemas /e/ e /i/:

/e/	[e]	/huari/	[hu ' ari]	‘avarento’
-----	-----	---------	------------	------------

/i/	[i]	/huare/	[hu 'are]	‘mutum’
-----	-----	---------	-----------	---------

Os fonemas /ɛ/ e /i/:

/ɛ/	[ɛ]	/ʒurɛ/	[ʒu'ɾɛ]	‘sucuri’
/i/	[i]	/ʒuri/	[ʒu'ɾi]	‘papagaio’

Os fonemas /e/ e /ɛ/:

/e/	[e]	/oze/	[o 'ze]	‘dourado’
/ɛ/	[ɛ]	/ozɛ/	[o 'zɛ]	‘lagartixa’

4.6.2 Fonemas vocálicos em Ambiente Análogo

Os fonemas /i/ e /i/:

		/ami/	[a 'mi]	‘você’
		/ami/	[a 'mi]	‘você deita’
/i/	[i]	/matapi/	[mata 'pi]	‘cesto’
/i/	[i]	/hutapi/	[huta 'pi]	‘quati’

4.7 Possíveis ditongos na língua

Os possíveis ditongos identificados nas listas de palavras são formados por dois elementos: uma vogal, que ocupa o ápice silábico, e um *glide*. Esses elementos podem ocorrer na posição de vogal + *glide* ou *glide* + vogal, dependendo se são ditongos crescentes ou decrescentes.

Neste trabalho, representarei [i] e [u] com as semivogais [j] e [w] respectivamente:

4.7.1 Ditongos decrescentes

[aj]

[' baj]

‘berne’

[ej]

[hu ' tej]

‘jequitibá’

[oj]

[boj ' ka]

‘arco’

[uj]

[' kuj]

‘anta’

[aw]

[ma ' kaw]

‘gavião’

[ew]

[' hew]

‘pequizeiro’

4.7.2 Ditongos crescentes

[jo]

[' bajo]

‘aranha’

[ja]

[mata ' ja]

‘tuiuú’

[wa]

[' bwana]

‘amanhecer’

são registrados por Lima (op. cit) como fones da língua Umutína. Acredito que no estágio anterior desta língua havia tais sons, mas ao longo do tempo, considerando o processo histórico do povo que resultou na quase extinção da população indígena, a proibição de se falar a língua materna e a influência de outras línguas, muito se perdeu linguisticamente.

Outra observação importante é em relação ao /p/ e mais dois possíveis alofones deste fonema: [p̄], alofone oclusivo bilabial surdo aspirado, um som um tanto complexo e o alofone [p^h], oclusivo bilabial levemente aspirado. A identificação desses dois fones foi apontada nos estudos já realizados por Lima (1995) e Couto (2008). Porém, ainda necessitam de um melhor estudo e análise por se tratar, como já disse anteriormente, de sons complexos na língua Umutína. E também porque minhas análises estão baseadas em listas de palavras e em dados sincrônicos coletados junto ao meu colaborador, que já não apresenta tais pronúncias na fala atual.

Quanto às vogais <i>, <u>, <e>, <o>, <é>, <ó>, <a>, registradas por todos os autores, correspondem respectivamente aos fones [i], [u], [e], [o], [ɛ], [ɔ], [a]. Apenas em relação à vogal central *i*, houve dificuldade de compreensão, pois nas listas de palavras de Schimdt (op.cit), Schultz (op.cit) e Maia (op.cit) não há referências a esse fonema. Porém, quero registrar que encontrei em Maia (op.cit), palavras, registradas com o segmento <y >, que parece ser a representação da vogal central [i]. Ressalto, ainda, que, dentre todos os meus dados sincrônicos, identifiquei esse fonema em duas palavras, como *alatiti*, ‘miolo da cabeça’, *atipititi*, ‘veado’, fato justificável, devido ao estágio atual da língua.

Diferentemente de Schultz (1952) e Lima (1995), considero /b/ como fonema distinto na língua pelas razões que já expus na seção anterior (p.63). O mesmo acontece com /h/, considerado por mim, como fonema da língua Umutína, ao contrário de Lima (op.cit), que o considera como alofone.

Espero que a descrição apresentada e a comparação com os dados sincrônicos possam contribuir para futuros estudos das línguas do tronco Macro-Jê e para a revitalização da língua Umutína.

CAPÍTULO V

5. ORTOGRAFIA DA LÍNGUA UMUTÍNA

Segundo Rodrigues (1993a), atualmente em todo o Brasil são faladas cerca de 180 línguas, distribuídas entre aproximadamente 220 povos indígenas. Dentre esses povos, 40 só falam o português. Nesse quadro cito, como exemplo, em Mato Grosso, o povo Umutina, os Chiquitano, os índios Arara de Aripuanã, dentre outros povos que se encontram em situação semelhante. Lamentavelmente, o Brasil é o terceiro país do mundo com o maior número de línguas ameaçadas de extinção, segundo a nova edição do “Atlas Interativo de Línguas em Perigo no Mundo”. De acordo com Aryon Rodrigues (op.cit), na época da colonização eram aproximadamente 1200 línguas indígenas faladas no território brasileiro.

A extinção de uma língua significa perdas culturais que acarretam um grande prejuízo para toda a humanidade e, conseqüentemente, a perda da identidade étnica de uma sociedade, pois na língua está presente grande parte dos conhecimentos tradicionais de um povo, além do que, é por meio da língua que se veiculam pensamentos, ideias, crenças, dentre outros aspectos em geral. Nesse sentido, entendo como é fundamental o registro ortográfico de uma língua, pois além de contribuir para a preservação linguística, contribui, também, para a valorização étnica de um povo, além do que, configura-se como um gesto político. Para os Umutina, o registro da língua escrita significa a reafirmação identitária perante a sociedade não só ocidental, mas também perante, outros povos indígenas.

No mais, meu objetivo é sugerir uma ortografia prática para a língua Umutina, a fim de ser utilizada pelos alunos e professores da escola indígena da aldeia. Vale ressaltar que esta proposta partiu, sobretudo, da solicitação dos próprios professores da escola que já fazem uso de uma ortografia básica da língua, porém, o que eles querem é uma ortografia pautada em critérios linguísticos. Acredito que essa proposta ortográfica venha ao encontro dos anseios dos professores da escola, que há tempos vem lutando para a revitalização da língua Umutina na comunidade.

Diante disso, é importante considerar, também, de acordo com Pike (1971), que ao se criar uma ortografia nova para uma língua é preciso levar em conta os objetivos linguísticos, sociais e discursivos. Quanto aos objetivos sociais devemos observar a aceitação por parte da comunidade e lideranças locais, adaptação à instrução de pessoas monolíngues e bilíngues, adaptação a múltiplos dialetos da língua, e o emprego de símbolos adequados ao uso e em conformidade com a língua oficial predominante na região. Já em relação aos objetivos linguísticos, o autor aponta para a necessidade de uma ortografia prática e fonêmica, ou seja, “deve haver uma correspondência um-a-um entre cada fonema e a simbolização desse fonema”. (1971, p.208 - trad. nossa).

Somados aos objetivos de Pike (op.cit.), acrescento alguns princípios-técnicos científicos apontados por Mori (1997), considerados fundamentais na elaboração de sistema de escrita para línguas ágrafas. São eles:

1. Fatores linguísticos

Para Mori (op.cit) o conhecimento linguístico é importantíssimo para a elaboração ortográfica, pois é necessário se ter uma boa descrição da fonologia, da gramática e do vocabulário da língua para a qual se quer elaborar uma ortografia. Um sistema de escrita deve ser científico e socialmente aceitável, portanto, uma ortografia deve ser pautada em critérios linguísticos e, também, pedagógicos, defende o autor.

2. Fatores pedagógicos

O outro fator é o pedagógico em que se deve levar em conta um alfabeto simples, econômico e que seja fácil para a leitura e escrita. Além do que, complementa Mori(op.cit), a adequação de um sistema ortográfico está, muitas vezes, correlacionada com o método usado no ensino.

3. Fatores psicológicos

O fator psicológico está ligado à identificação da carga funcional dos fonemas para sua posterior representação na escrita. Segundo Mori (op. cit) os fatores psicolinguísticos estão relacionados com o rendimento funcional dos fonemas no sistema linguístico. Já os fatores psicolinguísticos estão correlacionados à consciência linguística dos falantes. No caso da língua Umutína, houve dúvidas em relação aos diacríticos por parte do professor de língua materna, como por exemplo, em usar ou não o acento agudo na ortografia para marcar os dois fonemas abertos da língua /ɛ/ e /ɔ/. Depois de algumas discussões, optou-se por adotar o acento agudo por considerar que na língua há palavras idênticas na forma, porém com significados diferentes como é o caso dos pares¹¹: bó (mingau) e bô (penugem), apó (jaca) e apô (tamanduá-mirim), alare (genro) e alaré (casar), oré (papagaio) e orebutá (nascer).

4. Fatores práticos

Por último, Mori (op.cit) destaca o fator prático que está relacionado com a representação dos fonemas. Na escrita indígena são adotados os símbolos do alfabeto latino por serem já conhecidos e fáceis de serem grafados.

Atualmente, como já foi discutido antes, os professores trabalham apenas com palavras isoladas ou frases simples. Portanto, sugerir uma ortografia para a língua Umutína, mesmo que seja a partir do léxico disponível, ajudará no trabalho pedagógico desses professores e, também, para a elaboração de futuros materiais didáticos.

Por se tratar, então, de uma língua que já não possui mais falantes ativos, e da escassez de dados linguísticos, apresentamos sua ortografia, a partir da análise fonética e fonológica das seguintes obras: “Vocabulário dos Índios Umutina” (Schultz, 1952), uma lista de palavras constante em “Los Umotinas em Matto Grosso” (Schmidt, 1941), além de palavras colhidas durante uma pesquisa de campo na aldeia Umutina, junto ao meu colaborador, o senhor Joaquim Kupodonepá. Será considerada, também, como referência,

¹¹ Esses dados fazem parte dos vocabulários de Schmidt (1941) e Schultz (1952).

a dissertação de mestrado “A língua Umutina: ‘um sopro de vida’, de Lima (1995), que tratou da descrição prévia da fonologia e alguns aspectos da morfologia e a reanálise desta mesma autora, Telles(2007). Outras fontes de apoio serão os trabalhos referentes à língua Boróro, por ser considerada da mesma família linguística. Somados a esses materiais, acrescento, também, algumas frases elaboradas por professores e alunos do ensino médio da escola da aldeia, além de dois textos elaborados por Luciano Ariabô Quezo¹². São textos escritos na língua Umutina , com base em dois mitos indígenas, a saber: “ O surgimento do homem” (Orebutá Barepô) e o “Roubo das flechas”, (Jibiki xó). Todos os dados coletados foram registrados foneticamente com símbolos do IPA (Alfabeto Fonético Internacional).

Quanto aos símbolos ortográficos, considero a ortografia do português , por ser a língua majoritária na aldeia e, também, por ser a L1 na escola.

Abaixo transcrevo os dois textos escritos por Luciano na língua Umutina que complementarão meu trabalho sobre a ortografia da língua. Esses textos farão parte do livro didático bilíngue português/Umutina que está sendo preparado por ele.

O’ rebutá Barepô

Hindondo mokotarintono , moto azahetó, balatiponé kiwá, unukukwarekwá aixoré kamé haypuku amenú moto toré makewá. Haypuku unukukwarekwá boanã atabé balaporé inyanzó, tokwá, piro samatí o’rebutá barepô. Haypuku bunla óri, haypuku matí o’rebutá barepô totokótika. Haypuku samati balatiponé.

Jibiki xó

Hindondó, Mení, Harí héhé barepô amenú moto. Katamã akimolo pitukwá, biamutú haré urí, Katamã mati xó pitukwá. Boanã unukukwarekwá Mení jibiki xó katamã, ta tutó aloaré apwê pó, abiondo katamã epatiaponoki pó rikixi aloaré matarení imi Yoko katamã atú botori há pó tamaní xó ouá ta haré noko, biamutú Mení, Mení pwê há xipá ouá xó katamã.

¹² Luciano Ariabô Quezo é bolsista do projeto de pesquisa: “A construção de livro de leitura de primeiro ano do ensino fundamental em língua indígena Umutina”, filiado à linha de pesquisa "Educação escolar e educação superior indígena" do Grupo de Pesquisa "Linguagens, etnicidades e estilos em transição" - LEETRA (CNPq), liderado pela professora Maria Silvia Cintra Martins. É vinculado ao Projeto FAPESP (2009/13871-4) "Letramento, ritmo e etnicidade".

Harí tutó Maní, Katamã biamutú Harí, Katamã atabé haré héhé harí, pwuê xipá. Katamã zatô harí aza ho.

Mení zemono, Mení pwê xipá katamã, atabé laká haré atu taxipá. Mení boikomô há Harí o'rebuta.

Dos textos acima, depreendi as seguintes consoantes e vogais:

1. Consoantes: b, d¹³, h, j, l, m, n, nd, p, pw, k, kw, r, s, t, x, w, y, z

2. Vogais: a, ã, e, é, i, o, ó, u

Para uma melhor compreensão dos aspectos fonológicos da língua, seguem abaixo os quadros dos grafemas e fonemas, após análise realizada anteriormente.

5.1 Grafemas consonantais com seus respectivos fonemas

Quadro 13: Grafemas consonantais e fonemas

Grafemas	Fonemas
<p>, <pw>, <ps>	/p/
, <mb> <bw>	/b/
<t>, <tw>	/t/
<k>, <kw>	/k/
<z>	/z/
<s>	/s/
<j>	/ʒ/
<x>	/ʃ/
<m>	/m/
<n> <nd>	/n/
<r>	/r/
<h>	/h/
<l>	/l/
<w>	/w/
<y>	/j/

¹³ Nos dois textos escritos por Luciano há apenas uma palavra grafada com essa consoante. Com base em minhas análises anteriores, constatei que não há o fonema /d/ na língua Umutína. Portanto, ele não será considerado em minha proposta ortográfica.

5.2 Grafemas vocálicos com seus respectivos fonemas:

Quadro 14: Grafemas vocálicos e seus fonemas

Grafemas	Fonemas
<i>	/i/
<e>	/e/
<é>	/ɛ/
<ê>	
<a>	/a/
<á>	
<ã>	
<u>	/u/
<ú>	
<o>	/o/
<ô>	
<ó>	/ɔ/

5.3 Comparativo com a língua portuguesa

Como disse anteriormente, optei pela comparação com a ortografia do português, porque na escola da aldeia todos são alfabetizados na língua portuguesa, que passou a ser, após o contato, a língua majoritária na comunidade. Nesta proposta ortográfica, não considerarei /i/ porque no estágio atual da língua Umutína, este fonema não aparece mais e nem as pré-nasalizadas que também caíram em desuso. Quanto aos diacríticos, serão utilizados: o acento agudo como nos casos de *Otoparé*, *biriká*, *epájio*, *balarú*, o acento circunflexo em *napulô*, *olaripô*, *xopô* e o til em *katamã*, *karimã*, entre outras. Assim, com base no que foi proposto para a escrita da língua Umutína, o inventário ortográfico final resultou em 22 letras, sendo 15 consoantes e 7 vogais.

5.3.1 Representação gráfica dos fonemas consonantais e vocálicos

Quadro 15: representação gráfica dos fonemas consonantais e vocálicos

Fonema	Grafema	Fones	Umutína	Glosa
/p/	<p>	[p]	paré	‘tucano’
	<pw>	[p ^w]	ipwazo	‘folha’
	<ps>	[ps]	popse	‘dois’
/b/		[b]	biriká	‘pele’
	<bw>	[b ^w]	bwé	‘tamanduá’
/t/	<t>	[t]	tapatuku	‘cará’
/k/	<k>	[k],	kuriká	‘pequeno’
		[k ^w]	purukwá	‘água’
/h/	<h>	[x]	humataká	‘milho’
/m/	<m>	[m]	matayá	‘tuiuiú’
/n/	<n>	[n]	napulô	‘nariz’
/l/	<l>	[l]	balarú	‘sapo’
/r/	<r>	[r]	erukwá	‘língua’
/ʃ/	<x>	[ʃ]	xabalá	‘caminho’
/ʒ/	<j>	[ʒ]	epájio	‘bugio’
/z/	<z>	[z]	ozá	‘boca’
/s/	<s>	[s]	wuase	‘não índio’
/w/	<w>	[w]	wajú	‘jacaré’
/j/	<y>	[j]	boyká	‘arco’
/i/	<i>	[i]	pikina	‘feio’
/e/	<e>	[e]	ebô	‘surucucu’
/ɛ/	<é>	[ɛ]	alaporé	‘arara’
/a/	<a>	[a]	apala	‘saiurú’
/u/	<u>	[u]	utujô	‘mandioca’
/o/	<o>, <ô>	[o]	olaripô	‘rio Paraguai’
/ɔ/	<ó>	[ɔ]	ifó	‘flecha’

Espero que essa proposta ortográfica seja útil como instrumento didático na escola da aldeia, principalmente, para os professores que trabalham com a língua materna e também como valorização étnica e cultural do povo Umutína, que há décadas sofre as consequências da interdição e perda de sua língua materna.

CAPÍTULO VI

6. ASPECTOS MORFOLÓGICOS DA LÍNGUA Umutína

6.1 Um breve retrospecto do estudo morfológico de Lima (1995) e Telles (2007)

Com relação aos aspectos morfológicos da língua Umutína, Lima (1995) registrou duas classes de palavras: as variáveis, que compreendem os substantivos (alienáveis e os inalienáveis); os pronomes pessoais (caso reto e oblíquo), os possessivos e os verbos; e as invariáveis que abarcam as partículas, subdivididas em sete classes: descritivas, locativas (espaciais e temporais), de negação, de resgate, de relação, numerais e intensificadoras.

Além desses casos, a pesquisadora observou ocorrências morfofonológicas referentes à síncope, assimilação, a redução silábica e a reduplicação. (Conferir LIMA, 1995, p.104-107).

Posteriormente, em Telles (2007), a autora apresenta uma releitura de Lima (1995), associada a novos dados coletados em 1996 e 1997 que resultou no artigo "A Flexão Nominal em Umutína, publicado no livro "Línguas e Culturas Macro-Jê", organizado por Rodrigues e Cabral.

Telles (op.cit) aborda a classe do nome em Umutína e explica alguns processos morfológicos e morfofonológicos. Segundo ela, o nome caracteriza-se sintaticamente por se constituir como núcleo de sintagma nominal, funcionando como argumentos principais de predicados verbais, complemento de posposições e núcleo de predicado nominal. Semanticamente, divide-se em nomes possuídos (alienáveis: objetos pessoais, fogueira, roça) e os não-possuídos (inalienáveis: partes do corpo humano, parentesco e relações mitológicas). (Ver mais em TELLES,2007, p. 127-137).

Neste capítulo, trato do processo de formação de palavras denominado composição, por se observar a presença de possíveis casos de compostos existentes na língua Umutína.

6.2 A formação de palavras: composição

Para tratar dos aspectos morfológicos referentes ao processo de formação de palavras na língua Umutína recorrerei a Lieber e Štekauer (2005) e Aikhenvald (2007), entre outros.

Como só ocorre nas línguas naturais, encontrei, nas listas de palavras de Schmidt (1941) e Schultz (1952), os dois processos básicos de formação de palavras na língua Umutína: a derivação e a composição, sendo esta última o foco de estudo deste capítulo.

O processo de composição caracteriza-se como a criação de um novo item lexical a partir da junção de duas ou mais raízes lexicais, que pode ser classificado em dois tipos: a justaposição e a aglutinação. A justaposição caracteriza-se por manter a autonomia fonética e fonológica na combinação de bases. Já no processo de aglutinação, ocorrem alterações fonéticas nos elementos de suas bases.

Os nomes compostos por justaposição resultam da combinação de dois ou mais morfemas provindos da mesma classe gramatical ou de classes diferentes, nem sempre relacionados semanticamente, para construir um nome.

Mas não basta apenas juntar bases lexicais para formar um novo composto, é preciso observar alguns critérios linguísticos para distinguir os compostos dos sintagmas comuns. Aikhenvald (op.cit.) aponta quatro: o critério fonológico, o morfológico, o morfossintático e o critério semântico.

O critério fonológico baseia-se na acentuação e em regras fonológicas; o critério morfológico leva em conta se a palavra pode ou não receber flexão dentro da frase; o critério sintático considera a função ou distribuição da palavra dentro de unidades linguísticas maiores e, por último, o critério semântico que se relaciona à significação das palavras.

Devido ao corpus de análise ser formado por apenas palavras isoladas, não é possível aplicar todos os critérios descritos pela autora para analisar o processo de composição da língua Umutína. O ideal seria promover a análise desses compostos dentro de um contexto de produção, levando-se em conta o uso da língua, mas infelizmente, tudo

isso já se perdeu. Diante disso, lançarei mão somente do critério semântico para a identificação dos possíveis compostos existentes na língua.

6.2.1 Estrutura dos possíveis compostos em Umutína

Substantivo + substantivo

1. [bɔj ' na o ' talo] – faísca

[bɔj ' na] + [o ' talo]
chuva + relâmpago
DM + DT

2. [baru ' paru oreka ' tu] – ‘agulha’

[baru ' paru] + [oreka ' tu]
limoeiro + ?
DM + ?

3. [bao ' za] – ‘gema de ovo’

[' ba] + [o ' za]
ovo + buraco
DM + DT

4. [bio ' za] – “canal do ouvido”

[bi] + [o ' za]
orelha + buraco
DM + DT

5. [manetɔkɔ ' pɔ aʒikuj ' ta] – ‘colar de dentes de onça’

[' mane] + [ɔkɔ ' pɔ] + [aʒikuj ' ta]

colar + dente + onça
DM + DT

6. [' palo tɔ ' ri] – ‘machado de pedra’

[' palo] + [tɔ ' ri]
machado + pedra
DM + DT

7. [zo ' ru ku ' pi] – ‘lâmparina’

[zo ' ru] + [ku ' pi]
fogo + lenha
DT + DM

8. [lakɔ ' za] – ‘tutano’

[la ' ka] + [ɔ ' za]
osso + buraco
DM + DT

9. [buro ' za] – ‘rastro’

[bu ' rɛ] + [o ' za]
pé + buraco
DM + DT

10. [bɔj ' kana] – ‘carrapato’

[' bɔj] + [iki ' kana]
bexiga + boi
DT + DM

11. [otobiri ' ka] – ‘lábios’

[o ' to] + [biri ' ka]
bico + couro
DM + DT

Em (1), (2), (7) e (11) observa-se a junção de **substantivo + substantivo** em que cada elemento base mantém a sua autonomia fonética, dos quais o primeiro é o determinado e o segundo o determinante, formando um novo substantivo. Já em (3), (4), (5), (6) a justaposição resultou em locuções sendo (3) e (4) possessivas e (5) e (6) adjetivas, com a seguinte estrutura: núcleo (determinado) + elemento possuído (determinante).

Os elementos dos exemplos (8), (9) e (10) sofreram alteração fonética, portanto, acredito que sejam possíveis casos de composição por aglutinação.

No exemplo (12), tem-se a união de um substantivo + verbo que resulta num novo substantivo, dos quais o primeiro é o determinado e o segundo é o determinante.

Substantivo + verbo

12. [boj ' na amata ' rɛ] = 'trovão'

[boj ' na] + [amata ' rɛ]
chuva + conversar, falar
DM + DT

As ocorrências (13), (14) e (15), cuja junção é de um substantivo + adjetivo, resultam novos compostos, tais como:

Substantivo + adjetivo

13. [iki ' kano kuri ' ka] – 'bezerro'

[iki ' kano kuri ' ka] – 'bezerro'
[iki ' kano] + [kuri ' ka]

boi + pequeno

DM + DT

14. [odo'bo kojipo're] - tempestade

[odo'bo] + [kojipo're]

vento + grande

DM + DT

14. [jo ' ko mi ' fina] – ‘velho’

[jo ' ko] + [mi ' fina]

pai + velho

DM + DT

Em (16), a partir da junção de adjetivo + advérbio, formou-se um novo adjetivo, cujos elementos ocupam, respectivamente, a posição de determinado e determinante. Em (17) temos a junção de um substantivo + advérbio que resultou num adjetivo. O exemplo (18) traz a junção de dois substantivos + um possível sufixo, resultando numa locução possessiva. Por último, no exemplo (19) ocorre a junção de substantivo + advérbio + sufixo intensificador que resultam em um novo substantivo.

Adjetivo + Advérbio

16. [hama kujipo ' re] – ‘grávida’

[ha ' ma] + [kujipo ' re]

gordo + muito

DM + DT

Substantivo + Advérbio

17. [u ' ki koʃipo ' rɛ] – ‘barrigudo’

[u ' ki] + [koʃipo ' rɛ]

barriga + muito

DM + DT

Substantivo + Substantivo + ? (sufixo)

18.[ibuɾɛno ' k^wa] – ‘dedo do pé’

[ibu ' rɛ] + [' no] + [' k^wa]

pé + dedo + ? (sufixo)

DT + DM

Substantivo + advérbio + intensificador

19.[puru ' k^wa bolotoʃi ' ʃi] – ‘café’

[puru ' k^wa] + [bolotoʃi ' ʃi]

água + escuro (preto) + intensificador

DM + DT

6.3 Possíveis casos de Incorporação nominal

Mithun (1984) define a incorporação nominal como um processo gramatical em que um núcleo de um sintagma junta-se ou incorpora-se ao núcleo de outro sintagma, com características bem próximas à sintaxe.

Abaixo aponto alguns casos de incorporação nominal, em que se dá a possível união de um substantivo e um verbo, resultando num composto verbal. Estes substantivos incorporados não denotam objetos específicos, eles são não-referencial.

Nos exemplos (1), (3), (4), (7), (8), (9) e (10) os verbos resultantes dos compostos são transitivos diretos. Já nos exemplos (2), (5) e (6), os verbos resultantes são intransitivos.

1. [ɔkɔ'pɔ bo'haj] – 'morder'

okopó + bohai

(dente + morder)

Nome + Verbo

2. [ari'ti paki'fi] = 'fugir'

ariti + pakixi

(correr + medo)

Verbo + Nome

3. [biri'ka ku'ri] = 'coçar'

biriká + kuri

(pele + coçar)

Nome + Verbo

4. [iku'pu otoka'lɔ] = 'rachar'

ikupu + otokaló

(pau + rachar)

Nome + Verbo

5. [ena'podo obolo'tɔ] = rastejar

(enapodo + obolotó)

(seguir + rastro)

Verbo + Nome

6. [napolo'fi] = respirar

napolo + aʃi
(nariz + espirrar)

Nome + Verbo

7. [aʃo ' bu] – ‘abraçar’

[a ' ʃo] + [' bu]

braço + abraçar

Nome + Verbo

8. [birika ' ta] – ‘esfolar’

[biri ' ka] + [' ta]

pele + tirar

Nome + verbo

9. [botaka ' ta] – ‘escamar’

[bota ' ka] + [' ta]

escama + tirar

Nome + verbo

10. [otoru ' ta] – ‘cuspir’

[oto ' ru] + [' ta]

saliva + tirar

Nome + Verbo

As características das ocorrências acima apontam para supostos processos de incorporação nominal, pois como atesta Mithun (1984) combinações desse tipo, ou seja, de uma base nominal + uma base verbal dá origem a um novo verbo, fenômeno linguístico que, possivelmente, ocorra na língua Umutína.

CAPÍTULO VII

7. TRAÇOS DA LÍNGUA NA MEMÓRIA DO POVO Umutína

Neste capítulo tratarei da situação de um povo indígena que sofre até hoje as conseqüências da perda de sua língua materna¹⁴. Nesse sentido, é interessante iniciar este texto trazendo a manchete abaixo, que dá título à matéria publicada na página de notícias do G1, de Mato Grosso¹⁵, em 2011 para mostrar a luta de um povo tentando manter viva parte do que restou de sua língua.

Índios de Mato Grosso buscam na escola manter viva a língua nativa

Índios umutinas quase foram extintos após primeiro contato com não índios. No país, segundo a Funai, existem 180 linguagens indígenas conhecidas. Ericksen Vital
Do G1 MT



Sede administrativa da aldeia indígena umutina em Mato Grosso (Foto: Ericksen Vital / G1)

¹⁴ Neste momento, quando digo língua materna, estou me referindo à língua Umutína.

¹⁵ <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia>

Sabe-se que o primeiro documento oficial para a interdição das línguas indígenas brasileiras é o *Diretório dos Índios*, de 1757, do Marquês de Pombal, cuja política linguística estabelecida pelo Diretório foi crucial para o apagamento das línguas indígenas brasileiras, como se pode ver no parágrafo (6) do documento:

Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiência, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da Língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando, pois todas as Nações polidas do Mundo, este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e as Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado.

Para Mariani, essa medida significou a imposição da memória de uma outra língua, aos povos indígenas, como expõe a seguir:

Assim, ao se impor a língua portuguesa para os índios, está se impondo também uma língua com uma memória outra: a do português cristão submisso ao rei. Ensinar português aos índios objetivando a catequese é silenciar a língua e a memória de outros povos. Mas ensinar língua geral é também silenciar a língua portuguesa. Nos silêncios impostos pela colonização, a imposição de uma língua camufla a heterogeneidade linguística e contribui para a construção de um efeito homogeneizador que repercute ainda hoje no modo como se concebe a língua nacional no Brasil. (MARIANI, 2003, p. 77)

Foi a partir da segunda metade do século XVIII, com a Lei do Diretório dos Índios que a língua portuguesa foi se consolidando, pois com a proibição do uso da língua geral, o processo de expansão da língua portuguesa se acelerava cada vez mais por todo o território brasileiro. Porém, é de conhecimento, também, que esse processo de expansão

não começou, de fato, no século XVIII, pois a literatura também deu início a essa expansão, já no século XVI. Com isso, três fatores, a expressão literária, a proibição do uso da língua geral e o ensino obrigatório da língua portuguesa nas escolas contribuíram, sobremaneira, para que esta língua ganhasse o *status* de língua nacional e oficial, por ter alcançado todo o território brasileiro.

No caso dos Umutína, a interdição veio após o contato com a sociedade envolvente, no início do século XIX. Eles sofreram uma série de transformações em sua cultura e modo de vida, dentre elas, a perda da língua materna. Tudo isso foi se agravando ainda mais quando se efetivou a instalação do SPI em território indígena, conforme trecho da Ata da transferência para a Inspeção do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais em Mato Grosso:

Aos 12 dias do mês de outubro de 1913, de conformidade com instruções do Cidadão Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, chefe da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas e Diretor do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (...) foi transferido para este Serviço, o Posto de Atração “Fraternidade Indígena” (...) destinando-se à pacificação dos Índios Barbados (...) sendo encarregado do mesmo posto o cidadão Severiano Godofredo de Albuquerque.¹⁶

O trecho da ata mostra a investida do Estado brasileiro por meio do SPI, juntamente com a Comissão Rondon para atuar no processo de “pacificação” e atração dos índios Umutína.

A interdição da língua materna efetivou-se de forma definitiva em 1941 com a implantação da escola, pois ali era o espaço de institucionalização de um ensino que obrigava os índios a aprender/falar a língua portuguesa. A escola foi considerada a melhor estratégia de dominação adotada pelo Estado, uma vez que ela cumpria o papel de moldar o corpo e a “mente” do índio (ARRUDA, 2003), ensinando-lhe a ler e escrever uma nova língua e a se comportar de acordo com a cultura do civilizado.

A imposição dessa cultura ocidental transformou o ambiente escolar num local de repreensão e violência, conforme relato abaixo:

¹⁶ Microfilme 200. Fotograma 000589. Museu do Índio/FUNAI-RJ.

[...] as práticas se mostravam com atos explícitos de violência, com a presença da palmatória aos alunos que não correspondiam à aprendizagem. “Eu bati muito nos meus colegas com a palmatória. A professora mandava e eu tinha que obedecer, se não, quem apanhava era eu,” lembra Joaquim que chegou no posto em 1947 e foi automaticamente matriculado na escola. “Logo depois que meus pais morreram (doentes), eu e minha irmã saímos da escola, preferi trabalhar. Era melhor”. Nas memórias de Antônio, outro ancião do posto, que cresceu em Humaitá, pois ficou órfão depois da epidemia do primeiro contato, mentir era a solução. Dizia que o filho estava doente para não ir à escola. “As crianças não gostavam, a professora era muito rigorosa”, afirma Antonio. (ARRUDA, 2004, p.7)

Foi, então, nessas condições históricas que se deu a interdição da língua Umutína.

Nos últimos anos, principalmente, depois da morte do último falante da língua em 2003, por iniciativa de um grupo de jovens da aldeia, denominado *Nação Nativa Umutína*, iniciou-se um trabalho de “revitalização” da cultura e da língua Umutína. Mas devido à saída de muitos integrantes do grupo para estudar fora da aldeia, a escola é hoje, a maior responsável por dar continuidade a esse trabalho, pois ela passou a ser vista como um importante espaço para o resgate da identidade étnica, cultural e linguística do povo Umutína.

Diante do que observei durante esse trabalho de pesquisa, posso afirmar que o papel social da língua Umutína, hoje, está bastante ligado à necessidade da reafirmação da identidade étnica e no sentido, também, de assegurar o direito à posse da terra, uma das preocupações presentes na fala do índio Umutína Valdivino, ao ser questionado sobre a perda da língua Umutína: *Sobre a perda da língua... eu vejo assim, né... A língua ela é... como que eu digo?... ela é como uma coisa que... tivesse... não sei se é agregada a palavra correta, mas ela faz parte da gente, né... da identidade da gente. É como... a gente tava conversando ontem, né. A língua, por ela ser parte da identidade da gente, eu acredito que ela assegura mais na questão de terras também, né, dos valores, mas também na questão dos cantos, né que a gente não canta mais, não sabe cantar... porque tem alguns cantos que eles são muito antigo, então a gente não tem como cantar eles, a gente não sabe mais, nessa questão também e na questão da segurança da terra e da própria identidade do povo.*

Na fala do índio Umutína é bem presente, além da noção de língua como marca de identidade, a língua como garantia da posse da terra. Nesse sentido, “pode-se compreender a ambiguidade da noção de língua no processo identitário: voltada para o *interior* do próprio grupo, é um dos princípios da sua identidade; para o *exterior*, na relação de contato, é um dos documentos que o identificam”. (ORLANDI, 1990, p.162-163).

Para este diálogo, então, entre língua e memória, mobilizarei o conceito de memória discursiva, inicialmente postulado por Courtine e depois por Pêcheux, sob a luz da Análise do Discurso, de linha francesa, (AD), além das contribuições de Orlandi (1992; 1996) sobre silenciamento, apagamento, forma material da língua e também a noção de sujeito. Somada à ideia de memória discursiva, trarei a noção de memória da língua, que de acordo com Payer (2006) significa o retorno e/ou a presença da língua interdita, silenciada pela língua nacional e de uso do sujeito. Para ela, a “língua apagada na história deixa seu vestígio na memória, como marca mesma do que foi apagado”, porém, essas marcas funcionam sob a forma de esquecimento, por isso, não são facilmente reconhecíveis. “É no esquecimento do silenciamento da língua dos antepassados que estes processos se instalam na relação sujeito/língua”. E é por isso que muitas vezes não é fácil perceber os traços desta língua silenciada, mas, embora, “escondidos” eles estão lá, seja na pronúncia de determinados sons, no vocabulário ou até mesmo nas brincadeiras do dia-a-dia, como a piada, o riso, enfim.(PAYER, op.cit.)

Então, para iniciar minhas reflexões, empresto de Pêcheux a definição de memória discursiva:

uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plana, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos, de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos (2007 , p. 56).

Pela definição deste autor, entende-se que a memória está em constante movimento de reestruturação, constituindo e se (re)definindo. Complementando Pêcheux, Orlandi (2007), define a memória discursiva como interdiscurso, ou seja, “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.”(p.31)

E mais, é o saber discursivo, segundo a autora, que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito.

Portanto, alicerçada à noção de memória discursiva, sob a perspectiva da AD, juntamente com a noção de memória da língua, postulada por Payer (2006), passarei às minhas análises.

7.1 Ensino da língua indígena na escola: o que dizem os documentos oficiais

Antes de tratar sobre os traços da memória da língua na escola, primeiramente, quero apresentar as proposições dos documentos oficiais referentes à Educação escolar indígena, especialmente, em se tratando da inclusão da língua indígena no currículo, para podermos compreender melhor esse contexto em que se dá a relação entre línguas.

Foi por meio da catequização, no século XVI, após a chegada dos portugueses ao Brasil, que a educação escolar fez-se presente nas comunidades indígenas. Depois foi a vez do SPI, cujo objetivo era o de integrar os povos indígenas à sociedade ocidental, impondo-lhes, além de outras medidas, o ensino obrigatório da língua nacional.

Porém, essa situação vem sofrendo mudanças nas últimas décadas, principalmente, nas comunidades indígenas em que o contato com o não índio já é antigo e o português tornou-se a língua materna do povo. Através da mobilização dos próprios índios, a escola transformou-se num importante espaço para valorização étnica e a revitalização da cultura. Nesse contexto, a escola coloca-se como espaço de constituição de sentidos para a identificação dos Umutína.

É com a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 210¹⁷, parágrafo 2, que os povos indígenas têm assegurado o direito à educação, em que se reconhece a utilização

¹⁷ Art. 210, parágrafo 2, se estabelece que “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

das línguas nativas no processo de ensino-aprendizagem, além da proteção à cultura desses povos.

Posteriormente, em 1994, surgem as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, que estabelece uma educação escolar indígena bilíngue, com as seguintes recomendações:

a) cada povo tem o direito constitucional de utilizar sua língua materna indígena na escola, isto é, no processo educativo oral e escrito, de todos os conteúdos curriculares, assim como no desenvolvimento e reelaboração dinâmica do conhecimento de sua língua;

b) cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros -formal, coloquial, etc.

c) a língua materna de uma comunidade é parte integrante de sua cultura e, simultaneamente, o código com que se organiza e se mantém integrado todo o conhecimento acumulado ao longo das gerações, que assegura a vida de todos os indivíduos na comunidade. Novos conhecimentos são mais natural e efetivamente incorporados através da língua materna, inclusive o conhecimento de outras línguas. (BRASIL, p.11-12, 1994)

Em dezembro de 1996, é criada pelo governo federal, a Lei 9.394 – LDB, em que fica estipulada a criação de programas de ensino e pesquisa para oferecer educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, sobretudo, com a valorização de suas línguas maternas.

Complementando os documentos já citados, em 1998, surge o Parâmetro Curricular para as Escolas Indígenas – RCNei, cuja orientação é de uma educação bilíngue, direcionada para a valorização da(s) língua(s) indígena(s) na matriz curricular.

Nesse sentido, segundo o documento, “a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o *status* de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira”. (BRASIL, 1998, p. 118)

Ainda, de acordo com o Parâmetro Curricular, “além de ser a língua de instrução, a língua indígena deve também entrar no currículo, no caso de comunidades bilíngües, como uma de suas disciplinas: **língua indígena como primeira língua**. Nesses

casos, ela será objeto de reflexão e de estudo, tanto no nível oral quanto no escrito,[...] (BRASIL, 1998, p. 120)

Veja que neste primeiro caso, tem-se a língua indígena como L1 para as sociedades bilíngues, o que não é a realidade da aldeia Umutína, por ser monolíngue em português. Para essa situação linguística, cabe o segundo caso, em que fica assegurado o seguinte:

[...] quando for o caso, a **língua indígena como segunda língua** seja incluída, como disciplina, no currículo escolar. Já existem algumas experiências, em curso no país, de tentativas de recuperação linguística escolar em comunidades nas quais somente algumas pessoas idosas ainda falam a língua indígena, enquanto jovens e crianças falam apenas o português.(BRASIL, op.cit.)

Na matriz curricular da Escola Indígena Julá Paré, faz-se presente a língua materna Umutína como disciplina obrigatória, porém, como L2, devido à situação linguística vivida pelo povo, ou seja, todos são monolíngues em português. Embora convivam etnias diferentes nesta comunidade indígena, o ensino da língua Umutína é o que prevalece porque, segundo Luizinho Ariabô Quezo, é a língua do povo originário do território, como se pode ver na fala do professor: *Na questão da disciplina mesmo, a gente procurou tá aplicando mais com conteúdo... igual à língua materna nossa, né. Na escola é ensinado o idioma Umutína, né. Mas nada vai impedir... nada impede das outras famílias como Boróro, Bakairi falarem nas suas casas seu próprio idioma também. Então a gente procura valorizá a etnia, né. O originário que são os povos Umutína.*¹⁸

Quando se tem a realidade retratada acima, a exemplo dos Umutína, “o **português como primeira língua** será a língua de instrução e disciplina curricular, mas é fundamental que se procure, dentro das possibilidades, criar condições para a retomada da língua indígena”.(BRASIL,2005, p. 123)

É essa, portanto, a situação sociolinguística vivida pela comunidade indígena Umutína, onde o português é a língua materna (L1). Sendo assim, não se pode atribuir o

¹⁸ Reflexões sobre a educação indígena em depoimentos dos professores da escola indígena da Aldeia Umutína em Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil. (18 de junho de 2011). Disponível em: <http://www.youtube.com>

status de “língua materna” somente à língua indígena, caso contrário, a situação sociolinguística de muitas comunidades que já não têm a língua indígena em situação de uso cotidiano, está sendo renegada. (ALBÓ, 2005; PIMENTEL DA SILVA, 2006).

Em relação a outras línguas indígenas presentes na aldeia Umutína, segundo o professor Luizinho, o seu uso fica limitado ao âmbito familiar, entretanto, há, também, a possibilidade da inclusão dessas línguas no currículo escolar, como atesta o Parâmetro Curricular para as escolas indígenas:

A inclusão de mais de uma língua indígena no currículo não só é possível, mas desejável, pois contribui para demonstrar claramente o pluralismo lingüístico existente no país e para favorecer o estabelecimento de alianças interétnicas. É importante lembrar, entretanto, que as línguas indígenas não podem ser consideradas línguas estrangeiras. Elas são línguas nacionais, línguas brasileiras.(BRASIL, p.124)

É dentro dessas possibilidades, portanto, que os Umutína vêm desenvolvendo nos últimos anos o trabalho de “revitalização” da língua e da cultura como forma de manter vivas as tradições deste povo como mostrarei nas próximas sessões.

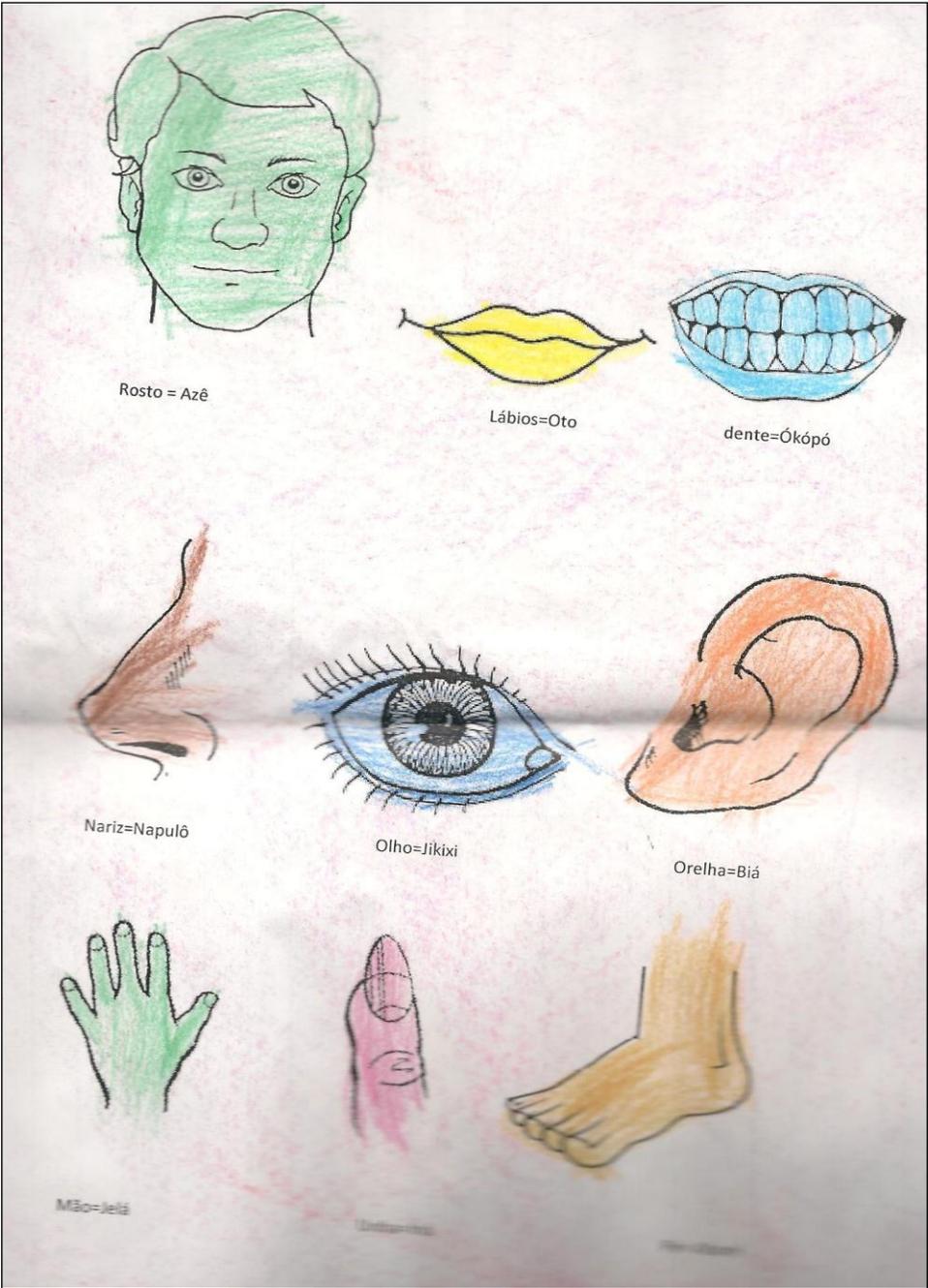
7.2 Traços da memória da língua Umutína nas práticas pedagógicas da escola

Valdivino é professor das séries iniciais, leciona para alunos da pré-escola, nível II, e é ele mesmo quem produz seu material didático para ensinar a língua. Toda metodologia é pautada no léxico da língua, a partir dos elementos da flora, da fauna, parentesco e partes do corpo humano. “*São coisas que fazem parte da realidade das crianças, inclusive, este ano quero ampliar meu trabalho, ensinando pequenas frases que podem ser usadas no dia a dia*”, diz o professor.

Quanto a isso, é importante ressaltar que o professor não é falante da língua Umutína e ensinar pequenas frases, resulta numa abordagem fragmentada da língua, tendo em vista que, a partir do momento em que foi proibido o seu uso, perdeu-se sua função comunicativa e social. Além do que, dificilmente essa língua interdita voltará a ser falada cotidianamente na aldeia, mesmo que seja por meio do uso de “pequenas frases que podem

ser usadas no dia a dia”, como disse anteriormente o professor. E também, porque convivem na aldeia Umutína, índios de diferentes etnias o que, conseqüentemente, acaba gerando constantes conflitos linguísticos e culturais entre eles.

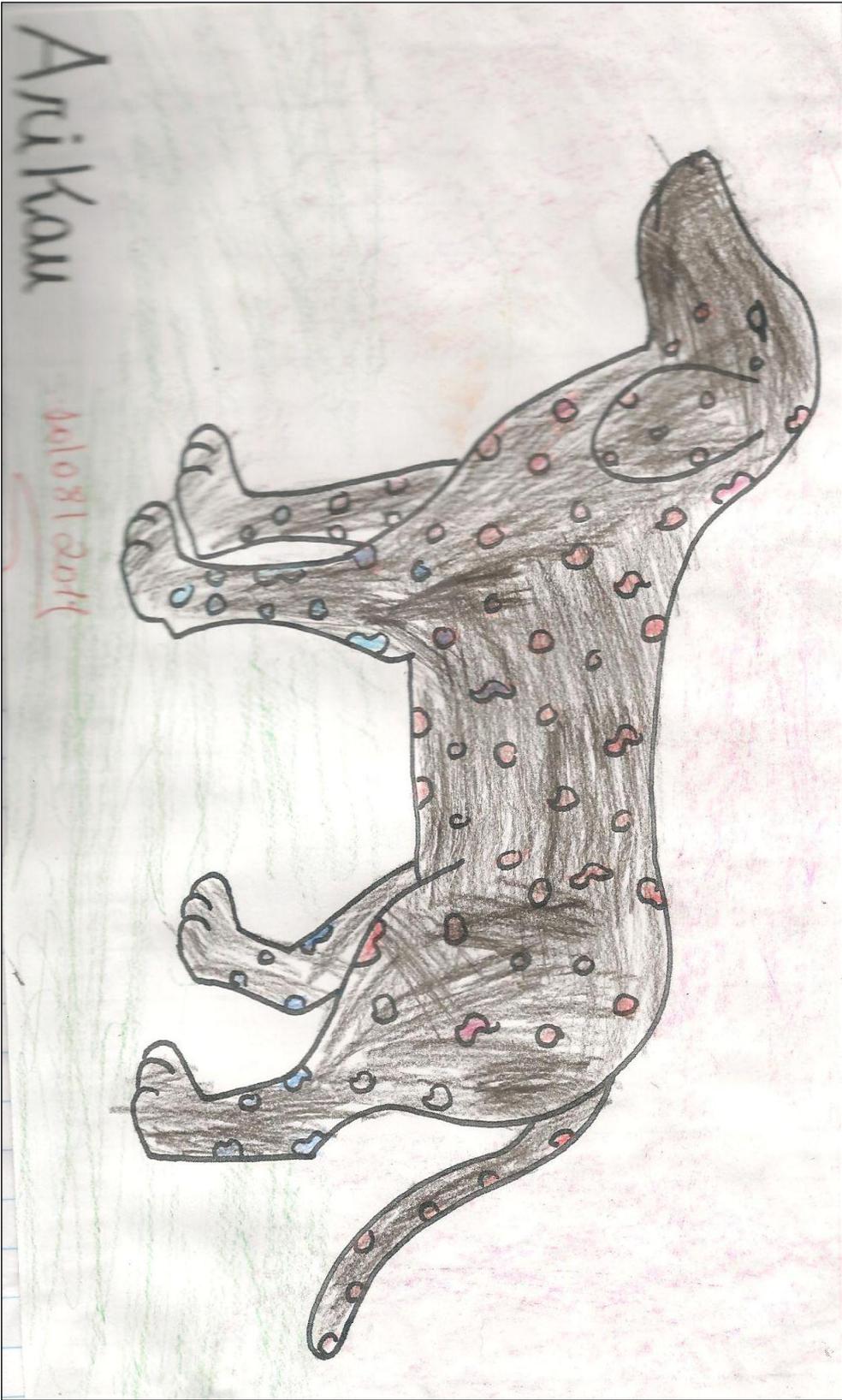
Apesar de tudo isso, Valdivino diz que as crianças têm bastante facilidade para aprender a língua Umutína, e até utilizam palavras no idioma, principalmente, os nomes de animais, como aves, peixes e mamíferos para ensinar aos pais em casa. Segundo ele, já se inicia nessa fase pré-escolar o processo de alfabetização somente com palavras da língua indígena, como pode ser constatado nos modelos de atividades aplicadas aos alunos pelo professor:



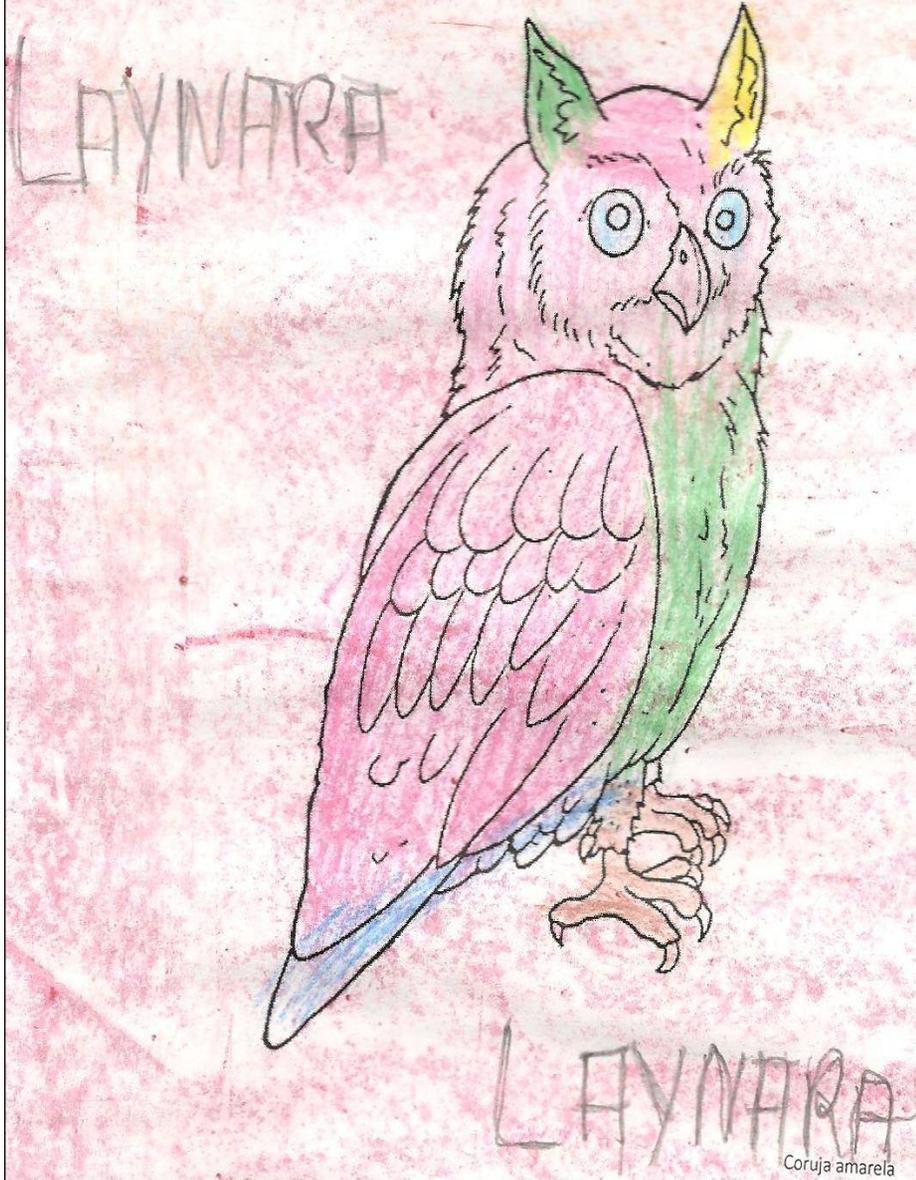
H



Humataka



K



Kuioto

Para o professor, essa é uma forma de se manter um pouco da língua viva na comunidade, mesmo sabendo que ela não voltará a ser falada novamente no cotidiano da aldeia. *É uma maneira de manter a nossa identidade*, afirma Valdivino. A escolha de língua para os Umutína está fortemente relacionada à identidade étnica. É a memória da língua constituindo a posição sujeito Umutína.

Em vários momentos da fala do professor Valdivino, fica bastante marcada a preocupação com a língua como fator identitário do povo Umutína, pois ao enunciar “nossa identidade”, além de se incluir como índio na forma genérica, o professor, também, inclui-se como integrante de um grupo, ou seja, o povo indígena Umutína.

Quando o questionamos sobre a aceitação do ensino da língua Umutína na aldeia em que vivem etnias diferentes, ele afirmou que no começo foi difícil porque os pais não aceitavam que os filhos aprendessem uma língua materna que não fosse a deles. Só depois de sua implantação como disciplina no currículo escolar, é que passou a receber o apoio dos pais para ensiná-la a seus alunos. *Algumas crianças levam para casa aquilo que aprendem na escola, como é o caso da língua*, completa o professor. Valdivino relata uma situação interessante em que um de seus alunos chegou em casa falando a palavra *uibá*, ocasião em que o pai questionou ao filho sobre o que era aquilo. “*Uibá é capivara na língua Umutína*, disse a criança”. “Mas na nossa língua não é isso”, respondeu o pai, que pertence a outra etnia indígena.

Para o professor Luizinho Ariabô, que trabalha com a língua materna, como memória do povo Umutína, há mais de 4 anos, seu ensino na escola só passou a ter o respaldo dos pais depois que foi inserida no currículo escolar, transformando-se em disciplina obrigatória no currículo. Segundo ele, um dos motivos dessa resistência está na pluralidade étnica da aldeia. Muitos pais chegavam a questionar: “Por que aprender a língua dos outros?”

A situação exposta acima revela um grande conflito linguístico e cultural devido às várias etnias presentes num mesmo espaço. Enquanto, por um lado, busca-se colocar a língua Umutína em funcionamento, outras vão sendo silenciadas.

Ao meu ver, toda essa diversidade levou a uma indefinição da identidade étnica e perda linguística, pois as crianças, além de não falarem suas línguas maternas, não sabem

se são Umutína ou Paresi ou Bakairi ou Irantxe ou Kaiabi, enfim. E por mais que esses índios, pertencentes a outras etnias, afirmem que são Umutína por terem nascido em território Umutína, o conflito linguístico e identitário entre eles é inevitável.

Hoje, segundo os professores, com o trabalho da escola na valorização da cultura e o apoio da secretaria municipal, os pais já estão aceitando bem, tanto é que já há um calendário oficial dedicado a um evento cultural, realizado sempre no mês de abril, com apresentação de danças, exposição de artesanato e comidas tradicionais.

Esse trabalho de “revitalização” foi tão significativo para a comunidade, que a sociedade envolvente e até mesmo outras etnias começaram a vê-los com outros olhos, pois segundo Luizinho, já sofreu muita discriminação por não saber falar na língua Umutína. Essa discriminação aconteceu por parte dos próprios colegas indígenas (outras etnias) quando cursava o 3º grau indígena. Ou então, por muitos não índios, que sempre questionavam: “Ué, como é que vocês são índios, se vocês não sabem falar na língua?”.

Para o “outro”, falar a língua indígena aparece como uma condição do ser índio, caso contrário, não falando mais a língua o índio deixa de ser índio, e deixando de ser índio, possui menos direitos indígenas, principalmente, em se tratando da posse da terra.

Situação semelhante também nos foi relatada pelo professor Valdivino: *As pessoas que não tem conhecimento, antigamente... há um tempo atrás, uns 10 anos atrás era muito comum esse tipo de discriminação,... não, você é índio e não sabe falar sua língua. Então quando os parente indígena encontrava que tinha grandes eventos, os grupos deles se organizavam e ficavam falando só na língua. Enquanto nós, Umutína ficava falando português. Eles chegavam e falavam: “olha, vocês tem que falar na língua de vocês, não fica falando na língua do branco! Então muitas vezes nós fomos discriminados, mas hoje essa discriminação já... o povo tem conhecimento do porquê que aconteceu... o porquê que a gente não fala mais a língua. Nós fomos forçados a deixar de falar a língua.*

Sobre o interesse dos alunos pela língua materna, Luizinho explica que no dia a dia da comunidade, eles não falam muito devido à diversidade linguística do local. O uso da língua fica mais voltado para apresentações culturais, de cantos. Para ele, o que mantém

a língua ainda viva é a escola. Aqui mais uma vez a escola aparece como espaço de ressignificação da língua.

Ao dizer que o “uso da língua fica mais voltado para apresentações culturais, de cantos”, ou na fala do índio Valdomiro quando ele diz: “Nós queremos a nossa língua para ser usada nas nossas apresentações, da nossa cultura, dos nossos rituais¹⁹”, entendo a língua, neste caso, como memória constitutiva.

De acordo com, na língua, a memória pode funcionar de vários modos: como *memória constitutiva*, quando o falante diz que não conhece ou não sabe falar a língua dos seus antepassados, mas num momento ou outro essa língua aparece em sua prática de linguagem. E também como *memória representada*, em que o falante reconhece elementos de alteridade linguística, em situações onde pode representar elementos da “sua língua” como sendo da ordem de uma alteridade em relação ao português. Que, no entanto, ele fala. Observam-se certas situações de imitação, teatralidade, com representação (cênica) da língua dos antepassados, língua esta que não tem lugar no presente (PAYER, 2006).

Ainda de acordo com o professor, as crianças menores demonstram maior interesse pela língua materna, ao contrário dos maiores (5ª série em diante), que não a valorizam muito. Talvez isso seja pelo acesso à tecnologia, como celulares, *internet* os quais são mais atrativos para eles, finaliza o professor.

Abaixo apresento outros exemplos de como o professor trabalha a língua materna em sala de aula, a partir da reconstrução de frases:



Alaporé: Arara vermelha.
Alaporé Beorukwá ihô
Arara vermelha fruta de jenipapo comer.
A arara vermelha come fruta de jenipapo.

Figura 48: Desenho de uma Arara (Alaporé)

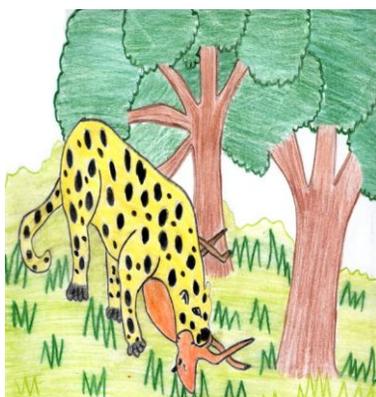
¹⁹ Fala de Valdomiro Umutina, quando da minha visita à aldeia em janeiro/2008.

Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008



Utujô: Mandioca
Pixe utujô atabé.
Vamos mandioca pegar.
Vamos pegar mandioca.

Figura 51: Desenho de Pé de Mandioca (Utujô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2000



Ajukuita: Onça Pintada
Ajukuita kiboldô pitukwá.
Onça pintada caçar bonita.
A onça pintada é uma boa caçadora.

Figura 61: Desenho de uma Onça Pintada comendo um Veado (Ajukuita)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

Há aspectos interessantes a se considerar nos exemplos acima, pois os traços da língua interditada na história, surgem, num primeiro momento, sob a forma escrita, obedecendo a ordem dos termos da estrutura sintática da língua indígena: Sujeito, Objeto e Verbo (SOV), paralela à ordem da sintaxe do português.

Além de situações de escrita, os vestígios dela também aparecem em outros momentos, e ganham “vida” de diversas formas nas práticas discursivas do cotidiano, seja no vocabulário utilizado nas brincadeiras entre as crianças (“*Ebaki começa com quê? Aaaa, eles fala. Arikau começa com quê? Aluikano começa com quê? Eles fala assim, quase igual de professor*”), ou na bronca carinhosa da avó quando fala para a neta: (“*Pára de chorá Náthaly! Tá pareceno boca de wajú!*”²⁰), ou até mesmo entre eles quando usam apelidos na língua para nomear alguém, como presenciei em determinado momento da pesquisa de campo (*zarutô* (bagre) para apelidarem um colega). Temos aí um exemplo de como a língua, interditada pelo Estado, ainda se mantém de algum modo na prática oral de linguagem de um povo. Embora sejam apenas traços de uma língua silenciada, memória e esquecimento se entrelaçam aí. Como diz Orlandi (2005), na língua tudo significa e tudo é memória, mesmo que esta memória seja marcada pelo esquecimento.

Em outra situação de pesquisa, quando estava conversando com duas crianças na casa da senhora Vera, deparei-me com a fala da garotinha Keila, de seis anos de idade:

- Eu também sei falá na língua Umutína.
 - É?! E o que você sabe?
 - Cobra, cachorro...
 - Como é cobra?
 - *Ebaki*
 - E cachorro?
 - *Arikau*
 - Onde você aprendeu falar?
 - Na escola...
 - O que você mais sabe sobre a língua?
 - *Katamã*, um passarinho pescador e *mitualana*, um passarinho piquitinho, deste tamanho (mostra com as mãozinhas).
 - O que mais?
 - Pintinho chama *mitú kuriká*. O vovô Joaquim me ensinou que onça é *ajukuitá*.
- Num determinado momento de nossa conversa, Keila olha para trás e diz:

²⁰ jacaré

- Aquele passarinho que tá voando chama *mitú kuriká*.
- E esses bichinhos que estão cantando, você sabe o nome deles?
- *Mitualana*. Eu ensino meus coleguinhas também.

Estas cenas nos mostram que, embora as novas gerações aprendam o léxico da língua, como algumas expressões e parte do vocabulário, a língua continua funcionando como parte constitutiva do sujeito Umutína.

7.3 Traços da memória da/na língua nas narrativas orais

Os trechos que seguem fazem parte de quatro narrativas orais coletadas junto a dois anciãos da aldeia, o senhor Antônio Apodonepá e Joaquim Kupodonepá. As quatro narrativas selecionadas para a análise foram relatadas na língua portuguesa, porque os dois anciãos já não falam mais a língua Umutína fluentemente, por isso são considerados por mim como “lembrantes” da língua.

É importante destacar, aqui, que para minha surpresa, não encontrei nenhum vestígio da memória da língua, em relação ao léxico, nas narrativas coletadas com o senhor Joaquim Kupodonepá, porém percebi que vestígios da sintaxe da língua indígena ainda estão presentes nas narrativas orais, aspectos que tratarei em seguida. Em relação ao léxico, causou surpresa porque ao contrário, do senhor Antônio, o senhor Joaquim é considerado na aldeia o índio Umutína que mais sabe sobre a língua, pois é um dos últimos índios independentes vivos que resistiu ao contato no processo de pacificação. Inclusive foi o meu colaborador durante toda a pesquisa, pois foi com ele que coletei parte dos dados lexicais que fazem parte deste trabalho. Das cinco narrativas coletadas, apenas uma apresenta vestígios da língua materna indígena, de ordem lexical.

Nos primeiros recortes retirados da narrativa I, relatada pelo senhor Antônio, identifiquei poucos traços da língua, referentes ao léxico:

*“Cismado, ali... e aí ele foi chegando, devagar, devagar... Daí ele foi, pegô um frô. Cherô, diz que tava cheroso, cheroso fala **pítukwá**, né. Que é, né. Aí ele olhando, aí ele foi e pegô um punhado do frozêro.”*

*“E apareceu, formô os pessoal, e era diz que só Umutina, e aí ele vortô pensando naquilo e vortô, aí procuraram o nome dele que era, eles fala, na linguagem, **mitikami, mitikami**, é a linguagem nosso, né. **Mitikami, mitikami** e aí ele botô o nome, né **otopô, otopô otopô**. Então ficô. Era só os índio memo. Aí ele trouxe, levou na casinha dele.”*

No primeiro trecho, traços da língua se fazem presentes na modalidade oral da língua portuguesa por meio de um adjetivo, pois *pitukwá* significa, “bonito, bom”. O outro traço aparece por meio de uma expressão interrogativa *mitikami?* ”(Como se chama, Qual é seu nome?) E o último traço que aparece na narrativa é *otopô* que, segundo o senhor Antônio, seria um nome próprio na língua Umutína.

Embora esse índio não fale mais cotidianamente o idioma materno, resistem ainda em sua fala, vestígios daquilo que foi interdito, silenciado pelo Estado. O que se observa aqui, neste caso, é que a língua indígena, apagada na história em detrimento da língua oficial, guarda um lugar na constituição do sujeito índio Umutína, como língua “apagada” mesmo, e a partir deste lugar, no sujeito e na história, produz os seus efeitos de sentido. (PAYER, 2006)

Compreendo esses traços de memória da língua apagada que retornam, como traços de memória presentes na modalidade oral da língua portuguesa. São também traços da memória histórica, que permanecem na língua. Estes traços de memória da língua apagada constituem também, ao lado da língua nacional, a linguagem e o sujeito de linguagem. (PAYER, op.cit.) Isso significa que a língua interdita não desapareceu completamente, ela continua significando, fazendo parte da constituição do sujeito índio.

As análises nos mostram que o sujeito, para se afirmar enquanto índio, necessita voltar ao passado, retomando dizeres que não são mais possíveis no nível do presente.

Mas não são somente traços de ordem lexical pertencentes à língua Umutína que aparecem nas narrativas orais, pois ao retomar os enunciados acima vê-se aspectos sonoros que se fazem presentes na fala do enunciatador. Entre tais aspectos, que podem ser marcas da língua Umutína, destaco alguns, como a palatização da consoante fricativa alveolar [s]:

“Então [’este] homem, [’Dewʃ] que escolheu [’este] homem.” (Antônio Apodonepá)

“Mas tinha chefe do [**posto**] aqui, só pra olhá os índio, né, governá os índio aqui.”(Antônio Apodonepá]

“Aí quebrou milho, [**de]kaf 'ko**, encheu jacá dela e foi embora. Enquanto ela tá tirando cabelo de milho na [**ef 'piga**] pra ela comê, foi relano, né... aí [**eskure 'sew**], aí a muié chamou filho dela pra vim bebê chicha e comê biju, milho assado...”(Joaquim Kupodonepá]

“[**'dojff**]²¹ casal Umutina, casal, [**'eleff**] tem [**'dwa]ff**] filha, né.”(Joaquim Kupodonepá]

Esse fenômeno, que além de estar presente na fala dos dois anciãos mais velhos da aldeia entrevistados por mim, também aparecem muito forte na fala das crianças e dos jovens.

Além desses traços fonéticos, há, também, nos enunciados que seguem, a presença de um outro traço morfossintático: a não aplicação da regra de concordância de gênero.

“E apareceu, formô os pessoal, e era diz que só Umutina, e aí ele vortô pensando naquilo e vortô, aí procuraram o nome dele que era, eles fala, na linguagem, mitikami, mitikami, é a **linguagem nosso**, né.”(Antônio Apodonepá)

“Todo isso, e o curpado **desse coisa** é o São Pedro. O São Pedro ele andou pro mundo com Jesus, né.”(Antônio Apodonepá)

“E aí duas filha subiu **num árvore** em cima do jirau, cheia de urucum.”(Joaquim Kupodonepá)

Vestígios de ordem sintática também aparecem nas narrativas orais, das quais destaco alguns exemplos. Neles pode-se observar que a ordem dos constituintes da frase são muito semelhantes à estrutura sintática da língua indígena, possivelmente, da língua Umutína.

“Daí levô tudo pra casa dele. Eles foram, ficou cheia de povo lá. **Daí ele foi fazê trabaiá, fazê frecha pra todinho, né.** Trabaiando ali, depois de frecha tudo pronta. Aí ele foi repartindo pra cada um dele, **e foro recebendo, foro recebendo as frecha tudo.** Daí tinha um branco no meio, aí ele foi dá a frecha pro homem, **homem falô que não, que esse num presta, que ele ia fazê.**”

²¹ Diferentemente do que explica Cox, na pronúncia dos meus dois colaboradores permanece a semivogal [j].

“Dois casal Umutina, casal, eles tem duas filha, né. Aí esses dois home saíro. Foi fazê caçada e num aparecia pa família, matava muito peixe, enchia jirau de pêxe, cada um com seu jirau.”

*“Aí ele foi roçá, chegou tempo de **queimá roça**, ele tacou fogo. Aí outro dia ele pediu pra muié; **“Vamô lá na roça eu prantá as coisa. Chegô lá, tá buniito de novo a prantação.”***

Os traços linguísticos observados acima referentes à fonologia, morfologia e à sintaxe mostram a presença de vestígios de memória da língua Umutína, no português oral da comunidade. Isso significa que “falar Português no Brasil é falar uma língua que são várias”. (GUIMARÃES, 2005, p. 21)

E a partir dessa mistura linguística que funciona na prática de linguagem dos Umutína, imagem de língua e de sujeito vão se constituindo. Mesmo que essa língua seja permeada de traços outros, eles continuam presentes como forma de memória nesse português com características particulares falado na comunidade.

Em outros momentos, a língua também vai se mostrando como “lugar de memória” através do uso de nomes próprios, como é o caso da Escola Indígena **Julá Paré**, em homenagem ao último falante da língua, falecido em 2003, no nome da associação das mulheres: Associação indígena Umutína **Otoparé**, Associação indígena **Haypukú**, criada recentemente devido à formação de uma nova aldeia, denominada por eles de **Bakalana**²².

Segundo Payer (op. cit), a permanência da língua nos nomes próprios é uma forma possível de identificação particular com a língua materna e “com os valores a ela associados no contexto do seu desaparecimento”. (2006, p. 117).

Isso significa que o índio Umutína, embora sofra mudanças e transformações em seu modo de vida e cultura, a partir do contato com o não índio e os índios de outras etnias que convivem na aldeia, busca identificar-se, imaginariamente, como sujeito índio, a partir da memória dos seus antepassados, principalmente, a partir da memória de sua língua materna.

²² Essa nova aldeia, distante 20 km da aldeia central, ainda em formação, surgiu devido a conflitos internos na comunidade. Atualmente, cerca de trinta e cinco famílias estão migrando para lá.

7.4 Traços da língua no espaço virtual

Como estou tratando de memória da língua, aproveito e trago para esta discussão os traços da língua Umutína presentes nas práticas discursivas do índio Umutína no *facebook*, espaço, atualmente, bastante utilizado pelos jovens.

Urixá Pitukwá -Sítio Santa Rosa- Tatuí SP



CurtirCurtir (desfazer) · · [Compartilhar](#) · há 16 horas ·

[Wagg Kezo](#) nossa que **orixas** lindas de mais da conta.....rsrsrsrsrsrsrsr

há 6 horas · Curtir Curtir (desfazer)

[Eder Apodonepá](#) é **urixá** wagner, e é msm elas são muito lindas.....

De uma forma ou de outra, a língua continua significando em forma de memória, como nesses exemplos retirados de uma página do *Facebook*, em que traços da língua Umutína aparecem nas conversas entre seus usuários. São dois elementos de ordem lexical, que formam uma locução nominal ‘urixa pitukwá’, o primeiro, um substantivo que significa ‘mulher’ na língua Umutína e o segundo, um adjetivo que significa ‘bom, bonito’. No contexto em que os dois termos foram empregados significam ‘mulheres bonitas’. Outro aspecto interessante que chama a atenção no diálogo entre Wagg e Eder é a palavra ‘orixas, pois há neste caso, a morfologia da língua portuguesa presente na língua Umutína,

uma vez que não se usa o morfema flexional ‘s’ para designar plural em Umutína. Quando Wagg diz *orixás*, rapidamente é corrigido pelo amigo Eder, pois a palavra correta na língua Umutína é *urixá*. Nesse exemplo, temos a memória da língua portuguesa fazendo-se presente na língua indígena Umutína, situação inversa das análises anteriores, em que os traços da língua indígena estão presente na língua portuguesa.

7.5 Traços da língua em outros contextos discursivos: a entrevista

Em todas as situações analisadas, a língua Umutína continua funcionando em forma de memória, deixando seus vestígios, embora tímidos, na modalidade oral da língua portuguesa e, em algumas situações, na estrutura escrita dessa língua, como nos diálogos trocados no *Facebook* ou no ensino da língua indígena na escola.

São esses vestígios que mostram como o índio Umutína ainda resiste ao se constituir enquanto sujeito com identidade própria, pois para ele, a língua é a marca de sua identidade. Essa questão ficou bastante presente durante as entrevistas realizadas com professores indígenas e outros membros da comunidade, ou seja, a língua como fator de identidade étnica.

Seja, então, por intermédio da escola ou das práticas discursivas do dia a dia, que o sujeito índio Umutína busca manter vivo aquilo que sobrou da língua dos seus ancestrais. É, nos dizeres de Payer (2006), “a memória histórica de uma língua apagada que se mantém, mesmo difusa, e que retorna na prática de linguagem, participando, desse modo, da constituição do sujeito da linguagem”.

Na matéria que transcrevo abaixo, publicada recentemente na revista *Veja* de 18 de abril deste ano, por Guilherme Deano, segue a entrevista do jovem Umutína, como exemplo de um povo que luta para manter viva a línguas dos seus antepassados, já praticamente extinta.

Conversa com Luciano Ariabo Quezo

"Falamos 'facebook' mesmo"

Nascido na aldeia Umutina, em Mato Grosso, o estudante de letras, de 22 anos, fala sobre o livro didático bilíngue que prepara para garantir a sobrevivência do seu idioma nativo



Ariabo: “I zapá a Facebook”, “Curti você no Facebook” (Pedro Ormelese)

Quantas pessoas falam umutina?

A aldeia tem 600 pessoas, mas só os mais velhos falam. os novos aprendem só português. Eu só sei falar porque um ancião me ensinou.

Além de traduzir palavras, você vai codificar a estrutura da língua?

Sim, é fundamental para ensinar as crianças. Por exemplo, para o plural, não usamos a letra s no final. o que fazemos é colocar uma palavra que indica “grande quantidade” perto do substantivo. Assim: peixe é “haré”; peixes, “haré makeawá”.

E os verbos?

Muitas vezes, não temos necessidade de usá-los. Para dizer “o rio Paraguai tem muitos peixes”, por exemplo, é só acrescentar olaripó, que é o nome que damos ao rio, à frase anterior: “olaripó haré makeawá”.

Há distinção entre gêneros?

Para substantivos e adjetivos, não. A distinção é só para alguns nomes próprios.

Como ficam palavras que designam coisas novas, como Facebook?

Fazemos como em português: adotamos o estrangeirismo. Não há nenhum problema nisso. Na aldeia, nós falamos “facebook” mesmo.

Os índios umutina usam Facebook?

A 15 quilômetros da aldeia há uma conexão com a internet. Todos os meus amigos usam.

Mesmo em meio a tanta diversidade linguística à qual está inserido esse povo, como já se relatou anteriormente, pois na comunidade indígena Umutína vivem índios de diversas etnias, com costumes e línguas diferentes, além da língua portuguesa que é a L1, o índio Umutína busca uma maneira própria de se identificar. E essa busca pela legitimação de uma identidade própria, enquanto índio Umutína, se dá pela afirmação de que ele sabe falar a língua de seus antepassados: *“A aldeia tem 600 pessoas, mas só os mais velhos falam. os novos aprendem só português. Eu só sei falar porque um ancião me ensinou”*.

Esse “saber falar a língua” dos antepassados mostra Luciano, atualmente, como um grande conhecedor de sua língua materna, embora ela não seja mais falada fluentemente na comunidade.

Retomando o que diz Payer (2006), a língua silenciada deixa seus vestígios ainda na atualidade, por meio de elementos linguísticos, no caso da língua Umutína, de ordem lexical, morfológico, sintático e prosódico. E isso está presente na fala do jovem Luciano quando diz: *“[...] Por exemplo, para o plural, não usamos a letra s no final. o que fazemos é colocar uma palavra que indica “grande quantidade” perto do substantivo. Assim: peixe é “haré”; peixes, “haré makeawá”*. Outra questão interessante é a presença de elementos de mais de uma língua natural, na fala do índio Umutína, como se pode ver neste enunciado: *“I zapá a Facebook”, “Curti você no Facebook”*. Mesclam-se aí, traços da língua indígena, pois ‘I’ (eu) e ‘a’ (você) é pronome pessoal de primeira e segunda pessoa na língua e “zapá”, verbo, juntamente com o termo inglês, no caso um estrangeirismo, “facebook”. Além disso, temos, também, a língua indígena presente na sintaxe da língua portuguesa. É a língua Umutína adquirindo formas outras.

É desse modo, portanto, que a língua silenciada do índio Umutína encontra-se nas práticas atuais de linguagem, ela ainda resiste como traços de memória na modalidade oral e/ou escrita da língua portuguesa. Traços estes, que mostram o funcionamento da língua como “lugar de memória”, em muitos momentos, traços de memória de uma língua em outra,[...] traços da memória histórica de um povo presente em seu dizer.(PAYER, 2006)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Povo Umutína: a busca da identidade linguística e cultural” teve como objetivo principal contribuir para os estudos linguísticos na área das línguas indígenas e também complementar alguns estudos já existentes sobre a língua Umutína.

Desenvolver pesquisas na área de línguas indígenas tem sido um grande desafio para muitos pesquisadores, principalmente, para aqueles que trabalham com línguas que não possuem mais falantes, como é o caso da língua Umutína, objeto deste estudo.

Preocupe-me em organizar este trabalho de uma forma mais didática pensando, não somente nos pesquisadores da área, mas, também, em nossos maiores interessados, ou seja, os próprios índios que merecem ter conhecimento de nossas pesquisas de uma maneira mais prática e acessível.

Pensando nisso e em busca de atender aos objetivos propostos, inicialmente, apresentei para os leitores, uma trajetória histórica do povo Umutína, desde o primeiro contato com a homem ocidental, o processo de “pacificação” até a rendição dos últimos Umutina que resistiram ao contato com o não índio por quase 30 anos. Nessa trajetória, descrevi os aspectos etnográficos, a língua, os costumes, enfim, aspectos sociais e culturais, finalizando com a situação atual do povo, que desde então, convive com índios de diversas etnias, um dos fatores que contribuiu, sobremaneira, para o desaparecimento de sua língua e de sua cultura e que no contexto atual, lutam pelo fortalecimento e valorização da identidade étnica por meio da revitalização da língua e das práticas tradicionais dos antepassados. Compreendo essas questões como gestos políticos que se configuram na busca de um registro escrito da língua materna, no papel da escola que funciona como espaço de ressignificação da cultura e da “revitalização” da língua materna silenciadas de forma violenta pelo Estado e em pequenos outros gestos que direta ou indiretamente contribuem para que o índio se constitua como sujeito Umutína.

Em seguida abordei sobre o parentesco genético da língua Umutína e Boróro, a partir dos estudos de Aryon Rodrigues, confirmando mais uma vez a proximidade linguística entre os dois grupos. As constatações fizeram-me levantar a seguinte hipótese: é realmente caso de parentesco ou a língua Umutína é uma variação da língua Boróro?

Muitas evidências apresentadas nesta tese apontam para a hipótese de que os Umutína são na verdade um outro ramo Boróro que se dividiu e que compartilha da mesma língua, apenas com diferenças dialetais.

Para complementar e reforçar alguns estudos já existentes sobre a língua, fiz uma releitura dos aspectos fonéticos e fonológicos da língua. Optei por uma classificação mais fonética, devido ao *corpus* ser composto somente por palavras isoladas, tendo em vista o estágio atual da língua. Da descrição fonética passei à análise fonológica, baseando-me nos critérios de contraste e /ou distribuição complementar e variação livre. Tais procedimentos me permitiram distinguir 15 fonemas consonantais e 8 fonemas vocálicos orais, ressaltando que, na língua Umutína não existem vogais nasais. Ainda neste capítulo tratei sobre os ditongos, classificados em crescentes e decrescentes,

Outra contribuição para os estudos da área, foi o levantamento bibliográfico dos trabalhos prévios sobre a língua e uma descrição das listas de palavras já publicadas. Nessa descrição fiz uma comparação entre os trabalhos de Schmidt (1941), Schultz (1952), Lima (1995) e Maia (2003) cujo objetivo foi o de apresentar um quadro comparativo, ressaltando as semelhanças e diferenças entre os registros feitos por esses autores. Além disso, esta análise serviu para sanar algumas dúvidas em relação à existência ou não de determinados fonemas, principalmente, para confirmar a ideia que /b/e /h/ são fonemas distintos na língua Umutína, além de outras questões relativas à forma e significação de determinadas palavras.

Outro objetivo proposto foi a sugestão de uma ortografia para a língua que resultou em 15 consoantes: b, h, j, k, l, m, n, p, r, s, t, x, y, w e z e 7 vogais: a, e, é, i, o, ó, u, totalizando 22 letras.

Não posso deixar de ressaltar que a elaboração prévia desta ortografia foi em comum acordo com os professores que ministram a disciplina de língua materna na escola indígena da aldeia. Uma das finalidades dessa ortografia, além de servir como instrumento didático e pedagógico, e, também, político, foi o de contribuir para a valorização linguística, social e cultural do povo Umutína.

Em relação aos aspectos da morfologia, tratei da composição, processo de formação de palavras bastante produtivo na língua. Essa análise permitiu-me identificar

possíveis casos do processo de composição por justaposição e aglutinação com a seguinte estrutura: substantivo + substantivo, substantivo + advébio, substantivo + adjetivo, entre outros. Também encontrei, no *corpus*, outro suposto processo de composição denominado Incorporação Nominal.

Por fim, considerando o estágio atual da língua, fiz uma análise das narrativas orais, enunciados produzidos por adultos e crianças em conversas cotidianas, em algumas narrativas orais, em atividades didáticas de alunos e professores da escola e em pequenos recortes retirados do *Facebook*, espaço virtual bastante utilizado atualmente pelos índios da aldeia. Nessas práticas de linguagem observei traços da memória da língua materna Umutína de ordem lexical, fonética, morfológica e sintática presentes na modalidade oral e escrita da língua portuguesa.

Com o mesmo objetivo, analisei enunciados de uma entrevista concedida por um jovem Umutína à revista *Veja*, deste ano, em que estão presentes, também, traços da língua materna como os expostos acima. Percebi que, embora, a língua Umutína já não seja utilizada de forma efetiva na aldeia, pois existem apenas dois anciãos “lembrantes” do léxico e o jovem Luciano Ariabô, um grande conhecedor da língua, ela ainda resiste como “lugar de memória” nas práticas atuais de linguagem do povo Umutína.

Apesar de a língua materna ter sido “apagada” na história, ela ainda funciona discursivamente na atualidade, guarda um lugar significativo na constituição do sujeito de linguagem, mesmo como língua “apagada”. E é a partir deste lugar, do esquecimento, que ela vai significando, produzindo efeitos de sentido. (PAYER, 2006) É a identificação do sujeito Umutína com a língua materna, mesmo que essa língua não compareça por inteiro nas práticas de linguagem do sujeito Umutína. É a língua adormecida que aos poucos vai acordando ...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, A. Y. **Typological distinctions in word-formation**. In: T. Shopen (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*. Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ARRUDA, Lucybeth Camargo de. **Posto Fraternidade Indígena: Estratégias de Civilização e Táticas de resistência 1913-1945**. Dissertação de Mestrado em História. UFMT, 2003.

_____. **Posto Fraternidade Indígena – Outro Lugar, Outra História**. In: *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. CD-ROM.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, 1997.

_____. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar**. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.

_____. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____. **Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: MEC, 2000.

COUTO, Cláudio André Cavalcanti. BELO, Edney Alexandre de Oliveira. ALENCAR, André Paiva Cavalcanti. A descrição das consoantes bilabiais na língua Umutína e a inclusão do fonema /b/. In: MOURA, Denilda.(Org.). **Desafios da língua: pesquisas em língua falada e escrita**. Maceió-EDUAL, 2008.

FERREIRA, Lucimar Luísa. **O índio Umutína no discurso do contato**: silenciamento e resistência. Dissertação de mestrado, 2000. Universidade Estadual de Campinas-SP.

GUÉRIOS, Rosário F. Mansur. 1939. **O nexu lingüístico Bororo/Merrime Caiapó** (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes", 2.61-74. Curitiba.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, 2005.

HUESTIS, George. 1958. **Questionário padrão para pesquisa nas línguas Indígenas brasileiras-Umutina**. Posto Fraternidade Indígena, MT. 18. Depositado no Arquivo do Setor Lingüístico do Museu nacional.UFRJ (Rio de Janeiro).

KINDELL. G. E. *Guia de Análise Fonológica*. Brasília – DF: Summer Institute of Linguistics. 1981.

LADEFOGED, Peter. Ian, MADDIESON. **The Sounds of the World's Languages**. Oxford: Blackwell, 1996.

_____. **A Course in Phonetics**. Fort Worth: Harcourt Brace College Publishers, 2001.

LEVERGER, Augusto. **Apontamentos cronológicos da Província de Mato Grosso**. In: revista do Instituto Histórico e geográfico Brasileiro, v. 205; 76.

LIMA Stella Telles. **A língua Umutina**: 'um sopro de vida'. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE, 1995.

MAIA, M. **Vocabulário Umutina**. Boletim do Museu nacional do Índio. Documentação n° 10, Abril, 2003.

MARIANI, Bethania. **Políticas de Colonização Lingüística**. In: Revista LETRAS n.27, UFSM, Santa Maria, 2003.

MITHUN, Marianne. **The evolution of noun incorporation**. *Language*, 60: p.847-894, 1984.

_____. **On the nature of noun incorporation**. *Language*, 62: p.32-37, 1986.

NONATO, Rafael Bezerra. **Ainore Boe egore**: um estudo descritivo da língua bororo e consequências para a teoria de caso e concordância. Dissertação de Mestrado, 2008. Universidade Estadual de Campinas-SP.

ORLANDI, Eni.Puccinelli. **Terra à Vista**: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo:Cortez, 1990.

_____. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. 4.ed. Campinas: Ed da Unicamp, 1997

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6.ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAYER, Onice. **Memória da língua**: imigração e nacionalidade. São Paulo: Ed. Escuta, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 2 ed, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2007.

PIKE, Kenneth L. 1971. **Phonemics**: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: University of Michigan Press.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. **As línguas indígenas na escola**: da desvalorização à revitalização. In: Revista Signótica. Goiânia, GO, Vol. 18, nº. 2, p. 381-395, jul/dez/2006

QUEZO, Luizinho Ariabô. **Construção de frase na língua Umutina a partir dos seus elementos culturais**. Monografia 2010. Faculdade Indígena Intercultural. Barra do Bugres-MT.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1962. **Comparação das línguas Umutina e Bororo**. In: Harald Schultz, Informações etnográficas sobre os Umutina. Revista do Museu Paulista, n.s. v. 13, p. 100-105.

_____ (1986) **Línguas Brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

_____. **Línguas indígenas**: 500 anos de descobertas e perdas. *D.E.L.T.A.* 9.1:83-103. São Paulo. 1993a.

_____. **O parentesco genético das línguas Umutina e Bororo**. In: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. (Orgs). Línguas e culturas Macro-Jê. Brasília, 2007.

SAMARIN, William. 1967. **Field Linguistics**: A guide to linguistic field work. New York: Holt et al.

SCHMIDT, Max. 1941. **Los Barbados os Umutinas em Mato Grosso**. Revista de la Sociedad Científica Del Paraguay, n.5, p. 1-51.

SCHULTZ, Harald. 1952. **Vocabulário dos índios Umutina**. Journal de la Société des Américanistes de Paris. Paris, v.41, p. 81- 137.

_____. **Vinte e três Resistem à Civilização**. Melhoramentos, 1953.

_____. 1961/62. **Informações etnográficas sobre os Umutina**. Revista do Museu Paulista, Nova Série, 13; 75-313.

STEINEN, Karl Von Den. (1915) **Entre os Borôros**. (Tradução do cap. XVII da obra *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens*, por Basílio de Magalhães). *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo LXXVIII, Parte II, p. 391-490.

STEKAUER, Pavol. LIEBER, Rochelle.(eds).**Handbook of Word-Formation**. Dordrecht: Springer, 2005.

TELLES, Stella. **A flexão nominal em Umutína**. In: RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. (Orgs).*Línguas e culturas Macro-Jê*. Brasília, 2007.

UMAÑA, Adolfo Constenla. **La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico**. *Filología y Lingüística* XXVI (2): 161-180, 2000.

ANEXOS

Abaixo segue a lista de palavras , seguida da transcrição fonológica, coletada durante minha pesquisa de campo na aldeia Umutína junto ao senhor Joaquim Kupodonepá

VOCABULÁRIO DA LÍNGUA UMUTÍNA –PORTUGUÊS

Fauna

Ayposepá	[ajpose ' pa]	gavião
Aykô	[aj 'ko]	onça parda
Ajukuytá	[azukuj ' ta]	onça pintada
Alaporé	[alapo ' rɛ]	arara vermelha
Apó	[a ' pɔ]	paca
Arikabô	[arika ' bo]	cachorro
Atupututu	[atuputu ' tu]	veado
Bakalana	[baka ' lana]	garça branca
Balaru	[bala ' ru]	sapo
Balatu	[bala ' tu]	urubu
Barixi	[bari ' ʃi]	quatá
Bayo	[ba ' jo], [ba ' ʒo]	aranha
Botorekaré	[botoreka ' rɛ]	porco do mato
Bué	[' bwe]	tamanduá
dibotô,libotô	[dibo ' to], [libo ' to]	jaó
Ebakí	[eba ' ki]	cobra
Ebô	[e ' bo]	surucucu
Epájyo	[e ' paʒjo]	bugio
Ikikâna	[iki ' kana]	boi
Joá	[ʒo ' a]	caititu
Julô	[ʒu ' lo]	jataí
Juré	[ʒu ' rɛ]	sucuri
Jurí	[ʒu ' ri]	papagaio
Kúy	[' kuj]	anta
Mamo	[ma ' mo]	abelha axupé
Mataya	[mata ' ja]	tuiuí (jaburu)
Meá	[me ' a]	cutia
Oxiká	[oʃi ' ka]	tatu
Oybá	[oj ' ba]	capivara
Paré	[pa ' rɛ]	tucano
Parí	[pa ' ri]	jacu
Poporé	[popo ' rɛ]	coruja
Uajú	[wa ' ʒu]	jacaré

Ubê	[u ' be]	mutum
Utopô	[uto ' po]	quati
Utukuanã	[wutukua ' na]	macaco
Wasaramety	[wasarame ' ti]	galinha
Zokonô	[zoko ' no]	vagalume

Peixes

Alarekoré	[alareko ' rɛ]	piraputanga
Apála	[a ' pala]	saiurú
Buyé	[bu ' jɛ], [bu ' ʒɛ]	piranha
dô, lô	[' do], [' lo]	curimbatá
Jumimá	[ʒumi ' ma]	piavuçu, piauçu
Popô	[po ' po]	pacu
Porô	[po ' ro]	jaú
Pukukanã	[pukuka ' na]	pacu peva
Rekapô	[heka ' po], [heka ' pu]	traíra (lobó)
Romã	[ho ' ma]	jiripoca
Uaripô	[wari ' po]	piau

Flora

Ayjorukwá	[ajʒoru ' k ^w a]	marmelada espinho
Balarukupô	[balaruku ' po]	batateira
Baruparukwá	[baruparu ' k ^w a]	limoeiro
Bixó	[bi ' ʃɔ]	cana
Bokú	[bo ' ku]	capim
Bokukwaká	[bokuk ^w a ' ka]	arroz
Boloxó	[bolo ' ʃɔ]	sapê
Boloriê	[bolori ' e]	pimenta do mato
Boreboê	[borebo ' e]	pau-d' alho
Ipiazô	[ipia ' zo]	folha
Katapê	[kata ' pe]	taquara
Omolukwá	[omolu ' k ^w a]	pimenteira
Oronurukwá	[oronuru ' k ^w a]	marmelada bola
Piripiri	[piripi ' ri]	melancia
piripirí birití	[piripi ' ri bici ' ti]	abóbora
Poarí	[poa ' ri]	cabaceira
Pupuxipá	[pupuʃi ' pa]	sarã
Rumataká	[humata ' ka]	milho
Tapatukú	[tapatu ' ku]	cara
Ú	[' u]	timbó (cipó)
Uhinaxí	[uhina ' ʃi]	cajueiro silvestre
Utujô	[utu ' ʒo]	mandioca
Xiparí	[ʃipa ' ri]	tronco

Zarukukwá [zaruku ' k^wa] banana

Utensílios

Akiapô [akia ' po] linhada
Akibolô [akibo ' lo] anzol
Apálo [a ' palo] espada

Atukwá [atu ' k^wa] concha

Barukwá [baru ' k^wa] abanador
Boyká [boj ' ka] arco
Boykô [boj ' ko] corda
Inapozanotu [inapozono ' tu] foice
Ixilaká [ixila ' ka] peneira
Ixó [i ' ʃɔ] flecha
Kapana [kapa ' na] girau
Kaypo [' kajpo] mão de pilão
Kazakopô [kazako ' po] pilão
Matapi [mata ' pi] cesto
Pálo [' palo] machado
Porikopô [poriko ' po] panela
Purpurina [pupu ' rina] esteira
Uká [u ' ka] ralador
Xoriki [ʃori ' ki] artifício de fazer fogo
Zorukupí [zoruku ' pi] lamparina
Zeyki [zej ' ki] canoa

Enfeites

Axuáre [aʃu ' are] adorno de penas p/ o braço
Bolô [bo ' lo] diadema de penas

Partes do corpo humano

Abolá [abo ' la] coxa
Aká [a ' ka] peito
Alatiti [alatì ' tì] miolo da cabeça (cérebro)
Aburé [abu ' rɛ] pé
Azô [a ' zo] cabeça

Boloxó	[bolo 'fɔ]	cabelo
Erukwa	[eru 'k ^w a]	língua
Ijilá	[iʒi 'la]	mão
Inapolô	[inapo 'lo]	nariz
Ipupurúna	[ipupu 'runa]	costas
Irikixi	[iriki 'ʒi]	olho
Ixô	[i 'fo]	braço
Julaká	[ʒula 'ka]	costelas
Koritiká	[kɔriti 'ka]	batata da perna
Monukwá	[monu 'k ^w a]	seio
Okopó	[ɔkɔ 'pɔ]	dente
Ozá	[o 'za]	boca
Pirukwá	[piru 'k ^w a]	tripas, intestino
Uaribá	[wari 'ba]	queixo
Utô	[u 'to]	joelho

Elementos da natureza

Arí	[a 'ri]	lua
Baketó	[bake 'tɔ]	frio
Barotô	[baro 'to]	nuvem
Barukolô	[baruko 'lo]	estrela
Boyná	[boj 'na]	chuva
boyná matar é	[boj 'na mata 're]	trovão
Jurena	[ʒure 'na]	arco-íris
Mení	[me 'ni]	sol
Olobô	[olo 'bo]	vento
olobô koxiporé	[olo 'bo kɔʒipo re]	tempestade
Purukwá	[puru 'k ^w a]	água

Parentesco

Abioló	[abio 'lɔ]	filho
Abiolotó	[abiɔlɔ 'tɔ]	filha
Amalá	[ama 'la]	irmão
Amalató	[amala 'tɔ]	irmã
Barepó	[bare 'pɔ]	marido
imakô mixina	[ima 'ko mi 'ʒina]	avô
imakô mixotó	[ima 'ko miʒɔ 'tɔ]	avó

Números

Inukurukwá	[inukuru 'k ^w a]	um
Popse	[po 'pse]	dois

Outros objetos

Aburetatá	[abureta ' ta]	chinelo
Akiopô	[akio ' po]	fio de algodão

Alimentos

Arizotô	[arizo ' to]	farinha de peixe
Areru	[are ' ru]	peixe cozido
Arerutu	[areru ' tu]	peixe assado
Jolorukwá	[zoloru ' k ^w a]	chicha de milho
Jukupariká	[zukupari ' ka]	farinha de mandioca
Jukuputu	[zukupu ' tu]	puba
Jumimá	[zumi ' ma]	chicha de mandioca
Piru	['piru]	mel

Adjetivos

Akuku	[aku ' ku]	leve
Burixa	[buri ' ja]	alegre
Kopuxixi	[kopuʃi ' ʃi]	fundo
Koxiporé	[koʃipo ' rɛ]	grande
Kuriká	[kuri ' ka]	pequeno
Mipu	[mi ' pu]	estreito
Mukukwá	[muku ' k ^w a]	bravo
Mututí	[mutu ' ti]	pesado
Ozaetó	[ozae ' tɔ]	vazio
Otí	[o ' ti]	largo
Pikinã	[piki ' na]	feio
Pitukwá	[pitu ' k ^w a]	bonito, bom
Zemixi	[zemi ' ʃi]	cheio

Advérbios

Hurí	[hu ' ri]	muito
------	-----------	-------

Verbos

Akibolô	[akibo ' lo]	pescar
Alaré	[ala ' rɛ]	casar
Amataré	[amata ' rɛ]	falar
amukutu porikopô zoru	[amuku ' tu poriko ' po]	cozinhar

	[zo' ru]	
Atabé	[ata ' bɛ]	trazer
Biá	[bi ' a]	morrer, matar
Ihó	[i ' hɔ]	comer
Inutu	[inu ' tu]	dormir
Zariká	[zari ' ka]	rir

Cores

Beriti	[beri ' ti]	vermelho
Bolotoxixi	[bolotoʃi ' ʃi]	preto
Elatinó	[elati ' nɔ]	roxo
Ixalaká	[iʃala ' ká]	branco

Topônimos

Elotinoparé	[elɔtinopa ' rɛ], [helɔtinopa rɛ]	rio Dezoito
Olaripô	[olari ' po]	rio Paraguai
Uxopoparé	[uʃopopa ' rɛ]	rio Bugres

Frases simples (Joaquim Kupodonepá)

1.Minha casa é pequena
Ixi pá kuriká.

2.Ela é bonita.
Ami pitukwá.

3.Como é seu nome?
Mitikami?

4.Estou com fome.
Imi xocopitá.

5.Senta!
Amukutu

11.Minha casa é pequena.
Ixi pá kuriká.

12.Kupodonepá matou a onça.
Kupodonepa biá ajukuytá

13.Kupodonepá flechou o macaco.
Kupodonepá aboiká utukuanã

14.Eu vou pescar.
Imi akibolô

15.Eu vou pescar pacu.
Imi akibolô popô.

6.Eu quero comer carne.
Imi ihô kotiká.

7.Eu quero dormir.
Imi pixé inotu.

8.Eu quero beber água.
Imi akutu purukwá.

9.Minha casa é grande.
Ixi pá koxiporé

16.Eu vou matar paca.
Imi biá apó

17.Eu vou buscar mandioca.
Imi atabé utujó.

18.Vai buscar mandioca.
Ami atabé utujó.

19.Eu vou comer milho.
Imi ihô humataká.

Abaixo seguem o vocabulário e algumas frases reproduzidos da obra de Schmidt (1941), disponível em [www. biblio.etnolinguistica. org](http://www.biblio.etnolinguistica.org) e o vocabulário de Schultz (1952), disponível em www.persee.fr. Os dados de Schmidt (op.cit) foram traduzidos para o português.

1.A onça bebeu água no rio.
Ajukuytá kutá purukwá he.

2.Bebamos mingau!
Akutú jolorukwá!

3.Eu não tomei banho.
Iki ako imo.

4.Você tomou banho?
Iya imo?

5.Nós tomamos banho.
Yatimo hurí.

6.Eu matei um tigre.
Imi bia ajukuytá.

7.Teu pai morreu.
Abo biá.

8.Eu não matei a onça.
I kiako akukuytá.

36.Chovisca muito.
Botori.

37.Aonde?
Matokie?

38.Por quê?
Matimi?

39.Por que não?
Unumiti?

40. As mulheres da mata tem cabelos curtos.
Urixá mukimu azu hata.

41. Todos os homens Umutína tem cabelos compridos.
Mutína huri azu dachudi!

42.A onça bebeu água no rio.
Ajukuitá kuta purukwá he.

9. Meu pai morreu.
Ijoko bia.

10. Eu falo.
Imi amataré.

11. Tu falas.
Ami amataré.

12. Ele fala.
Imataré

13. Traga água!
Atabé purukwá!

14. Ponha no sol!
Apô baru!

15. Basta!
Mabá!

16. Não fale mais!
Matari mabô!

17. Não fale assim!
Inê itiká!

18. Eu não falo com ele!
Matari kiai!

19. Eu não sei!
Nanixi!

20. Onde você esteve?
Matu kapipi?

20. Onde você esteve?
Matu kapipi?

21. Como vai você?
Ami komo?

22. Eu estou bem.
Aikoriako.

43. Capitão foi ao rio.
Capitão pixi poropo.

44. Traga lenha!
Atabe zirikopo!

45. Põe no sol!
Apô baru!

46. Eu vou à mata.
Ipoe mukimu.

47. Na mata há muitas casas.
Mukimu ixipá hudi.

48. A casa é grande.
Ixipá kuxiporé (kutchiporé)

49. Minha casa é grande.
Imixipá kuxiporé.

50. A casa é ruim.
Ixipá pekina.

51. Ele vai.
Pixi.

52. Eu vou.
Mípixi.

53. Vamos!
Pixinó.

54. Eu não tenho medo.
Pakixinakiako.

55. Eu não tomei banho.
Ikia' imo, ikiakimo.

56. Você tomou banho/
Iya imo?

57. Nós tomamos banho.
Yatimo huri.

23. Aonde você foi?
Xikipodo?
24. Aonde foi o Capitão?
Capitão Xicopodo?
25. Esteve aqui!
Atopi!
26. Não vá outra vez!
Epimatô nokó!
27. Eu venho logo outra vez.
Pimatô oro.
28. De onde você vem?
Zatopika alarina?
29. Como você se chama?
Mitikami?
30. De quem é esse chapéu?
Mitia azotota ko?
31. Você mente, ele não disse nada disso!
Mamotita nimaporimotô!
32. Manda outro ao invés de mim!
Apayazaua!
33. Chove!
Boina obauki!
34. Não chove!
Boina kiamo!
35. Chovisca.
Botoru ubá.
58. Meu pai morreu.
Iyoko bia.
59. Teu pai morreu.
Abo bia.
60. Eu matei uma onça.
Imbya ojukueta.
61. Eu não matei onça.
Ikiako ajukueta.
62. Eu flechei uma onça.
Inimani a'ikuita.
63. Flecha um jacu para fazer brinco de plumas para as orelhas.
Hamini birikokoni hoapi imititahe.
64. manda flechar um jacu para outro.
Pamano parioni endavue.
65. flecha uma arara!
Hamini hanapuré/alapuré
66. Flecha um papagaio para ele.
Pamano júri hindavue.

Vocabulário de Schmidt (1941)

Partes do corpo humano

1. língua	erugá
2. boca	ozá
3. lábios	otobiriká
4. dente	okopó
5. nariz	napudo
6. olho	irikichi
7. orelha	mbiá
8. buraco da orelha	mbiozá
9. furo do lóbulo da orelha	mbiapodozá
10. testa	zoadá
11. cabeça	alupukwá, adupukwá
12. crânio	kabiru
13. cabelos	azo, azú
14. sobrancelhas	zimonochiká
15. pestanas	ze'imbí
16. barbas	oakichi
17. bochecha	zapá
18. barba	oaribá
19. pescoço	unupáre
20. garganta	kupo
21. ombro	ichokotopó
22. braço	iché(u)
23. cotovelo	atáka
24. mão	ashida
25. palma da mão	ashilototo
26. dedo	ushidenokua
27. dedo polegar	ashidahupiena
28. unha	iná
29. perna	abodá
30. joelho	(ij) palatina
31. pé	amburé
32. planta do pé	ambure' ota
33. calcanhar	ambure jatabu
34. dedo do pé	ambure' nokua
35. unha(pé)	ambure' ina
36. cadáver	mbiá
37. axila	ikazaza

38. costelas	shudaka, julaka
39. peito	umonokua
40. ventre	oná
41. umbigo	upopono
42. nádegas	apsia
43. pênis	mainokua
44. testículos	bati
45. vagina	omu
46. pele	biriká
47. osso	daka
48. sangue	oshinuku
49. carne	katiká
50. coração	oapu
51. fígado	a
52. pulmão	huapuzibambu
53. tripas	pirukua
54. saliva	otoru
55. urina	oru
56. suor	baru
57. lágrima	zerukua

Elementos da natureza

58. bico de pássaro	otoro
59. rabo(cão)	omena
60. rabo(pássaro)	o
61. cauda(peixe)	omena
62. asa	ibotaka
63. pena	ibotaka
64. nadadeira(peixe)	irkoseda
65. ovo	mbá
66. água	purukua
67. fogo	zoru
68. fumaça	zorichichi
69. cinza	zorutu
70. lenha	zirikopó
71. céu	mení
72. nuvem	barotokikotu
73. chuva	bo'ina
74. nevoeiro	donó
75. vento	adobó
76. vento forte	odombó
77. relâmpago	borotó
78. trovão	mataru
79. sol	baru

80. sombra	baku
81. norte	baru ichi
82. arco-íris	shurená
83. noite	bendotuchichi
84. meio-dia	menipá
85. à tarde	meniputota
86. lua	ali/ari
87. estrela	barkudo
88. solo	muto
89. terra	tami
90. campo	boku
91. mata	mukimu
92. areia	juarí
93. caminho	chabandá
94. pedra	ta'u(r)i

Partes da casa

95. casa	ichipá
96. minha	imi chipá
97. tua casa	atipá
98. nossa casa	patipá
99. poucas casas	ichipá kuriká
100. telhado	ipó
101. postes da casa	ipokabá

Utensílios

102. descanso para cabeça	azotabo
103. esteira para dormir	puriná
104. esteira de criança	poponoi kuriká
105. esteira para urucum	pupurina
106. pilão de madeira	kazokupô
107. mão de pilão	kaipo
108. ralador	iká
109. panela de barro	prekupú
110. prato de barro	purikupú
111. concha para comer	atukua
112. cabaça	po'ari
113. cuia	poka
114. caixa para penas	katchopu, kachopu
115. cesto gde p/transportar	kotodokua
116. cesto para guardar coisas	yatabuto, jatabuto
117. bolsa de rede	kieka
118. fio de algodão	hakiamani haká

119. cordão de fibras vegetais	be'iku
120. tira de buriti	monichotaka
121. agulha p/ trançar rede	boyaka
122. vara p/ trançar rede	bo'ida
123. palitos p/ fazer fogo	atoriki
124. carvão vegetal	zoruati
125. abano	barukua
126. machado	apádo
127. martelo de pedra	padotono
128. faca	atadó
129. concha p/ cortar	amupu
130. palitos p/ pintar o corpo c/ jenipapo	ipo kuriká

Ornamentos

131. ornamento na pele do braço e joelho	do'ari
132. ornamento no peito	chii
133. ornamento no braço	bedotuchichi,
134. três linhas na testa	belotuchichi
135. linha do canto exterior do olho à orelha	chiduku
136. ornamento no antebraço do homem	okibó
137. pintura negra na parte inferior do rosto	chopalakatí uahendatí

Outros objetos

138. pente	putuká
141. canoa	zekí
142. remo	barukua
143. arco	bo'ika
144. flecha	ichó
145. clava de guerra p/ homens	atalo
146. rede para pescar	bukyé
147. espingarda	ibo'iká
148. vestido	amitá
149. calças	ambolatatá
150. chapéu	azototá
151. diadema de penas p/cabeça	bodó
152. tira p/ amarrar cabelos	harumutú
153. adorno p/testa	ipono

154. adorno p/ cabeça de defuntos	barepodo
155. cobertura do pênis	makjodokua, bakiodokua
156. pendente de penas p/ orelhas	emitatanumbu
157. argola do pendente de plumas	bambuzukua
158. tira p/ as pernas	boyaka
159. bracelete p/ mulher	minaka
160. colar (esp.)	hotalaka
161. colar de sementes e dentes de animais	omanetokopo
162. colar p/ homens	botorikareokopo
163. colar p/ mulheres	botodanachiki
164. colar p/ mulheres (esp.)	otoreká
165. cordão de cabelo humano usado no pescoço	ikupazono
166. colar de uma concha	atukua
167. sandálias	buritatá
168. chifre de boi	poi(o)na
169. poronga de dança	bapú
170. dança	amatatu
171. canto	ashuda
172. princípio	bodorie

Parentesco

173. marido	inoriti
174. pai	iyoko
175. sogro (pai da esposa)	makomichata
176. mãe	imakó
177. sogra (mãe do marido)	opomichinotó
178. sogra(mãe da esposa)	umakó
179. criança	abshodó
180. filho	manudó (pai falando) idondó (mãe falando)
181. neto	puarí
182. irmão mais velho	amaná
183. irmão mais novo	ambiodo
184. cunhado	hambi
185. irmã mais velha	asebé
186. irmã mais nova	ambeló
187. mulher	uricha
188. esposa	xorixá
189. filha	ichodó

190. viúva	bokumboto
191. tio (irmão do pai)	yokorikano
192. tio (irmão da mãe)	yokorena
193. tia (irmã do pai)	umakorikanotó
194. tia (irmã da mãe)	umakori'enotó
195. sobrinho	poari??
196. velho	yokomixinó
197. velha	makomixatá
198. primo	ambiodó
199. prima	ambeló
200. avô/avó(pai do pai)	iokomichina
201. avô/avó(pai da mãe)	umakumicható
202. não-índio	ouase

Fauna

203. bugio	payú
204. quatá	barixi
205. morcego	kié
206. onça	a'ikó, a'ikuita
207. veado	atiputite
208. cervo do pantanal	atiputite eche
209. anta	ko'i
210. capivara	uimbá
211. paca	hapu
212. cutia	mea
213. quati	utupu
214. porco do mato	potorikale
215. caitetu	shoá
216. lontra	ipê
217. raposa	balokó
218. tamanduá bandeira	mboé
219. tamanduá mirim	ápo
220. tatu canastra	botori
221. tatu cabeludo	oari
222. tatu liso	ochiká
223. cavalo	hamonomiti
224. boi	ikjkano
225. cachorro	harikabú, harika'u
226. arara colorida	alapuré
227. arara negra	huchio
228. periquito	kisó
229. papagaio	kipodó
230. mutum	huari

231. mutum preto	humbé, hubé
232. mutum colorido	humbiootorokuno
233. jacu	pário
234. tucano	hopare
235. urubu	balatú
236.falcão (esp.)	ashipareno, anaparenó
237. ema	palí
238. pomba	mitu
239. pato	harumo
240. saracura	talaku
241. chapéu-velho	kolokolo
242. galo	bolna
243. galinha	uasa'umonometi
244. peixe	haré
245. escamas	botaká
246. arraia	minú
247. pintado	odoarí
248. pacu	popó
249. piranha	mboyé
250. piraputanga	alarikore
251. piaba	uaripu
252. bagre	zalutó
253. piavuçu	zatuku
254. tovira	huribi
255. corimbatá	do, lo
256. dourado	ozê
257. jaú	porú
258. jacaré	uayú
259. cágado	hupsé
260. sucuri	sirikiki
261. cascavel	embakí
262. rã	yuré
263. sapo	malarú
264. iguana	heribé
265. lagartixa	hozé
266. formiga carregadeira	amburé
277. tocanguira(formiga)	oolí
288. cupim	ka'ibo'atare
289. cupinzeiro	utokie
290. mosca	hurubié
291. mutuca	otokali
292. mosquito	bai
293. abelha	bizá
294. mel	psie, jati
295. libélula	arixino

296. cigarra	kotokalipu
297. mariposa	balatutu
298. lagarta	apsitorukua
300.aranha	ipsié
301. concha	matukua
302. caracol	duo, luo

Flora

303. árvore	tutu
304. folha	ipoazo
305. casca da árvore	chibotó
306. raiz	tupó
307. espinho	boi
308. semente	aka
309. resina	boshu
310. resina para colar penas	choro
311. flor	chikú
312. fruta	ikú
313. campo	bokú
314. milho	humataká
315. mandioca	humataka ambati
316. grãos de milho	otushoodro, otiyo
317. mandioca brava	mayokakikotuno
318. mandioca mansa	otoshobisholorimana
319. raiz de mandioca	otoshibala
320. rama de mandioca	shukopupo
321. biju	yumima, shodorukua
322.mingau	
323. banana	zarukukua
324. pacova	zariká
325. batata	balarukupo
326. cará	tapatuko
327. feijão	lumataká
328. urucum	nonokua
329. jenipapo	be
330. tinta de jenipapo	belutuchichi
331. bacaiúva	hapikana
332. buriti	manazokua
333. aguaçú	nochiokua
334. fruta de aguaçú	no
335. fruta de acuri	hapsi
336. tucum	boi
337. pimenta	umbodokua
338. algodão	hakiamani

339. melancia	piripiri
340. taquara	katapsi
341. cana	bichó
342. rapadura	piru
343. timbó	u
344. embira	iriká

Números

345. 1	inukuruka
346. 2	pupe
347. 3	puperika

Pronomes

348. pouco	kurika
349. muitos, todos	hurí
350. eu, meu	imi
351. você	ami
352. ele	i
353. nosso	pabo

Adjetivos

354. grande	kutchiporé
355. pequeno	kurikodo
356. alto	lasuri
357. profundo	kupuchichi
358. longo	dachuri, dachudi
359. curto	hata
360. gordo	hama, achiri
361. magro	hudodo
362. alegre	chibutipitukua
363. enojada	ashimukiaua
364. enojado	imamiti
365. velho	michi
366. jovem	hakú
367. direito	tushihaopi
368. redondo	oto
369. encurvado	hutopo
370. frio	bakietó, baketó
371. quente	baru
372. seco	kyi

373. molhado	purukua
374. doente	mbi
375. morto	mbiá
376. cego	zizapo
377. surdo	mamiti
378. manco	menukiana
379. grávida	hamakuchipore
389. bom	pitukua
390. valente	pakichikiana
391. furioso	kikirikiaua
392. mau/ruim	pekina
393. pouco cabelo	kimu
394. medroso	apakuchi
395. escuro	bailotuchi
396. branco (cor)	ichalá
397. negro	hiloti
398. vermelho	bereti
399. azul	bolotuchi
400. verde	haki
401. manhã	botodotukabo
402. cerca	chaperukua
403. longe	nukutinase
404. muito longe	iminutuhuri
405. rio abaixo	poenapi
406. rio acima	tuyupi
407. não	nokó
408. nenhum	kiaua

Verbos

409. andar, ir	pichi, piché
410. levanta-te	azató
411. sentemo-nos!	morkoto
412. me sento.	imokorto
413. cair	ashida
414. alegrar-se	boricha
415. ter medo	apakichi
416. chorar	utu
417. respirar	hakié
418. bocejar	okiboti
419. espirrar	achi
420. peidar	kovovaka
422. comer	iho
423. beber	kuta
424. ter fome	chakukupita

425. estar farto	huki
426. dormir	inutu, inuta
427. dormir com mulher	inutupupse
428. tomar banho	imo
429. relatar	abaza'i
430. falar	amiamatare
431. fazer	atitito
432. trazer	atabe
433. colocar	apo
434. deitar	mapo
435. queimar	takicha
436. trabalhar	arichi
437. cozinhar	chomi
438. flechar	inimani
439. remar	pararuto
440. pintar.	azohodokoaditita
441. pentear-se	azuhodokuati

DADOS DE SHULTZ (1952)

1. abano	baruk ^w a
2. abdomem	ona
3. abelha aranquã	alakiolo
4. abelha bojuí	pðe
5. abelha itatá	zo
6. abelha jati	zulo
7. abelha lambe-olho	pefe
8. abelha mandaguari	birekife
9. abelha mora-caixeta	munlo, mune
10. abelha mora-canudo vermelha	uojpokine, obolo
11. abelha xupé	mamo, mamu
12. aborrecer	pore
13. abortar(aborto)	tupula
14. abraçar	aʃobu, pəripukano
15. abrir	zapoloto
16. acender	zoru tuto fogo acender
17. acha de lenha	zirikupu(lenha para queimar)
18. achar	iyapá apá eu achei ele achou
19. acordar alguém	aməkətə -aməkətə
20. acurí(palmeira)	hapθí
21. adorno do braço superior	ʃuáre, iʃuáre
22. adorno do lábio inferior	bálapare
23. adorno de unhas e bicos de animais, pendente	kurutú
24. agora	ok ^w ambo, agora mesmo aconteceu oru, quero agora, não quero mais tarde ok ^w ambo, de: “os que estão vivos agora”.
25. água	puruk ^w a
26. agulha	bárupáru
27. ajudar	eməniʃə áidəmo, vai ajudar amatá, está ajudando
28. alegre	burifá

29. algodão	akiamane akiɔpú, akiɔpo
30. almecega	iforí, iforú
31. alpercata	abɔretatá, boretatá
32. alto	lafurí
33. amansar	hɔrubu
34. amanhã	huábu bɔtoloto kábu madrugada
35. amanhecer	boana, amanhecendo
36. amarelo	ikú
37. amarrar	baputá búrepáre baputá canela amarrando
38. amigo	abiodo, abiolo
39. amizade	yaketo makiahí
40. abacaxi	upala
41. andar	amenú
42. andorinha	pikurina, pikurino
43. anel de tucum (brinco)	babɔdok ^{wá}
44. angico	woi, oi
45. angu de milho	huáre, uáre
46. anhua cinzenta	lorokonúmíte
47. anhua preta	tami
48. anta	kuí, kúi
49. antebraço	ayínupú
50. antepassados	bolorie
51. anu preto	uazoána, uazáuená
52. anus	aperezá
53. anzol	hakibolɔ
54. apagar	atu zoru bɨʒɔ, vai fogo apagar
55. ar	odombo
56. araçarií(tucano pequeno)	tuina
57. aranha pega-mosca	bákayukore
58. aranha caranguejeira	bayo
59. aranquã	korok ^{wá} aká
60. arara azul	huʒɔ
61. arara vermelha	alapore alapɔrepá –nome masculino alaká, halaká
62. ararinha	bɔiká
63. arco	imbɔiká, meu arco ambɔiká, seu, teu arco bɔiká kuriká, arco pequeno de pesca ou de criança

	bɔikú, corda do arco
	bɔikuzɛ, prolongamento da corda enrolada numa extremidade do arco.
	bɔikare iʃɔ , arco sem corda
64. arco-íris	zurena
65. areia	ʃoare, feare,
66. argola de côco de tucum	babodok ^{wá}
67. ariranha	ipθɛ kozitábu
68. arraia	menu
69. arranhar	áinɔtɔni azikweta áinɔtɔni onça arranhando
70. arremedar	tuto káro tuto grito de passarinho arremedar otokorotohá, “chamar ele” “chupar ele” (vide “beijo”) (“chupar entre os dedos para imitar o pássaro, oalato “criança chupa no peito)
71. arroz	bokuk ^{waká}
72. artefato p/apertar fios	balákalá
73. artefato p/fazer fogo	orikí, ʃɔrikí
74. artéria	kipero, kipíro
75. articulação da mão	yatapare
76. articulação do pé	burepare, burupáre, abúruparu
77. árvore	inyazo
78. asa	iʃúdá, iʃɔnda
79. assai (palmeira)	putánoni, pé biʃok ^{wá} , fruta
80. assanhaço(pássaro)	kiʃonɔ
81. assar	habu
82. atacar	arepɔ iʃarepɔ, eu ataco pábulatápo, vamos atacar
83. atirar	imane, eu atito, flecho ame imane, você atira, flecha pámane pábulatápo

		atiramos nós todos
84. avarento		huarí
85. avô paterno e materno		yúko mijina, zúko mijina
86. avó materna e paterna		imako mijɔto
87. axila		kázazá
88. azul		yolalá
89. babaçu		noi, pé no, fruta
90. baço		hundondo
91. bagre		zaruto
92. baía (lagoa)		uruk ^{wá} , buyepú uruk ^{wá}
93. balaio das mulheres		kotodok ^{wá}
94. balaio dos homens		matapí, (matapí)
95. balançar		zipátití, (zipatití)
96. bambu		katape
97. banana		zarakají, zarukají, bananeira zarokok ^{wá} , banana, cacho
98. banha		haburuk ^{wá} , gordura hamujíjī, gordo
99. banho		pije poropo vamos banhar
100. barata		pðímona, opθemono
101. barba		uákabu
102. barbado(peixe)		zezuána, zemá
103. barba de bugio		uɔkijí, uákijí (uákijínepá, nome masculino)
104. barbatana		ukosela
105. barbatana caudal		umbaruk ^{wá}
106. barra(desembocadura)		páre, exemplo: lárepɔpare, barra do rio Paraguai, láre- pɔ, rio Paraguai
107. barranco		okupo, okupopare
108. barreiro		nowá, (nowá)
109. barrento		puruk ^{wá} záloapθɔ água de tijuco
110. barriga da perna		tɔɔkɔtika
111. barriguda(árvore)		pozí
112. barrigudo(ventre grande)		ukí kojipore barriga grande
113. barro (p/fazer panela)		bukututú
114. bastante		nambá
115. batata doce		balákupú balárukupú, balárukopo,

116.	bater	planta afɔtɔ, afɔtɔbɔ
117.	beber	ikotú ɔtɔ kutá – ele, ela (está) bebendo akusenɔ, você está bebendo akutá, você já bebeu? kɔzaki , sede i kɔza kiáre, estou com sede huruk ^w á, bebida (qualquer) a kutú, você está bebendo i kúsenɔ, eu estou bebendo i kutú, eu bebo a kutu, você bebe tukúsenɔ, ele bebe
118.	bebida de mandioca	zumimá
119.	bebida de milho	zuloruk ^w á
120.	beijar	otokoro(beijo) inotokoro, eu beijo otokoroto uri beijamos nós todos (muitos) otokoroto abendo ele beijou a irmã
121.	beiju de mandioca	zukuputú karimã, beiju duro de farinha de mandioca, que é guardado para dias de necessidade.
122.	beiju de milho	tɔrikano
123.	beliscão	árikabo
124.	bem-te-vi	botodoze, botolose
125.	berne	bái
126.	bexiga(anatomia)	bɔi bɪfɪ, uremetáuebɪfɪ, uriri
127.	bezerro	ikikãno kuriká boi pequeno
128.	besouro	pðimɔ, pðeimo
129.	bicheira	hase
130.	bíceps	fokɔteká (qualquer músculo)
131.	bico	oto
132.	bigode	uákɪfɪ
133.	biguá cinzento	matáse
134.	biguá preto	himbose, imbose
135.	bílis	eyo, yeo
136.	boca	ɔzá

137.	bocaiúva(palmeira)	hapikano, hapikaní, pé hapikánok ^{wá} , fruta
138.	bocejar	okibotí
139.	bochecha	zapá
140.	boi	ikikãno
141.	bolsa p/guardar penas	yatámbondo
142.	bolsinha de fios de tucum	keka
143.	bom, bonito	pituk ^{wá}
144.	borboleta	bálatútú, balátutú
145.	boróro	boze
146.	borrachudo	usepese kuriká
147.	bosta	pθe
148.	botoado	zuapí
149.	bravo	oyenukú
150.	bravo(zangado)	bukuk ^{wá}
151.	braço	ijɔ aʃo
152.	branco(cor)	kikotú, kikoto
153.	bravo(valente)	bukuk ^{wá}
154.	brasa	zowru kututu (fofo aceso)
155.	brejo	ikápodo
156.	breu	melakú, menakú
157.	brigar	aripuí hámatí-hamatí –puí “quando as crianças batem uma nas outra fazendo chorar.”
158.	brincar	zámburu, brincando epatíyopáponokí “crianças estão brigando uma com as outras”
159.	brinco de côco de tucum	babodok ^{wá} (argola)
160.	brinco de penas	mistetanobú
161.	bugio	pázio
162.	rio Bugres	ʃɔpɔ
163.	buraco	bozá, baoza
164.	buriti	maní, pé mano, côco
165.	buscar	atábe zukuepa atábe ijɔrú mukímo foi buscar almecega no mato atábe noko!

		Foi buscar não! Atápomoto Traga aqui!
166.	buzina de chifre	ipona
167.	cabaça	poari, poarí (cabaceira)
168.	cabeça	azo
169.	cabeça seca(ave)	baripa, baripá
170.	cabeceira do rio	putá
171.	cabeçudo (peixe)	apthe
172.	cabeleira postiça (usada como máscara nas festividades fúnebres)	azo boro
173.	cabelo da cabeça	azo kambu, azo kambe
174.	cabelo co corpo	kambe
175.	cabra	atipono
176.	cabrito	atipono kuriká
177.	caburé	pakálarepo, pakaláripu pakalarepo kuriká
178.	caçar	bia ipoe iribote kuí há inove eu vou caçar anta para matar.
179.	caxinguelê	mamu
180.	cachorro do mato	badoku, báloku
181.	cacique	báko, t̄orikana
182.	cadáver	bi
183.	caetetu	zoá
184.	café (ave aquática pernalta)	okemaná, okemanε kuriká
185.	cágado	húpthe, hupthe
186.	cair	ʃipá
187.	caixa p/ guardar penas	katokopo
188.	cajá (fruteira)	zafiki, pé
189.	caju silvestre	úuiná, uoiná (fruta) úuinaʃi, uinaʃi, pé
190.	calcanhar	ibikúne, aburi yotou
191.	calor	baru(calor ao meio-dia)
192.	camaleão(sinimbu)	hiribe
193.	camalote(planta d'água)	alopthiá
194.	camboatá(peixe)	unorína
195.	caminhar	amenú piʃe, vamos

196.	caminho	imi piŋe, eu já vou ŋambalá
197.	campo	bokú
198.	cana	biŋɔ
199.	cana brava	biŋɔ, ipɔɔ zúrúpará, ponta de flecha de cana brava
200.	canal do ouvido	biɔzá
201.	canela (perna)	iŋunalá
202.	caneleira(árvore)	iponí
203.	canoa	zekí ,
204.	cantar(ninar)	ayulá
205.	canto(cantar	heto, he
206.	alegre)	matará (cantando “baladas”)
207.	cão	arikáu, harikáɔɔ
208.	capim	bokú
209.	capim navalha	memorino
210.	capivara	voímbá
211.	capoeira	yokie
212.	cará cultivado	tapátukú
213.	cará do mato	hálakiriká
214.	cará(peixe)	anupúno, anupono
215.	caracol	luvo (luwo)
216.	carrapato	bɔikána, bɔikano
217.	cardeal (pássaro)	aŋi kuriká
218.	careca	anápok ^{wá}
219.	carne	kotiká, kátiká, koteka
220.	carregador (formiga)	ɔbure utɔke, carregador pequeno
221.	carregar	hodoti hodoti apɔ, carregar jacá hodoti matapí, carregar cesto
222.	carvão	zowroati, zoruati
223.	casa	botipá iŋipá, minha casa atipá, tua casa iŋipozá, interior da minha casa atipozá, interior da tua casa ozá, buraco, orifício zari, casa de festas e das máscaras-espíritos
224.	casar	alare

		uábɔro kurí alare “quero com você casar”
		uákiri alare “estou com vergonha de casar”
225.	casca de pau	imbɔtɔri, jimbɔtɔ
226.	casqueira(árvore)	bakái (usada para fabricação de panelas de barro)
227.	catarro	kɔyakɔre
228.	cauda	omena
229.	cavar	abuɔotu
230.	caxinguelê	mámu
231.	cedro	kori
232.	cego	zezapú
233.	cemitério	epámuto
234.	centopeia	botolo, botoloze
235.	cepo	ipukupú
236.	cera	pθe pθe pθe
237.	cerrado	uk ^w akánombo (cerradinho, matinho baixo)
238.	cervo	atipútiti ɛji
239.	cesto de guardar	zatámbulo
	provisões	
240.	cesto dos homens	matapí
241.	cesto das mulheres	kɔtɔdɔk ^w á
242.	céu (religioso)	barɔza
243.	céu(abóboda celeste)	barɔtɔ, abóboda celeste
244.	chamar	amatáreni, chama ele matára há está chmando ele
245.	chapéu velho(ave)	kɔlɔ-kɔlɔ, kɔdɔ-kɔdɔ, kolo-kolo
246.	chão(terra)	moto, muto
247.	chefe	báku, báko báko kɔjipore, chefe grande
248.	chega,bastante(já chega)	nambá
249.	cheio	zemiɟi
250.	chicha de mandioca	zumina
251.	chicha de milho	yoloruk ^w á
252.	chimburé	zitolo
253.	chocoalho	bapo

		hotareka, sementes que usam no chocoalho
254.	chocoalho de cascos de animais	mutomburɛ(cascos de boi)
255.	chora-chuva (passarinho)	uelolo
256.	chorar	utú, otú
257.	choro, chorando	utú, otú
258.	chum-chum(peixe)	okoʃɔ kuriká
259.	chumbo de espingarda	atʃɔ kuriká
260.	chuva	boino, boina
261.	cigarra	otokáripo, otok ^w aripo
262.	cílios	zebí, zebiluá
263.	cinco	umeta kiáúá
264.	cinza	zowrotú
265.	cipó	iberitɔ, iberiti
266.	cisco	mokí
267.	clavícula	kotopúnulaká, hokotopono
268.	coar	bataruk ^w á
269.	cobra	ebakí
270.	cobra cipó(verde)	etári kuriká, etare kuriká
271.	cobra coral	zurekopo
272.	cobra de duas cabeças	aʒo tuno potokí (largatixa)
273.	cobrir	mí
274.	coçar	biriká kurí, pele coçar
275.	cochichar	uákipodo
276.	codorna	imbálarube, embalárube
277.	colar de cabelo humano	pazonɔ
278.	colar de dentes	manetɔkɔpɔ
279.	colar de dentes de onça	manetɔkɔpɔ aʒkwetá
280.	colar de dentes de porco do mato	manetɔkɔpɔ bɔtɔrekáre
281.	colar de dentes de macaco	manetɔkɔpɔ otok ^w ána
282.	colar de sementes de lágrimas de N. Senhora	ɔtɔraká
283.	colar trançado de fio de tucum	kakurí
284.	colhereiro(ave)	báimoto nakáne
285.	colher de concha	atuk ^w á
286.	colher (pau)	ipɔtɔká

287.	comer	<p>ihó, eu como oe, você, ele come ame ihó, você come aza hó, ele come ova(owa) todos comem otopálambu, comida atititō he, “fazer qualquer coisa para nós todos comer” Atuk^ware ihó ayorok^wá Atuk^ware come fruta. inová/inowá hene, eu estou comendo ame ihó? Você quer comer? ová/owá zatíní? Você já comeu? imí ihó, eu já comi ová/owá, ele está comendo enová/enowá, eles estão comendo</p>
288.	comida	otupálambú
289.	companheiros	nokibe
290.	comprido	lafuri
291.	canal auditivo	biowá
292.	contar histórias	alátotú
293.	conversar	<p>amatare, matáre amatárení, chama ele matára há, está chamando ele matáre húi pituk^wá, bom conversador he matáre hene puimō, estamos conversando um com o outro.</p>
294.	copular	omo
295.	coração	uápo
296.	corda de tucum	bōikú
297.	cordão umbilical	pirok ^w á
298.	corimbatá	ndo
299.	corpo humano	upúru
300.	coroa dos velhos e defuntos	barepodo
301.	corredeira	diká orú
302.	córrego	ponopō, iʃipú
303.	correr	ariti
304.	cortar	<p>hato kōteká hatō</p>

		carne cortar
		háto, corta!
		ibe ható, eu corto
		ame ane ható, você corta
		oto oto one ható, ele corta
		tu ozá, “o corte da faca”
		huástálo, faca
		mána áne ható, o que corta,
		ele que cortou.
		hemíne heza ható, (nós
		todos cortamos)
		tu ore kotú, fio de faca
		tu upúru, lombo da faca
305.	cortar cabelo	áriti azone, pelar a cabeça
		da mulher
306.	coruja	kuyoto
307.	cozinhar	záto
308.	costelas	zulaká, yunaká, yulaká
309.	cutia	mea
310.	cotovelo	atáka, ataká
311.	couro	birika,
		birika tá,
		couro tirar
312.	couro de animais	akariká
	usado como enfeite	
	(objeto ritual)	
313.	coxa, quadril	bopoto, bunlapáre
		abondá, apθezá
314.	crânio	zebirik ^{wá}
		azo laká, osso da cabeça
315.	crânio(abóboda)	alapuk ^{wá}
316.	criança(filho)	abiolo, manudo, manondo
317.	cruzeiro do sul	bárukoloikumumá
318.	cuia	poká
319.	cumaru (árvore)	apáoi
320.	cunhada	imako
		potobú, irmão do marido
		está falando
321.	cunhado	ifondo, irmão do marido
		inoto, irmão da esposa
322.	cupim	káibo
323.	curiango	uyambú, uyabú
324.	curioso	zikiforimá
325.	curto	huápu, úapú
326.	cuspir	otorutá

327.	dançar	matáte
328.	dar	undo iye he dá pra mim akiá undo não dá
329.	debulhar	abátito
330.	dedo	uzilenok ^{wá} , izililenok ^{wá}
331.	dedo polegar	azindá, izilá
332.	dedo mindim	izilá
333.	dedo do pé	iburenok ^{wá} burenok ^{wá} (para os dedos todos)
334.	defecar	pipopí
335.	deitar	imu ipatá motombo eu estou deitado patámotombo ele está deitado hoto pata motombo mulher está deitada
336.	de noite	bueloto femana
337.	dente	okopo
338.	depois	kokine
339.	derrubar	palarí
340.	descansar	imo, ikvámote abiolo ikvámote criança (está) descansando
341.	desconfiar	zemono kiáúá(desconfiado)
342.	desovar	urebutá bá butito ovo está botando
343.	deteriorado	pθikátu, pθekáte
344.	“deus” Umutína	háipukú
345.	devagar	horiká
346.	de dia	meyokí, boaná
347.	diadema de penas de arara	bodo
348.	diariamente	puyámo
349.	difícil	kiáúá
350.	doce(mel)	píro
351.	doença	húruno
352.	doer	ori
353.	dois	popθie
354.	dono das onças	ikodonepá (espírito ancestral)

355.	dono dos gaviões	káimanepá
356.	dono dos peixes	zuríma utúkupono
357.	dono dos porcos do mato	ifuripa, kábeyarepá
358.	dor, doer	ɔri
359.	dor no peito	akɔzá ɔrí
360.	dor de cabeça	azorí
361.	dor no corpo	iforí
362.	dormir	inotú
363.	dormindo com boca aberta	ozápaká
364.	dorso	ipurú
365.	dourado (peixe)	oze. Hoze
366.	duro	apiere
367.	efêmero (inseto)	urukose
368.	ema	parí
369.	embira (fibra)	imboí,
370.	enfeite (qualquer)	iforima
371.	enfeite auricular de dentes de capivara usado somente na festa de morte	vimbá ɔkɔpɔ
372.	enfeite de cabelo humano em forma de escova roliça	ipono, áino
373.	enfeite de couro de animais, usado nas costas	akariká
374.	enfeite de rabo de arara vermelha	ibɔl
375.	enfeite dos braços	fuáre
376.	enfeite gde de penas de asa de tuiuiú	akikáno
377.	enfeite labial de vegetal	baláare
378.	enfeite labial de osso de veado	ɔtɔkikutúnitú
379.	enjoar	bɔyámɔtá
380.	enteada(o)	abiɔlo
381.	enterrar	abɔɔteapɔ amá moto apɔ upúruhá jogar terra ele em cima
382.	enxada	adopθiá, adɔpθiei, álɔpθiá
383.	escamar peixe	bɔtákatá, bɔtɔkatá bɔtɔká, escama
384.	escarro	kɔzalɔfɔká

385.	escorpião	kɔpo
386.	escuro	buelɔtɔʃiʃi
387.	escutar	amametí, amámetú, escuta amámetá, você escutou? amámetá Yarepá matáre ni você escutou Yarepá cantar?
388.	esfolar	birikatá biriká, pele
389.	esfregar	helaritító
390.	esôfago	uokupú
391.	espada de siriva	ado, ádo
392.	espera!	kokine
393.	espiga	umataká ilaká milho espiga
394.	espingarda	boiká
395.	espinha dorsal	upuru laká
396.	espinho	bɔi
397.	espírito	ijáremutú
398.	espírito de morto	pare
399.	espírito da doença	húruno
400.	espirrar	áʃi
401.	esposa	ijurijá, ijɔrijɔ
402.	esposo	enorití
403.	esquilo	mamu
404.	estação seca	zeri
405.	estar	motobo, ele está no chão mitupurubɔ, ele está em cima de alguma coisa
406.	esteio(casa)	boipo, ipú
407.	esteira de palha	pupurina, poporina
408.	esteira de palha pequena p/ guardar bijú	pupurina kuriká
409.	estômago	hú
410.	estrada	ʃambalá
411.	estragado, estragar	koteká pθekáte carne estragada
412.	estreito	mipú
413.	estrela	bárukolo, barúkɔlo
414.	estrela d'alva	monɔhapí, ikúmumá
415.	eu	imí
416.	excremento	opθí
417.	faca	huástalo kuriká atálo, sua faca ijalɔ, minha faca
418.	faca de taquara	katok ^w á kuriká

419.	facão	huástalo, atálo
420.	face	aze
421.	fácil	pituk ^{wá}
422.	fagulha	zokono
423.	faísca	bõina otádo (otálo) chuva relâmpago
424.	faixa larga de algodão	azupú
425.	falar	amatáre, matáre hõriká fale devagar
426.	farinha de mandioca	zukúpariká
427.	farinha de milho	matákotú
428.	farinha de peixe	harezoto, harezotú
429.	faz tempo	mafála
430.	fechar	momí iʃipá fechar minha casa momí atipá fechar tua casa
431.	fecho peniano de palha	bakeodok ^{wá}
432.	feijão fava	dumataká (lumataká)
433.	feio	pikína
434.	feiticeiro	umutú
435.	feitiço	umutú
436.	feixe de cipó (timbó)	hú
437.	feminino	homonoto
438.	fêmur	ibunaláka,ibunlapáre
439.	ferida	põikátu, põekáte
440.	ferrão de bagre	zaruto
441.	ferrão de arraia	menuuto (de arraia)
442.	ferver	beretá puruk ^{wá} bere água fervendo atápomoto puruk ^{wá} ambáru traga aqui água quente
443.	festa mortuária	ádoe
444.	fiar	iʃamate hákiamáne ʃupú titõ fio fazendo
445.	fígado	á
446.	figueira	mutopí, pé mutopiok ^{wá} , fruta
447.	filha	manondo, pai falando

448.	filha mais velha	ijfondo yena
449.	filho	manondo, pai falando idondo, mãe falando idondo yena, filho mais velho
450.	fino	kárikifí azikuetá birika kárikifí onça (tem) couro fino
451.	fio de algodão	akiopo, akiopú, akiupú
452.	fio de tucum	azibalá
453.	fita de cabelo(algodão)	faremutú
454.	fita trançada de fio de tucum	bozu
455.	flauta de buriti	máñifú
456.	flauta grande	zárinimbuk ^w á
457.	flauta pequena	katápthe
458.	flecha	ijō, minha flecha ato, tua flecha
459.	flechar	amaní imaní hare bok ^w aripstá vou flechar peixe, estou com vontade
460.	flor	ikú, jikú
461.	focinho	ozá
462.	fogo	zoro, zoru
463.	foice	enapoyanotú, enápozánotú
464.	folha	ipuazo
465.	folha p/ envólucro	baputá
466.	fome	jakukupitá, uoipthetaí
467.	formiga pequena	bie kuriká
468.	formiga, carregador pequeno	utōke
469.	formiga graúda	abure
470.	formiga saúva	obure
471.	forquilha	ipukapá, jikapá
472.	forte, força	ozaki, apeiri
473.	fósforos	oriki
474.	fossas nasais	enápolozá, enapulozá, napolozá napolo ozá nariz boca
475.	fugir	arítí pakifí correndo (de) medo

		ozakí kiáúá
476.	fraco	forte não tem
477.	frio, fresco	aketo puruk ^{wá} aketo água fresca baketa, tempo frio, fresco baketo
478.	fruta	tok ^{wá}
479.	fubá de milho	matákotú
480.	fumaça	zorifjĩ
481.	fundo	kopufjĩ pupú, fundo pɔ pupú, rio fundo
482.	furar	pɔdɔtɔ/pɔlɔtɔ
483.	furo	podo/polo
484.	furtar	zibiki
485.	fuso para fiar	halaká
	algodão	
486.	gafanhoto	kaʃape, kasapthe, kaʃápðe
487.	galho	imbiriká
488.	galinha	uasámonomite
489.	galinha de bugre	ɛʃɔtɔ
490.	galo	matayá kuriká
491.	gambá	mamutipána
492.	garça	báiotoyalakáno, báiotúyulakáno
493.	garça branca	bakalane
494.	garrafa	uáfipe
495.	gavião	azipare
496.	gema de ovo	báoza,booza
497.	gemer	ame únoalatí, você gemendo? alatí, gemer
498.	genro	manɔndo, pai da esposa falando indɔndo, mãe da esposa falando
499.	gerepensen	zema
500.	geripoca	homá
501.	girau p/ dormir	kapáno, kapána
502.	girau pequeno	ipaká
503.	goiabeira do mato	apakafĩ, pé
504.	goiaba	apákasok ^{wá}
505.	gordo	hamújfjĩ, háma
506.	gordura	háburuk ^{wá}

507.	gostoso	bilori, biloruḟiḟi biloru kiáúá gosto não tem (ruim)
508.	grosso	kəpuḟiḟi
509.	gralha(ave)	uotono, iḟoto
510.	grande	koḟipore, uri koḟipore, muito grande
511.	grilo	piḟikono
512.	gritar	akáro káro, canto de pássaro
513.	guelra	kvá, k ^w á
514.	guerrear	árepopúi ipúkupoε atapúbo estou matando muitos atapúbo, morrendo, “está brigando, está morrendo muitos”
515.	homem	barepo
516.	ignorar	naniḟi
517.	imaturo	hakí (umataká hakí, milho verde)
518.	imbé	memoní
519.	imbira	imbɔi
520.	imediatamente	oru
521.	inhambu	diboto kuriká
522.	ingazeiro	upθeponí, pé
523.	ingá	upθepunuruk ^w á, upθeponorok ^w á
524.	íngua	hapálatáḟikína
525.	instrumento cortante do maxilar inferior esquerdo de piranha	buye əkəpə
526.	instrumento para alisar madeira de arcos	ḟuvo/luwo
527.	instrumento para cortar farpas	apokopú, əpəkəpú
528.	interior de minha casa	iḟipozá, atipozá, de tua casa
529.	intestino	piruk ^w á
530.	invertido sexual	arebɔtupəa
531.	ir(talvez voltar)	ipoεḟiḟinikí, vai embora (para não voltar)
532.	ir(continuação)	ipúḟiḟinikí, voltar a algum

		lugar
		máʃika apθiní
		onde você vai?
533.	irára	pezú
534.	irmã mais velha	aʃimbe, aʃibirinoto
535.	irmã mais nova	abendo
536.	irmão mais moço	abiolo, abiono
537.	irmão mais velho	amalá, amaná
538.	jaburu	matayá
539.	jabuti	zirikiki
540.	jacá das mulheres	kotodok ^{wá} , kotolok ^{wá}
541.	jacá dos homens	matapí
542.	jacaré	uazá, hoazú, huazú
543.	jacundá(peixe)	utokímane
544.	jacucaca(ave)	páριο kikúno
545.	jacuguela(ave)	páριο dorokuno
546.	jacutinga	páριο alapak ^{wana} , páριο alapak ^{wano}
547.	jaguarica	azí
548.	jaó	huo
549.	jararaca	hapθuláno
550.	jararacuçu	etari, etáre
551.	jatobá	váʃi/wáʃi,uáʃi
552.	jaú	porú, poro
553.	jequitibá	hutei
554.	jenipapo	bei, pé be, fruta beoru , tinta de jenipapo
555.	joelho	ipú, apú
556.	jogar	mapo
557.	juriti(pomba)	mitú adok ^{wána}
558.	lábios	oto, otobiriká
559.	lacrãia	ibolotokáne
560.	lagarta	apitoruk ^{wá}
561.	lagartixa	oze, hoze hapθomane, lagartixa lisa que habita as casas de palha dos índios
562.	lagarto	amema, hamemá
563.	lagoa	uruk ^{wá}
564.	lambari	tiporí
565.	lâmparina	zorokupí, zorokupí
566.	laranjeira brava	mituní, mitoní
567.	laranja brava	mitúniok ^{wá} , fruta
568.	largo	oto, ukotú

569.	lebre	mamútipána
570.	leite	monok ^{wá}
571.	lenha	zirikupú áreboti zirikupú há procurar lenha ele
572.	leve	akokú, akukú
573.	libélula	arijĩno
574.	limoeiro	báropárok ^{wá} , fruta bárupáruk ^{wá}
575.	limpar(terreiro)	boitoto bododo he limapar terreiro para
576.	limpo	ijalá
577.	língua	eruk ^{wá}
578.	linhada	akiopo
579.	lobinho	badoku
580.	longe	nukutahinotono, nukuteinatono
581.	lontra	ipθe buk ^{ware}
582.	lua	hari, ari háripá, meia lua harirú, hári kofípore, lua cheia
583.	macaco	utuk ^{wána} , otok ^{wána}
584.	macaco paraguaçu	áino
585.	macauã(gavião)	makáu
586.	machado de aço	pálo
587.	machado de pedra	pálo tōri
588.	macuco	hupari
589.	madeira	ine
590.	madrugada	bōtolo
591.	maduro	botu
592.	mãe, minha mãe	imáko, imáko
593.	magro	hudodo
594.	maguari(ave)	báiko, beiko
595.	mais tarde!	kokine
596.	mamão	piri-piri
597.	mamão silvestre	apána, piri-piri
598.	mamar	oalato
599.	mamilos	monok ^{wá} imúnukwenok ^{wá} , bico do peito
600.	mandioca	utio, otio, raiz otuyimbalá, rama
601.	mandioca cozida	utí horú, utío urú
602.	mandioca assada	utio hōtí

603.	mandioca puba	zukupθio
604.	mandioca cipó	manundo
605.	mangabeira (fruta)	batoruk ^{wá}
606.	manhã	buela tiázokí botolo
607.	manso	oyenukú kiáúá uzinukú kiáúá brabo não tem
608.	mão	uzilá yatapáre, mão direita, mão esquerda
609.	mão de pilão	káipo, káipu
610.	maracanã	ore (papagaio)
611.	marido	enorití, iforití
612.	marimbondo	adópáse
613.	marimbondo caçador	upuye
614.	marimbondo ixu	omoko
615.	mariposa	katok ^{wá} , kalok ^{wá}
616.	marmelada bola	ayorok ^{wá} horuno horonoturuk ^{wá}
617.	marmelada espinho	ayorok ^{wá} , ayorokuíká
618.	marreco	aremokore, aramokore
619.	martelo de pedra	palotono
620.	martim pescador	katamá
621.	máscara de talos de buriti	ifilaká
622.	masculino	barekopo
623.	mastigar	yolorok ^{wá} pθolo, mastigar biju(para fazer chicha)
624.	matar	bia
625.	mato	ifundá, ifulá
626.	maxilar	kayazá
627.	medo	pakifí
628.	medula espinhal	laka ozá
629.	meia-lua	haripá, háripá
630.	mel	píro, píru
631.	melancia	píri-píri píri-píri arúru, rama píri-píri imbíritino, fruta
632.	menstruação	umbirite
633.	mentiroso	motuto
634.	meu	imí
635.	mexer	apúnupokifí (mexer com a colher na comida)

636.	micuim	upukúnomiti, kuriká	upukure
637.	milho	umataká	
638.	milho verde	umataká hakí	
639.	milho seco	umataká ki	
640.	mingau de côco de tucum	bɔ	
641.	mingau doce	apθioko	
642.	moço	botuse	
643.	moléstia	húruno	
644.	monateiro(árvore)	búkukui	
645.	monstro d'água da lenda do dilúvio	adoporikaná	
646.	monstro de fábula	pirokokotú	
647.	morcego	kiε, kie	
648.	morder	bohái ɔkɔpɔ bohái dente morder	
649.	morreu	biá	
650.	morro(pedra)	tɔri	
651.	morte	biá	
652.	mosca	urube, hurube	
653.	mosca varejeira	urubeatare	
654.	mosquito	bái kuriká	
655.	mosquito pólvora	pone	
656.	muito	urí	
657.	mulateira(árvore)	bɔkɔkɔi	
658.	mulher	urifá	
659.	munheca	yatapare	
660.	musculatura do quadril	ibunlapáre	
661.	músculo	fokɔteká	
662.	mutuca	ɔtɔk ^w are, katok ^w áno	
663.	mutum carijó	huáre, hube,hoáre	
664.	mutum cavalo	ube, hube, utorukuno	
665.	nadar	orupú	
666.	nádegas	pδía, ipθía	
667.	namorar	azouuí	
668.	não	noko, nɔkɔ	
669.	nariz	napolo, napudo	
670.	nascer	orebutá	
671.	nervo	kipíro	
672.	neta	manondo, avô falando ijɔndo, avó falando	
673.	neto	manondo, avô falando	

		indondo, avó falando
674.	ninar	ayulá
675.	ninho	uálatú
676.	nó	baputɔ, báikú
677.	noite	buelotɔʃĩĩ
678.	nora	manɔndɔ, pai falando ifɔndo, mãe falando
679.	novelo de algodão	akiɔpu
680.	nuca	azúpuru, alapok ^{wá}
681.	nunca	kianá, kiná
682.	nuvem(branca)	barɔtɔ kikitú, barɔtɔ
683.	obrar	pipopí, mipopí imi pθí noko eu obrei não
684.	olhar	arikiʃĩ imirikiʃĩ, meu olho
685.	olho	dikiʃĩ, arikiʃĩ dikiʃok ^{wá} , globo ocular yikiʃĩ, olho dela dikiʃĩ mamemu olhos rodeando
686.	ombro	ifupare, ifokotopo
687.	omoplata	ifopáre, imbiruk ^{wá}
688.	onça parda	áiku, áiko
689.	onça pintada	azikwetá
690.	onça preta	azikwetá helɔtiná, pudopu
691.	onde	matue, matɔɛ
692.	orelha	bia, mbiá?
693.	orifício do lábio inferior	uápodɔ, uápolo
694.	orifício do nariz	napolozá
695.	ornato da pele de onça e outros animais	kariká
696.	osso	laká
697.	osso da articulação do pé	mbalatina
698.	osso da cabeça	alapúk ^{wá}
699.	osso das costas	upurú laká
700.	ouriço	hibe
701.	ouvido	biɔzá
702.	ouvir	amametí
703.	ovas de peixe	báɔk ^{wá}
704.	ovo	bá
705.	paca	apú
706.	pacova	zariká, pé

		uapare, oapare, fruta
707.	pacu	pupú
708.	pacu peva	pukakáno
709.	pai	zuko, zókɔ, yoko
710.	pagar	hakiupú moniʃɔ orú algodão pagar logo
711.	paineira	pɔzikɔní
712.	palatino	ifɔkɔtɔ
713.	palha de milho	matalabirí
714.	pâncreas	uká
715.	pança	ukí kɔʃipore barriga grande
716.	panela	pɔrikopɔ, púrikupú, porikopo
717.	pano	ametá
718.	pau	ipú, ine
719.	pau podre	zirikí
720.	pão de mandioca	karimã
721.	pão de milho	matarika
722.	pau d'óleo(árvore)	bare azi, bare bɔi
723.	papagaio	kipolo
724.	para quê?	matuní
725.	parir	ɔrebutá
726.	pato silvestre	aremu
727.	pavãozinho da beira do rio	maretɔkɔpɔ
728.	pé	bure, abure
729.	pedra	tɔri
730.	pedra canga	ʃibiko, tombikú
731.	peito	aká
732.	peito do pé	ibure aká
733.	peixe	hare, hare,
734.	peixe cozido	hare rú
735.	peixe assado	hare rutú
736.	peixe seco	hare ki
737.	peixe cachorro	pabo
738.	peixinhos	hare kuriká
	pequenos	
739.	pele	biriká
740.	pena de ave	ibotoká
741.	peneira	ifilaká
742.	pênis	máinok ^w á, abárepú
743.	penugem	bo
744.	pente	pɔtiká, putiká
745.	pentear	putikáto, azɔtɔ

		pentear cabelo
746.	pequeno	kuriká
747.	periquito	kijɔ
748.	perna	bunlá, abɔndá atɔlapare, canela
749.	peroba	kɔdɔní, koloní
750.	perto	ifápiruk ^{wá} , fapiruk ^{wá}
751.	pesado	mutití, mututí
752.	pescoço	enumpáre, azupurú
753.	pestanas	zebí kuriká
754.	piaba	uáripo
755.	piavuçu	zatúku
756.	pica-pau do campo	urititi
757.	pica-pau do mato	bɔpɔre, bɔpɔre
758.	piçarra	tɔrírú
759.	pilão	kayákopo
760.	pimenteira	hombodokuíká, hombodokweika
761.	pimenta	bodɔk ^{wá} , hambodok ^{wá}
762.	pintado	odoáre, oloáre
763.	pintura de jenipapo	ɛkárino (no homem) pururukú (na mulher)
764.	piquizeiro	heu, heoí
765.	piranha	buye
766.	piraputanga	alárekɔre
767.	pitombeira(árvore)	ambodok ^{wána}
768.	pituca (no cabelo)	áremutú áremutitɔ, fazer pituca
769.	piúva(árvore)	hurí
770.	placenta	utɔ
771.	planta do pé	iburíɔtɔ, ibúrezatá
772.	plantar	tutɔ Atukare umataká tutɔ yo milho planta na roça
773.	poaeiro(pássaro)	uɔi, ui kuriká
774.	podre	pθekáte
775.	pólvora	boiká utú
776.	pomba juriti	mitú adok ^{wána}
777.	pomba rola	mitú kuriká
778.	pomba trocaz	mitú uokopono
779.	ponta de flecha	biɓo (de taquara)
780.	ponte	yatái porú
781.	por quê?	matuní
782.	porco do mato	bɔtɔrekare
783.	preguiçoso	karí

784.	preto (cor)	helotufĩfi, belotufĩfi, helatofĩfi
785.	prima	abendo, afĩmbe, afĩbe
786.	primo	abiolo
787.	pulga	iyereɛ, yereɛ
788.	pulmão	upú
789.	pulso	yatapare, iyatapáre
790.	quadril	ibunlapáre
791.	quatro	umeta pituk ^{wá}
792.	queimar	hutaki
793.	quente	bárukututú
794.	quineira(árvore)	uburú, kálani, imbiritu imburukálana jĩbiritú
795.	queimada	botá
796.	queixo	owarimbá, ovarimbá
797.	rã	eyona, iyεuno
798.	rabo (pássaro)	ɔ
799.	rachar	ikupú ɔtɔkatɔ pau rachar
800.	ralador	iká
801.	rancho de festa	zári
	mortuária	
802.	rapadura	píro
803.	raposa	akákono
804.	raso	karikiĩfi, po karikiĩfi, rio raso
805.	rastejar	enapodo ɔmbolotɔ seguir rastro
806.	rastro	burɔzá
807.	rato	aputo
808.	rede de dormir	pupurína
809.	rede de pescar	buke
810.	redondo	uyálaká
811.	remédio	baparɔ
812.	remo	báruk ^{wá}
813.	repousar	imo
814.	respiração	napolojĩ
815.	resina de almecega	ijorú
816.	resina de jatobá	uáfĩpe, uáfĩpθí, uáfĩpθí
817.	resina preta	menaku
818.	rim	itámbutú
819.	rio	pɔ
820.	rir	zareka
821.	rir bastante	zareka kojĩpore
822.	roça	ɔo, iɔo,

823.	rolinha	mitú kuriká
824.	roncar	enokoro
825.	rosto	aze
826.	roubar	zibikí
827.	roupa	emetá ametá, tua roupa
828.	roxo	helatí
829.	ruim	pikina
830.	sabiá	nonofírí, nolojírí
831.	sabugo de milho	aká oza
832.	sagui	olombí
833.	saia de algodão	ametá
834.	saicanga(peixe)	oθipo
835.	sangue	kok ^w á, kək ^w á
836.	sapé	bolofo
837.	sapo	balarú
838.	sapo gia	dú, lú
839.	sarã(vegetação fluvial)	pupujiipo
840.	saracura	talakú
841.	sardinha	otomuna
842.	sauá	burú
843.	saudade	apore makiahá saudade tenho de você
844.	sairú(peixe)	apála
845.	seco	kí
846.	sede	koyakiá, ikoyákiá
847.	seiva	jiúruk ^w á
848.	semente	aká
849.	semente de urucum	noloka biriká
850.	sentar	amokoto
851.	sepultura	boza, bozá, epamoto
852.	ser (verbo)	táre áuue, é para você! matí, que que é? máte-ká, o que é isto? zatí, o que é? áuue, para você okímate, o que é? máipa, como é? (que falou?)
853.	seringueira	umoní, ubonofí, umono, fruta
854.	sim	he
855.	sinimbu	irimbe, hiribe
856.	siriva	botoleiká

		botodok ^{wá} , côco
857.	sobrancelha	zemanotó
858.	sobrinha	manondo, tio falando ifãndó, tia falando
859.	sobrinho	manondo, tio falando indõndó, tia falando
860.	socar	amukoro
861.	socó	o
862.	soco	inopí
863.	sogra	upú (mãe da esposa) imako (mãe do marido)
864.	sogro	inoto (pai da esposa) zuko (pai do marido)
865.	sogros	olobó
866.	sol	mini
867.	sol do meio-dia	baru (sol do meio dia)
868.	sola do pé	abure, otó
869.	solo(terra)	moto
870.	sol quente	báru
871.	solteiro	bokubo
872.	sonhar	ifalalatú abiolo kuriká ifalalatú criança pequena sonhando
873.	sono	unóri, unóri
874.	sopa de milho	umatakáurú
875.	sucuri	zure
876.	sujo	durú
877.	surucucu	ebú
878.	tacape	ádo
879.	tamanduá bandeira	bue
880.	tamanduá mirim	apo, ápo
881.	tanga	ametá
882.	tapera	ifipakí
883.	taquara	bifó
884.	taquarinha	tuuk ^{wá}
885.	tarde	míni pototá
886.	tarumaneira	ozepirini (árvore)
887.	tatu bola	botómbure, mótómbure
888.	tatu canastra	botóri
889.	tatu cascudo	hoáre
890.	tatu galinha	ufiká
891.	tear	kapána
892.	tecer	hotó amatá pupurínone mulher fazendo esteira
893.	tecido	fu anátitó

894.	teia de aranha	pano está pronto bakáyɔkɔre bɔke bakayukɔre ubuke (buke, bɔke, rede de pesca)
895.	tembetá	balapáre
896.	tembetá de osso de veado	ɔtɔkíkutúnitú
897.	tempestade	odombo kofípore vento grande
898.	tempo	hindɔndotɔre (tempo triste)
899.	tempo(passado próximo)	majála(faz tempo)
900.	tendão	kipíro
901.	ter	kiáuí
902.	terra	moto, mutɔ
903.	terreiro	bododo, bololo
904.	testa	zoalá
905.	testículos	bati
906.	teu	ame
907.	tia	imakorienotɔ, imakurínɔtɔ, irmã mais velha do pai imakurikánɔtɔ, irmão mais moça do pai
908.	tição	zoro bijá, zorokopo, zorukopo
909.	timbó cipó	ú, hú
910.	tinta de jenipapo	be urú, be ɔru
911.	tinta de urucum	nɔlɔk ^w á biriká, nɔnɔkwá biriká
912.	tio	zukurína, zukóriena, irmão mais velho do pai zukurikáno, irmão mais moço do pai izukurína, irmão mais velho da mãe izukurikáno, irmão mais moço da mãe
913.	tirar couro	birika tá
914.	tocanguira	ɔri, ɔrí (espécie de formiga)
915.	toco(pau)	ipukú
916.	todos	urí
917.	tomar	imí atabe, eu tomei (de alguém) áye lapopo, toma áye lapopo aáue

		toma para você
918.	topete(de pássaros)	azoruk ^{wá}
919.	tórax	upurú
920.	tosse	koyakore
921.	tossir	koyakore
922.	tovira	huribí
923.	trabalhar	amati
924.	traíra	dekapo, lekapo
925.	trazer	atápomoto
926.	três	puperiká
927.	triste	pθok ^w akí
928.	tronco	ʃĩ, oʃĩ (parte de cima) ʃĩpare, ʃĩpare
929.	trovão	buáno matára, boina matáre, está trovejando boina, chuva matáre, falar
930.	tucano grande	hōpare, hupari
931.	tucum	boi, boi bō, cōco bōyu, broto buyiruk ^{wá} , fibras de folhas velhas
932.	tudo	bota
933.	tutano	lakōza
934.	tuiuiú	matayá
935.	um	inukuruk ^{wá}
936.	umbaúba	ok ^w aboi
937.	umbigo	ipōpuna, apoponá, upupúna
938.	unha da mão	hino, áina
939.	unha do pé	imbírino
940.	uretra	imbuzá
941.	urina	urutá
942.	urú(ave)	kúkō, aiko
943.	urubu	balatú
944.	urucum	nonok ^{wá} , pé noloká biriká, semente nonok ^{wá} biriká, semente nonok ^{wá} biriká, tinta de urucum nonokweiká, tinta de urucum
945.	urutau	boiatáu kuriká
946.	útero	ore metabuebijĩ
947.	vá!	áti bododo titō

		vai terreiro fazer
948.	vaga-lume	zokono
949.	vagina	omazá
950.	vara	bazunlá
951.	varrer	boitoto
952.	vazio	ozahetɔ
953.	veado	atiputití (atiputiti)
954.	veado mateiro	atipɔnɔ, atipono
955.	velha	mifɔtɔ (mulher velha)
956.	velho(adjetivo)	mifina
957.	vento	odombo, olombo
958.	ventinho	borirí
959.	ventre	apírúk ^{wá}
960.	ver	ame ifiriká nɔko imí você me ver não eu
961.	verde	kipazo hakí (no sentido de milho verde)
962.	vermelho	berete
963.	verruga	pθimína
964.	vidro	uáfipe
965.	vingar	katok ^w alakána (vingar sem matar) kínumaʃekí (vingar para matar)
966.	virgem	enok ^w areponotɔ
967.	viúva	marezaretiná ?
968.	você	ame
969.	zangado	zenukí azenuk ^{wá} , você está zangado comigo?

Narrativas coletadas durante minha pesquisa de campo, junto aos meus dois colaboradores: Antônio Apodonepá e Joaquim Kupodonepá. O objetivo de coletar essas narrativas foi o de analisar a presença ou não de traços de ordem léxical, fonética, morfológica e sintática da língua Umutína.

Narrativa I (versão do Senhor Antônio Apodonepá)

Quer dizer que essas Mutina, *quele tempo*... eu num sei se ele contou essa história, porque *aquele tempo* num tinha o povo no mundo, né, quando Jesus formou o mundo, né. Num tinha ninguém. Então este homem, Deus que escolheu este homem. Foi Deus, né. Que colocou aqui em cima dessa terra. Então este homem... E não era mata, era cerradão que a gente olhava loonge assim, enxergava. Agora é matão arto, num enxerga mais nada. Então este homem ficô nessa terra aqui memo. Tempo inteiro, inda diz que ele rodeô este mundo

tudo. Foi rodeando, arreparando por aí tudiiinho, né. Rodeô por lá... aí diz que ele veio e ficô aqui nes.. nesta terra memo, né. Nessa terra memo ele ficô aí todo tempo aí. E daí ele saiu outra vez no memo caminho que ele ia. No memo caminho que ele ia, aí... apareceu um arvoredado com frozêra né, e abelha chupando frô. Ele cismô com aquilo ali. Cismado, ali... e aí ele foi chegando, devagar, devagar... Daí ele foi, pegô um frô. Cherô, diz que tava cheroso, cheroso fala *pitukwá*, né. Que é, né. Aí ele olhando, aí ele foi e pegô um punhado do frozêro. Da onde ele ia, ele foi sambiano no caminho dele. Quando ele táva lá diante, chegou... E apareceu, formô os pessoal, e era diz que sóoo Umutina, e aí ele vortô pensando naquilo e vortô, aí procuraram o nome dele que era, eles fala, na linguagem, *mitikami*, *mitikami*, é a linguagem nosso, né. *Mitikami*, *mitikami* e aí ele botô o nome, né *otopô*, *otopô* *otopô*. Então ficô. Era só os índio memo. Aí ele trouxe, levou na casinha dele. Levô na casinha dele lá, ficô tudo lá. E ele saiu outra vez, no mesmo caminho que ele ia. De repente pareceu uma figueirona lá na frente dele, antes dele chegar. Aí que ele foi repará no caminho, aqueles frutão. Frutão memo. Aí ele olhou, pegô, olhou. Ele achou bonito também. Falou que *pitukwá*. Aí que ele foi reparando e foi pegando punhado dele, e saiu, colocô traveiz no caminho e foi. Foi embora. Quando tava lá na frente, começaro ir pra trás, era só os índio. E tinha branco também misturado, todo tipo de índio. Daí ele vortô, procuraro o nome dele, e pôs o memo nome que ele colocô antes. Falaro tudo na linguagem com ele. Daí levô tudo pra casa dele. Eles foram, ficou cheia de povo lá. Daí ele foi fazê trabaiá, fazê frecha pra todinho, né. Trabiando ali, depois de frecha tudo pronta. Aí ele foi repartindo pra cada um dele, e foro recebendo, foro recebendo as frecha tudo. Daí tinha um branco no meio, aí ele foi dá a frecha pro homem, homem falô que não, que esse num presta, que ele ia fazê. Que é esse que tem agora, armamento de fogo, né. Aí ele foi, deu pro Nambikwara, e Nambikwara pegô. Pegô a frecha, e olhou, achou bonito. Daí ele foi e falou pra eles dois ficá aqui nessa terra, e ele falô que não. Que eles ia embora pra lá. Por isso que tem esses índio por aí todinho por esse mundo. E os branco separado por lá e aqui ficô só puro Umutina, num tinha mistura nenhuma. Por esse que muitos povo fala, conta toda essas história pra nós. Agora tem essas mistura. Tão aumentando e os índio Umutina tá acabando, né. Tá só eu memo e Joaquim. Familião dele. Todo mundo tá procurando saber por que motivo que eles tão aqui, né. Daí eu contei a história pra lá, e aqui. *Naquele tempo*

só tinha puro Umutina, num tinha mistuuura nenhuma. Mas tinha chefe do posto aqui, só pra olhá os índio, né, governá os índio aqui. Aquele tempo num tinha nada, nada de carro, num tinha nada, nem telefone, nem rádio, num tinha nada, nada aquele tempo. Falei, esse Generar Rondon quando ele andô aí pra esse mundo aí, rodiando esse mundo aí, parô lá na terra dos parecizada. E tinha Nambikuara lá incomodando os garimpeiro, pedindo só comida, comida, comida pra comê. Então ele num conhecia Generar Rondon, né. Aí que ele falô que ele era gerar. Aí que ele fizero... comunicaro ele lá. Mandaro ofício pra ele lá no Brasília, de lá ele mandô aqui. Mandô aqui para o chefe do posto, chefe depois tava lendo pra nós tuuudo vê, encarregado de roça tudo escutando aqui. Daí falô “é, tá vendo só como que tá, Generar Rondon mandô í buscá esse povo”. E nós num sabia que ia ficá desse jeito. Senão num tava assim não. Aí ele foi. Aí, trouxero eles tudinho quando tinha bastaaante paricizada, tudo era sortero, tinha só dois que tinha mulher co fio que eu conheci, tudo era criança, esses morreram tudo, os pais tudo morreu. O que tão aumentando mais é esses filho que dexaram, tão casado agora. Daí tudo procurando sabe, “então quer dizê que eles estão aqui de castigo, né?” Acho que é de castigo que eles estão aqui. Tá piorando mais aqui, né. (risos) Até doutô pra mim procurô sabe disso, né. Falei tá vendo só (?) Eu também não tô achando bom não porque aqui é nossa terra, né. Eles tão dentro de nossa terra, né. Agora eles querem dominá, mandá, que não pode, né. (Antônio Apodonepá, 95 anos

Narrativa II

Pois é, *naquele tempo* num tinha nada no mundo, eu vou contá este primero. *Naquele tempo* num tinha nada no mundo, nada, nada, nada o que comê. Então os povo comia, O povo daqui ia lá pro céu, né. De lá que vinha comida aqui pra povo comê. Naquele tempo tinha escada, diz que ia lá em cima. Aí o povo ia lá em cima, de lá, trazia. Morria, diz que ia. Ia morria aqui, ia lá e vortava. Ia lá e vortava e trazia comida pro povo aqui. E aí foi, acabando com tudo isso. Todo isso, e o curpado desse coisa é o São Pedro. O São Pedro ele andou pro mundo com Jesus, né. Aí São Pedro... Depois Jesus formô água lá na frente e a pedra. Aí ele foi chegando aí com São Pedro, aí ele foi e falou pra Jesus, aí Jesus falou pra São Pedro “como é que pode ser, São Pedro”. Aí ele foi e pegô a pedra, né.

Jogou n'água. Puuuu Aí sumiu, e num pareceu mais. Daí ele falou “é assim que é pra ser”. Aí Jesus num falô nada, né, ficô quieto. Por isso que tá assim. Morre, num vorta, morre num vorta, morre num vorta. Que ficou... e num podia falá nada, né. Tem que ficá quieto, né.(risos) Bom, e daí que ele foi outra vez. Aí... tinha aquela mulher né, com filho que sobrou aqui em cima da terra. Só a mulher com filho. Daí convidô o menino pra ir caçá fruta. Pra comê. E ele foi com ela. Aí cabô a fruta e convidô ele outra vez. Aí ele foi, ela foi e falou “me dá essa fruta, mãe... ah, fio”. Não, eu num vô mais. Num quero tomá chuva mais no mato. Dia intero no mato. Pois então eu vou matá você. Não mamãe, pode me matá, mas a senhora vai fazê uma roça aí. Uma roça, depois a mamãe pode me matá, aí enterra lá no meio da roça. Aí ela aprontou a roça, tudo, matô o menino, e foi enterrá lá da onde ele marcô. Daí passô diiii memo, aí ela foi lá visitá o cemiterinho dele. Aí o menino apareceu pra ela. Pareceu pra ela lá, e falô pra ela outra vez olha aqui mamãe, a hora que saí fartura aqui mamãe, cê reparte pra tudo esse povo. Por isso que tem, né, porque tudo esse foi Deus que deu esse poder pra esse menino com a mãe dele. Por isso que eu sempre falo co povo. Aí ficô. E eu acho que é assim memo aquele tempo, né. Quando era na Barra num tinha naaada memo na Barra. Tinha nada, nada, nada. E o povo comia só as frutera memo, fruta, fruta ... naquele tempo que era bom memo, aquele tempo.(Antônio Apodonepá, 95 anos)

Narrativa III (Versão do senhor Joaquim Kupodonepá)

Dois casal Umutina, casal, eles tem duas filha, né. Aí esses dois home saíro. Foi fazê caçada e num aparecia pa família, matava muito peixe, enchia jirau de pêxe, cada um com seu jirau. Passou tempo aí.. Duas fia foi atrás do pai. Foi atrás do pai. Chegô lá, num achô pai. Só achô moquém. E aí duas filha subiu num árvore em cima do jirau, cheia de urucum. (?) Aí assaro um piracutanga graande, (?) aí parece que pai chegô, abriu, num viu foi apanhá num sei o que, a menina rapô rosto e tirô urucum ah tá cru, tá cru aí (?) aí... foi mema coisa. Aí o home viu que tá caindo lá de cima, e viu duas menina lá em cima. Ô minha fia, cê tá aí, desce, desce. Aí desceu as duas menina. Aí diz que pai queria pegar a irmã. Aí escapou e correu, foi embora. Chegou lá e contô pra mãe. Papai tá com moquéém

de peixe. Aí falou por que que esses porcaria num troxe pra nós comê. Aí ficô lá. Sombra escureceu beem memo. Aí combinaram. Você tem coragem de matá meu marido? Eu tenho. Então cê mata memo. Eu mato. Aí duas filha foi. Chegô lá, matô os marido de uma outra. Aí a fia daqui que é de papai. Aquele de lá é dele lá. Aí mulher tomô conta de moquém. Tudo nós já (?) e foi embora.(Joaquim Kupodonepá, 75 anos)

Narrativa IV

Aconteceu lá em cima na beira do Bugre, né... Aí pra eles travessá derrubaram um pau por cima do rio pra vir pra cá. Atacaro os Umutína laaa não sei que hora, mas ninguém sabia o que que era. Pensava que era trovão, né. Era só tiro, daí eles tão vendo companhero caindo, aí um moço enfrento co frecha. Não adianto, morreu, né. Só um rapaz que correu, foi embora pro mato e uma menina também. Aí, essa moça foi lá na morte do povo deles, tuuudo morto. Não achou corpo desse rapaz, falou: “esse rapaz tá por aí, não morreu. Aí passou dois, três dia... Procuraram ele pro maaato, aí looonge avistou batida de machado, né. Aí, foi devagarinho , assim no rumo... Chegou lá, a roça do homem cercada de pau a pique pra nada mexê, né, bicho, essas coisa mexê co prantação dele. Aí, a moça sabia nome do rapaz. Chamô por nome, o homem assusto. Ué, quem tá me chamando? Aí,ele... a moça ficou quieta, aí tornou chamá de novo, aí ele passou a mão no arco, pego, veio co frecha, entrô no meio da roça, aí não encontro ninguém. Aí ele já ia vortando e tornou chamar. Aí ele veio berandiano a cerca e tava lá a moça sentada em cima da cerca. “oh ucê tai? Desce, desce. Aí, desceu ela, levou lá pra casa dele, deu de comê e fez má porque o estômago vazio, né. Foi comê e fez má pra ela. Aí cuidou dela, tudo e aí melhora e aí começo fica lá com ela, né. Ela mandô corta cabelo dela porque é muito comprido da cintura na nuca, que corto aí. Eles tiveram quatro casal de criança. Nessa época não existia mais nem Umutína. O rapaz e a mãe, a muié dele conversaram. “E agora? Nós temo filha já moçona, rapaziada tudo feito, Não tem quem casá co eles. Nem com nossa filha, nem co rapaz”. Aí conversaram direito. “Vamo fazê eles fica irmão com irmã memo pra aumenta Umutína de novo. Se não fazê isso não vai ter Umutína mais.” Aí fizeram, casaram irmã co irmão, aí foi

aumentando, casou primo co prima e teve esse povo Umutína de novo”. (Joaquim Kupodonepá, 75 anos)

Narrativa V

Vô fala primeiro uma história de uma mulher cô filho. Ela tinha um filho. Todo dia ela vai pro mato caça fruta pra comê, né, com guri de quatro ano, cinco ano, seis ano por aí, né. Aí, foi indo, foi indo... o guri injuô, falô assim: “ah, mamãe, eu não vou mais, tô sofrendo andando muito. Sai cedo e só chega à tarde. Além disso, toma chuva à noite, fica tremendo de chuva, de frio. Aí, um dia ela falô; “vamô outra vez, meu filho?” “ Não, eu não vou , mamãe, to cansado.” “E o que nós vai comê, filho? Eu falei “eu não vou memo ,mamãe. Amanhã vou pedi pra senhora me matá. Pega mão de pilão pra matá eu. Aí, a senhora vai procurá um mato, um cerrado meio ralo pra senhora me interra. Aí depois senhora vai roça e redor de minha sepultura. Então ela fez como o guri pediu. Roçooo, aí passou uns treis, quatro dia, tacou fogo. Aí ela foi lá repará como que ficou a sepultura do guri que queimô. Chegou lá, achou buniito prantação a redor da sepultura do guri, tudo. Aí ela ficou bem foi lá no pé de milho Aí vortô em casa pra pegá jacá. Aí quebrou milho, descascou, encheu o jacá dela e foi embora. Enquanto ela tá tirando cabelo de milho na espiga pra ela comê, foi relano, né... aí escureceu, aí a muié chamou filho dela pra vim bebê chicha e comê biju, milho assado... Aí muié apareceu, né, alegre com mãe. Aí custo, ele falô:”Mamãe tem homem que pediu pra mim qué ficar com a senhora. Aí eu falei que eu não sei é só cum ela, né.” Aí ele falou assim: “ Se ele aparecê, mamãe, eu quero que a senhora recebe bem ele, conversa com ele, vão se entendê. E assim foi. À noite, a muié diz que não dormiu esperando o homem aparecê, naaada. Manheceu, não apareceu ninguém. Quando foi o outro dia à noite, o homem apareceu cedo. Aí ela recebeu ele bem, conversou, deu chicha pra espanto dele. Aí ficou com ela. Aí, passado o dia, ele pediu que é pra ela levar ele lá na rocinha dele. Ele ia roçá. Ela foi lá com ele, mostrou a roça, aonde foi a sepultura do guri. Aí ele foi roçá, chegou tempo de queimá roça, ele tacou fogo. Aí outro dia ele pediu pra muié; “Vamô lá na roça eu prantá as coisa. Chegô lá, tá buniito de novo a prantação. Nem deu traiaio dele prantá e aí ninguém sabe de onde apareceu essa muié com

criancinha que ela não tem nem homem. Acho que foi Deus que colocou ela com o guri por aqui. Deus que deu essa força pra guri fazê prantação pra mãe, porque mãe ficou sozinha, sem ninguém. Depois que ela ficou com o homem. Ninguém sabe se ele teve criança com essa muié. Aí matou o guri, aí ela não passou fome, não. Nesse lugar nasceu tudo, nasceu milho, banana, arroz, batata e cará. Tudo o que o Umutína gosta. (Joaquim Kupodonepá, 75 anos)

Textos de Luciano Ariabô

O' rebutá Barepô

Hindondo mokotarintono , moto azahetó, balatiponé kiwá, unukukwarekwá aixoré kamé haypuku amenú moto toré makewá. Haypuku unukukwarekwá boanã atabé balaporé inyanzó, tokwá, piro samatí o'rebutá barepô. Haypuku bunla óri, haypuku matí o'rebutá barepô totokótika. Haypuku samati balatiponé.

O surgimento do homem

Antigamente, a terra era vazia, não existia o povo balatiponé, somente um ser grande andava na terra muito triste. Um dia Haypuku resolveu juntar folhas de árvores, frutas, mel e ele fez surgir homem. Haypuku começou sentir dor na perna e fez surgir homem da barriga de sua perna. Haypuku criou os Umutína-balatiponé.

Jibiki xó

Hindondó, Mení, Harí héhé barepô amenú moto. Katamã akimolo pitukwá, biamutú haré urí, Katamã matí xó pitukwá. Boanã unukukwarekwá Mení jibiki xó katamã, ta tutó aloaré apwê pó, abiondo katamã epatiaponoki pó rikixi aloaré matarení imi Yoko katamã atú botori há pó tamaní xó ouá ta haré noko, biamutú Mení, Mení pwê há xipá ouá xó katamã.

Harí tutó Maní, Katamã biamutú Harí, Katamã atabé haré héhé harí, pwê xipá. Katamã zatô harí aza ho.

Mení zemono, Mení pwê xipá katamã, atabé laká haré atu taxipá. Mení boikomô há Harí o'rebuta.

O roubo das flechas

Há muito tempo, o Sol e Lua eram homens e andavam na terra. Havia o martin pescador que pescava muito bem, matava muito peixe. Martin pescador fazia flechas muito

boas. Um dia o Sol roubou as flechas do martin pescador transformando em pintado indo para o rio, os filhos do martin pescador que estavam brincando no rio viram o pintado e chamaram seu pai martin pescador que foi correndo no rio, atirou todas as flechas no peixe, mas não matou o Sol, o Sol vai para a casa com todas as flechas do martin pescador.

O Lua tenta imitar o Sol, mas katamã mata o peixe que é o Lua, katamã pega o Lua leva para casa e o cozinha e todos comem.

Preocupado com o Lua por não ter voltado, o Sol vai até a casa do martin pescador e encontra só os ossinhos de peixe leva para sua casa. Mení canta para o Lua e ele ressuscita. (resumo da história “O roubo das flechas”, do povo Umutína)